ANNO XXVI — N.º 3
Rio, 16 de Janeiro de 1932
PREÇO: 1$000

O conto brasileiro

AGONIA

DE

GILBERTO VEIGA

— QUE horror! Falta-me o ar e as forças impiedosamente me abandonam. Meus olhos baralham as imagens e as minhas mãos se vão tornando frias. A bocca sabe-me a sangue e a lingua secca se agita convulsivamente. Sinto nas veias o sangue arrefecer e um suor gelado brota-me da fronte e ao longo da espinha. O coração, — fonte perenne de todo o meu amor e carinho, — vae, parando aos poucos, como um relogio a que falta corda. Somente o cérebro persiste. Elle que deveria em primeiro logar abandonar-me ás garras aduncas da morte que paira sobre o meu corpo bello... Tenho a consciencia perfeita. A minha vida se esvae, lenta e cruelmente, com o suor que me estúa dos póros dilatados. A lassidão dos nervos, o torpor dão-me somno. E' o somno ultimo. E' o transporte da vida para a morte. Como uma miragem, vejo tudo dentro da minha alma, tudo o que constituiu e tornou rosea a minha existencia de 18 annos: o meu primeiro amor, as minhas primeiras affeições, os meus mais intimos cuidados, o afecto de meus paes... e, por fim, as azas negras da morte esvoaçando, como um morcêgo funebre, sobre a minha mocidade que se vae...

— Não fales tanto, filha! Em breve estarás bôa e a vida te parecerá mais bella e risonha que nunca. O que sentes, o que vês, vem puramente dos teus nervos gastos. Procura dormir. O somno te restituirá a calma.

— Dormir! Não falar! Dentro em pouco, o meu somno será profundo e eterno como uma pedra que jaz no fundo do oceano. Por que não falar nos ultimos momentos que me restam de vida? Sempre pensei que a melhor maneira de afugentar o mêdo é cantar. Quando a gente canta não póde pensar com tanta lucidez como si estivesse no recanto de um bosque sombrio, immerso nos nossos proprios pensamentos. Não posso cantar: deixae-me, ao menos, falar. Neste momento eu sinto que se abre, entre mim e a vida, um vácuo de dimensões incalculaveis. Vejo o sepulchro branco, de bôcca escancarada para mim, como a abertura hedionda de um vulcão devorador! No fundo desse sepulchro, o gérmen que ha de pastar sobre os meus seios marmoreos e de linhas harmoniosas, tornando-me ao pó, ao nada!

Allucinação!... Não! Os allucinados são bem mais felizes que eu: misturam as idéas, sem distinguil-as. Não soffrem os horrores da lucidez. Eu penso. Eu vejo. Não com os olhos mentirosos do corpo, mas com o tacto inilludivel da alma, que o meu fim se aproxima de rojo, a galope. Que horas são?..."

— Quatro da manhã. Mas, por Deus, minha filha, não te exaltes assim. Tal esforço poderá ser-te fatal.

— Quatro horas! E o dia tão longe! Tenho a certeza plena de que não verei mais o sol. Todas as manhãs eu ficava á sua espera como uma amante ciumenta que vê o seu bem-amado regressar de uma noite de orgias. E elle, conscio do desprezo em que me havia deixado durante toda uma noite de angustias, entrava de mansinho, todo rendilhado através da cortina da janella e vinha, de rastro, beijar-me os pés, envolvendo, por fim, num amplexo carinhoso de raios doirados, todo o meu corpo moço. O sol é vida: elle nos lembra cabellos loiros de creanças e seáras maduras. E' elle quem géra os diamantes, amadurece os fructos, purifica as almas. Como é bonito o sol! Como custa esta noite! A noite é morte: quando de luar, recorda-nos as lousas, os marmores dos cemiterios e a neve da velhice. De trevas, os martyrios dos sem tecto e sem pão, os remorsos e os crimes das almas impuras. A noite alimenta os pantanos, abre a terra aos fogos-fátuos e confunde bons e máus em silhuetas identicas. E eu não verei mais a manhã! Não sentirei mais o sol! Quando elle vier, ha de chorar lagrimas ardentes sobre o meu corpo branco e gelido. Quatro horas! Abre a janella, pae...

— A noite está fria, minha querida, e póde fazer-te mal. Cala-te em nome do céo. Tem piedade de ti e de nós, que te adoramos. A tua mocidade é o arrimo e o confôrto da nossa velhice. De mim e de tua mãe, que te extremece. Ella, a tua mocidade, reflecte o nosso passado morto e lembra o nosso amor de longos annos. Não esmoreças! Apega-te á vida e viverás. Reage contra o desanimo que te procura amordaçar. Sê forte! Confia em

(Conclúe na pag. seguinte)

Quando as [...]

GABINETE de mulher bonita. Moveis simples, em charão azul. Espelhos esguios. Estatuetas. Vidros de Caron, Deletrez, Guerlain... Telas magnificas nas paredes; almofadas esparsas pelo chão. Na janella aberta, a brisa faz dançar a cortina de fios esgarços. Meio crepusculo.

Clélia, 18 annos, loira e linda, em "déshabillé" de rendas, bistra o vortice dos olhos, á claridade difusa de um quebra-luz.

Lúcia, 20 annos, morena, mordisca damasco, numa das mãos o numero de Natal de FON-FON.

Anna Maria, pallida, languida, figurinha de Tanágra, repousa numa pilha de almofadas, apoiando nas mãos esguias e lyrias, de pontas affiladas, a cabeça espiritual de musa inspiradora.

LÚCIA (*com naturalidade, ultimando leitura em voz alta, illuminada pelo quebra-luz de sôbre a penteadeira*). —"...ou dá, por elle, a sua alma ao diabo, como o *Fausto* de Goethe."

CLÉLIA (*sorrindo para si mesma no espelho*). — Interessante, esse Yves...

ANNA MARIA. — E perigoso...

LÚCIA. — Perigoso?!

ANNA MARIA. — Sim, perigoso... A alma dos poetas é como a alma das mulheres... Inconstante e varia...

CLÉLIA (*maliciosa*). — E onde o perigo?

ANNA MARIA. — O Yves é um intencional...

LÚCIA. — Intencional?! Mas si intencionaes somos sempre! Não vês como Clélia esgarça os olhos, para enlouquecer Gustavo? E tu mesma, afinal, como justificas esse requintamento que te faz unica?

CLÉLIA. — E Fábio, Anna Maria? E sua louca paixão por ti?

ANNA MARIA (*indifferente*). — Fábio, querido, é, como o Yves, um poeta...

LÚCIA. — Mas...

ANNA MARIA. — Tornemos á chronica do Yves; tenho-a por bonita e intelligente. No entanto...

CLÉLIA (*interrompendo-a*). — Que farias tu?

ANNA MARIA. — Eu?

LÚCIA. — Sim, si estivesses nessa alternativa de "renunciar soffrendo, podendo ser feliz ou desgraçada na posse"?

ANNA MARIA (*interessada*). — E tu? Que ajuizam essas vinte primaveras?

Ha um momento curioso de silencio; Clélia solta o arminho com que se empoava, virando-se na banqueta, a sorrir maliciosa para Lúcia.

LÚCIA (*num tom de voz suave, muito suave, as faces ligeiramente ruborizadas*). — Seria feliz... (*E esconde nos braços a cabelleira negra de meridional.*)

ANNA MARIA (*a Clélia*). — E tu?

CLÉLIA (*desnorteada*). — Eu?... Eu?...

O quebra-luz rola, tocado num movimento nervoso de Clélia, e o som da lampada, quebrando-se, dança-lhes por instante nos ouvidos.

Envolta em crepes, a Terra inicia o somno; algumas estrellas scintillam, no além, emquanto a luz da lua penetra o aposento, meio tamisada nas dobras irrequietas da cortina.

Como um ciciar de brisa, a voz de Clélia foge dentre os labios:

— ... Não sei...

A lua avança, robusta, a acariciar a cabeça esculptural de Anna Maria...

Um suspiro profundo eleva-se no ar, quebrando os scismares em que se perderam suas almas de mulheres moças, em pleno esplendor de vida. A curiosidade acorda nos olhos de Lúcia e Clélia, onde se espelha a languidez de Anna Maria, cujo rosto, já de si pallido, figura marmorecido pelo luar.

AGONIA

Deus e nas tuas forças, e a saúde te receberá, de regresso, entre rosas brancas e lyrios perfumosos.

— Não chore, paesinho. Os filhos são os rebentos queridos dos paes. E não se póde quebrar um ramo da arvore sem que ella soffra as consequencias, bem sei. Mas, as vossas lagrimas cahem-me no coração como punhaes agudissimos. Soffro duplamente: pela molestia que me vae corroendo as entranhas e pelas dôres que sinto nos vossos olhos pisados. Guardae as vossas lagrimas. E quando me levarem, quando o meu corpo ficar isolado do mundo pela tampa eterna do meu tumulo e o meu nome bailar em labios amigos, então deixae que as gottas rolem dos vossos olhos em memoria da filha que se foi para todo o sempre, levando nas pupillas paradas as i m a g e n s dos velhos paes, que ficam a velar os restos da sua p r o p r i a alma, uma saudade desmedida e inapagavel.

— Filha da minha vida, sangue do meu sangue, alma gemea da minha, tem piedade! Não nos abandoneis! Que nos será a existencia sem o teu affecto, sem a tua graça, sem a fragrancia que de ti exhala, perfumando os nossos ultimos dias, sem o calor das tuas

...s defrontam...

Clélia (*como que a medo*). — E tu, Anna Maria, não nos diz nada?

Anna Maria integra-se ao momento; cerram-se-lhe os olhos; unem-se as mãos, como em prece, e os lábios divinos se entreabrem, num rythmo suave, emquanto lágrimas rólam, silenciosamente...:

— ...Sim... Eu lhes direi "Symphonia"...

Lúcia (*admirada*). — Poesia?!

Anna Maria (*dolorosamente*). — Um poema...

Clélia (*descrendo de ouvir dizer versos a Anna Maria, que são gosos dos poetas*). — o autor?

Anna Maria (*commovida*). — O "meu" Poeta...

Lúcia (*abysmada*). — "Teu" Poeta?!

Clélia (*igualmente abysmada*). — Mas quem é?!

Anna Maria (*provando uma lágrima na extremidade rósea dos dedos*). — Segrêdo... Elle já "partiu"...

(*E, baixinho, quasi soluçando*):

SYMPHONIA...

"Vieste sorrindo para mim,
olhos cantando estranhas harmonias...

— "Meu louco sentimentalista!
Quero que tanjas a encantada lyra
de cordas de crystal...
Quero sonhar!
sentir, dentro de mim, a essencia mesma
da Felicidade!
Dedilha,
meu poeta,
a tua lyra.

Traze-me o Vento... o farfalhar dos bosques...
o marulhar das ondas coloridas!...

Canta, em surdina,
o murmúrio encantado das cascatas,
e a esplêndida brancura das espumas...
o azul do Céu! o verde das Campinas!...

Dá-me, a ouvir, tons de luar
sonorizados!"

E de meus dedos sábios
surgiu a fantasia.

Cerraram-se-te as pálpebras:
Sonhaste...

E vindo a hora da melancolia,
a luz se mascarou, filigranada
emquanto o Sol fugia...

... Então, uma outra lyra dedilhei, baixinho...
Os lábios te beijando de mansinho,
trouxe-te á Vida, em tons enluarados...

E de meus sabios dedos commovidos,
uma canção sensual se ergueu aos teus sentidos!

...
...

Depois...
um sorriso brilhou por entre as lágrimas...
e embiocados, nas mãos, os olhos razos d'agua
olharam lindamente para mim!

"O Amor... Que é o Amor?
Quem o ousará interpretar na Vida?!"

Ao dedilhar, da lyra, as cordas retesadas,
para buscar-lhe a traducção na Vida,
num soluço demente,
num gemido profundo
que se espalhou no espaço e se perdeu no Mundo,
... as cordas de crystal quedaram-se partidas!"

Eug. Lapagesse

Conclusão

Palavras, sem o afago tépido e macio das tuas mãos eburneas... A tua mocidade dá calor e brilho aos nossos dias obumbrados pelo occaso. E como te queres ir?! Como nos queres abandonar?!

A vida é transitoria e vaga como as ondas irrequietas. O destino é o vento, que a impelle, e a morte a calmaria do seu termo. Que importa a minha mocidade si o vento do destino cessou e a calma vae-me enregelando o coração? Já nada vejo! A noite eterna começou em mim! O coração pulsa tão devagarinho, que não o sinto mais! O tacto me fugiu de todo! As idéas se confundem... As palpebras pesam como se fossem de chumbo... A lingua...

— Filha! Filha da minha alma! Senhor Deus dos desgraçados, por que poupaste a arvore, esmagando-lhe os fructos, decepando-lhe os ramos, deixando-a sem sombras e sem ninhos, exposta ao frio do inverno e ao rigor do estio, á escarpa de uma estrada solitaria e triste, e sobre o seu tronco nú a piar para sempre o môcho negro da saudade?!

* * *

Sob expessa bruma, o sol appareceu sem poesia, triste e sem calor, como lamentando a falta do olhar carinhoso da amante gelada.

A HERANÇA DO

— PARA falar com franqueza, meu amigo, o meu tio era uma especie de demonio ironico. Qualquer coisinha era uma peça. Tinha a volupia singular de embasbacar os seus semelhantes. Por um "dá cá aquella palha", achava origem para uma réplica confundidora. De todos os membros da nossa familia, eu era o seu preferido. Preferido do Tio Barnabé?... Hum!... Era eu já um rapaz de physionomia capaz de encantar as minhas collégas do curso gymnasial. Porém, apesar da minha altura e idade, o velhote gostava sempre de me acariciar os cabellos, de me tomar sobre os joelhos, como se faz com um garoto de poucas pollegadas. Aquillo me enraivecia; porem, mamãe obrigava-me a obedecer em tudo ao velho antipathico, enchendo, quando eu ousava desobedecêl-a, os meus ouvidos com a palavra "herança". A principio, nada comprehendi, mas, mais tarde, vim a saber o que queria dizer com essa palavra, magica para os parentes de um abastado, com que minha mãe enchia a bocca e abria os olhos desmedidamente. Assim, pois, para não contrariar a "velha", continuei a soffrer — digo bem "soffrer", porque desgostava, completamente, da presença do velho corcunda, enrugado — os carinhos, as caricias ironicas do tio — não lêsse eu nos seus olhos piscos e risonhos, olhos a Voltaire!

Como já disse, era eu um rapaz. E escovado"! Sabia vestir-me! Sabia calçar-me! Sabia obedecer á moda. E luxava! Não era, pois, nada de mais que as moças tivessem por mim uma certa "quéda"— quéda essa que não devia só á influencia de meu terno sempre novo (virado ás avessas), mas tambem ao nome de meu *Tio Barnabé* — que era tido e havido como homem rico. Eu, para falar a verdade, nunca vira nada dessa fortuna e perguntava a mim mesmo si ella existiria de facto, ou si o velho era um avarento. O certo é que, para o meu luxo, elle não concorria com um "tostão", apesar de sempre dizer, á minha bondosa mãe, que eu seria o "provavel herdeiro de todos os seus bens". Confiante no futuro, onde julgava ler um testamento em que era eu agraciado com o titulo de herdeiro universal do "titio" Barnabé, um dia, depois de ter feito uma "besteira" irremediavel, resolvi me casar com uma mocinha que dizia ter por mim (ou pela minha "provavel herança") um amôr todo puro... todo immaculado... todo santo... etc. etc. Como gostasse um "pouquinho" da tal mocinha, pedi conselhos a todos de casa, principalmente ao velhote. (Não ia desmanchar, por um simples casamento, a probabilidade que tinha de ser herdeiro! Isto não!)

Consentiram! O velhote consentiu! O casamento, como nos "films" em série, foi marcado para a "proxima semana". Fiquei embasbacado com a decisão do meu tio e ainda mais com a nervosa bôa-vontade com que se entregou a tratar dos papeis necessarios. Pensei logo que, com aquelle "para a proxima semana", meu "bondoso" tio preparava uma das suas. Mamãe, porém, com a cabeça cheia de "planos de herança", socegou-me, dizendo-me que toda a bôa-vontade do velho provinha no desejo de ter um garoto, com quem pudesse passar brincando os seus "escassos dias de vida"!! Acreditei piamente na "velha" e calei-me. Queria meu tio que o casamento fosse á meia-noite — desejo de velho, dizia minha mãe — e sem pompas. Ah! Subi ás nuvens: um casamento sem bailes, sem comezainas, não é casamento! Outra vez a "velha" amainou a tempestade que me ia pela alma, aconselhando-me calma, que a festa ficaria para depois do velhote ter espichado o arcabouço. Consolei-me!

Meu tio, como já disse, cuidou de todos os meus papeis. No dia marcado para a cerimonia nupcial, eil-o que desapparece, sem deixar vestigios. Ficámos atordoados pelo seu desapparecimento. A' tarde, surgiu-nos um padre dizendo ser enviado por elle. Explicou o desapparecimento do meu tio como um desejo de não nos incommodar em nada. Mandava-nos dizer que os papeis civis já estavam prom-

TIO BARNABE'

ptos, isto é, — que só faltava a palavra da Igreja. Mal humurado, como deves fantasiar, entrei na capellinha de nossa casa, com a minha futura esposa ao lado e com as testemunhas. O padre, depois dos "sim" — "sim" sinistro que nos amarra para sempre — deu começo a uma ladainha interminavel. Durante tres dias o velho não appareceu. No quarto vimol-o surgir com o rosto carrancudo, cheio de gestos desabridos, ameaçando-me com as seguintes palavras:

— Então não valho nada nessa casa? Como se casou sem o meu consentimento, sabendo você ser, no futuro, meu herdeiro "provavel"?! Não consinto no casamento... a menos que queira perder a herança!

"— Como — disse eu, estupefacto — si já estou casado ha tres dias!

"— Casado! Casado! Casado o que?! O teu casamento por parte da igreja não existe, porque eu era o padre. Quanto ao civil, nunca existiu!

Ouvindo isso, minha mulherzinha desmaiou e eu, si não fôsse o olhar de minha mãe, daria ali mesmo cabo do canastro do maldito velhote!

E, depois de entrar em accôrdo secreto com a minha joven esposa, minha mãe aconselhou-me a separação.

"Separei-me! Porem, para te descansar, amigo, no tocante ao destino da moça, dir-te-ei que, depois da mórte do velho, pouco tempo depois dessa aventura, sem escandalos, por se ter mantido tudo em segredo, me casei com ella, tendo tido antes o grande cuidado de escolher um padre que tivesse o corpo erecto e os olhes um tanto ou quanto parados. Precaução! Podia ser que, de alem-tumulo, quizesse ainda o "Titio querido" — como eu dizia em minhas cartas — nos pregar uma peça, vestindo uma batina de um ministro de Deus! Podia!

"Separado, pois, da minha cara-metade — como se diz nas tragedias — minha mãe deu-me o grande conselho de captar, novamente, a amizade do velho — amizade que me causava nauseas. Captei-a, pois, um dia, eu o vi ditar ao tabellião o testamento em que me fazia herdeiro universal. Duvidei — como nos dias do meu casamento — da bôa vontade do velho. Porém, o tio Barnabé, já de cama, socegou-me ao me pedir perdão de certas peças, desejando que minha mulher voltasse para "desfrutar commigo" da fortuna que elle me deixava"! De mal a peor, o seu corpo foi se alquebrando ao sopro da mórte e não sahia mais da cama, tendo por unico prazer o fumar e mirar um cachimbo de barro, que trazia sempre sob o travesseiro. Um dia antes de "bater a bóta", pediu-me que guardasse o citado cachimbo como uma recordação sua. No dia seguinte, espichava o pello. Vinte e quatro horas depois, era feito o enterro. Horas depois, era abérto o testamento. E eis a surpreza que o velho me fazia: como immovel me deixava o pardieiro em que morávamos, e como movel... o maldito cachimbo. No horror da illusão desfeita, arrebentei uma porção de janellas do cochicholo e joguei o chachimbo pela porta afóra! Minha mãe, que quasi enlouqueceu, seguiu, mezes depois, o mesmo caminho que meu "bondosissimo tio"! Antes o desapparecimento da "velha" e a miseria inelutavel, quasi que enlouqueci, tambem. Fiz das fraquezas forças. E lutei pela vida. Lutei muito, como um mouro. Nasceu-me um filho. Era uma bôcca a mais, mas que sabia encher o nosso pobre lar de bemditas esperanças.

"Um dia — sei lá que por estranho designio — meu Zezinho, brincando no jardim, deu com o cachimbo cahido no relvêdo, sujo e estragado. Enraivecido, sentindo despertar em mim a dôr de uma illusão desfeita; joguei pela janella. Mal jogado bateu na veneziana carunchósa e resaltou, indo se quebrar no assoalho.

"E — assombro! — de dentro do "movel" de meu tio, tres perolas rolaram pelo chão, entre os gritos meus, da minha mulher e do Zezinho! Era a suprema ironia — a ultima ironia do tio Barnabé! Estava rico... depois de tantas labutas!"

— Era a felicidade — completou José de Campos Feitosa, olhando-me e casquinhando gostosamente!

BERESFORD MOREIRA

A QUE ROUBOU POR AMOR...

Dir-se-ia um scenario marcado a rigor, "a la Pirandello". Uma atmosphera com tons de Bastilha e Scarpa. A oppressão dos personagens redundava num mutismo enervante e significativo. Pelos cantos, ordenanças, cansados e lentos, recostavam-se ás paredes. No fundo do corredor, o xadrez, de grades enferrujadas de humidade. E, collado a ellas, um ou outro corpo ignobil de mulher apanhada, bebada, nos cortiços infectos da cidade. E a figura imprescindivel do rábula, a voejar, faminto, como corvo em torno do cadaver putrefacto, a farejar algum noctivago bebedo, que de cartola e casaca tivesse sido trancafiado no xadrez. E, lá fóra, pesado de calor, o dia tropical amollecia, amollecia as almas, como uma nenia suave de amor que entra pelo coração e enlanguece do. lentemente...

*

Daisy Luiza entrou, trazendo os formosos olhos pisados de chorar. Deveria ter commovido o auditorio. Porque, na terra, todos os povos se comprehendem pelo soffrimento. E quando uma mulher chora, estremece, á vista do seu pranto, o proprio coração, invisivel das pedras. Entrou, trazendo, após si, um halo de pureza e de mocidade, um perfume todo feito de simplicidade e candura. Seu ar dolorido commoveu as almas que lhe não conheciam o romance. Trajando luto pela prisão do noivo, apparecia como uma grande mancha lactea contrastando com o negro rigoroso da veste. E a soldadesca displicente e abrutalhada perfilou-se, numa homenagem muda. A sua entrada provocou um movimento de compostura e educação naquelle amontoado de vontades escravizadas. Cadeiras surgiram, e ao fundo da sala apagou-se apressadamente um charuto que fumegava. A autoridade tomou ares de dignidade mal comprehendida. E o silencio continuou, pesado e plumbeo...

*

— Mas, senhorita, por que então o seu noivo roubou aquella colcha?

A assistencia agitou-se. Motivára isso o tom ironico com que fôra feita a pergunta pelo delegado. E Daisy Luiza lembrou-se, num ápice, do seu atormentado romance. Os dias negros que passára na capital, desde que deixára a provincia, attrahida por um "atelier" de costura que montaria no Rio. As suas primeiras desillusões. As suas primeiras economias, empregadas sem resultado. Os seus moveis que lhe enfeitavam e romantizavam o quartinho rescendendo a benjoeiro e manacá. Tudo se fôra, na bocca insaciavel do avarento de barba bipartida. A machina de costura, velha amiga do lar, que tinha cosido o seu enxoval de recemnascida. E, depois, sua mãe, paralytica e inerte. E ella sozinha para prover-se, a si e á progenitora. E, vendidos os bens materiaes, como naufraga, agarrava-se aos moraes, disposta a defendêl-os heroicamente. A sua candura. A sua pureza. A sua honra. Tudo isto é pouco no turbilhão tentador da urbs. Até que conheceu Marcello, um pintor visionario. Entregou-lhe a alma. Espectadora repentina de seu prematuro soffrer, viu os seus scismares acalentados á beira mar. Os seus castellos de ideaes, quando fugia do bulicio da cidade e ia para os penhascos, para o areal, longe da turba, longe das vozes que a chamavam. Não queria ouvir outra voz. A de Marcello ficára-lhe no coração, como si elle fôra a pellicula sensivel onde se grava a imagem. Sentia-se bem nas pedras, porque ellas eram bem semelhantes ao grande e immenso amor de Marcello. Voltadas para a onda, açoitadas pela borrasca, mas sempre firmes. Sonhava, inebriada, com uma daquellas casinholas espalhadas pela praia, pobres, mas que deviam ser felizes, escancarados com o despudor de quem não sente a miseria em que nasceu. O Christo pallido e romantico da capellinha de São Francisco, que lhe ouvia, diariamente, as supplicas. E, por fim, tudo aquillo...

Acordou do seu sonho, ouvindo a voz cortante da autoridade:

— Vamos, diga, Mademoiselle...

— Senhor, Marcello... roubou... por amor...

Os ordenanças riram ruidosamente. A autoridade sentiu-se plena de ironia e de espirito. Animavam-no as risadas dos subalternos.

— Por amor? Roubará alguem por amor?...

O delegado arrematou a sua pergunta com uma grossa baforada do charuto. Não poderia comprehender o que ouvia. Nascêra, filho de delinquentes e creára-se entre elles. Só não conseguira trilhar a mesma senda dos paes, mas dedicára-se a caçar os criminosos. Vivia entre confissões arrancadas por entre gritos de dôr e surras de cano de borracha. Roubar, por amor? Para alimentar o amor? O cérebro embrutecido da autoridade não podia conceber porque Marcello tinha roubado, para offerecer á noiva aquella custosa colcha de bordados recamados a oiro. Pois si, segundo ella lhe disséra, em seu depoimento, elle já lhe tinha offerecido um annel de noivado... Mas, arrematava o soffrimento, o annel de noivado de Daisy tinha sido feito de ferro e não de oiro, feito de humildade e de dôres. Ao banquete de noivado, si tal nome poderia ter, tinham comparecido somente os simples, os pastores, os poetas, os pintores visionarios como Marcello. E, para commemorar o acontecimento, o pintor quiz presentear a noiva com aquella colcha que tanto tinha maravilhado os seus olhos de menina. E roubou-a de conhecida casa de modas, aproveitando o bulicio de sabbado. E, mesmo antes que pudesse levar o thesouro á amada, foi preso. E, como a avalanche que desaba, impetuosa, serrania abaixo, tudo se diluiu nas sombras do desengano. Os castellos feitos. A alliança de humildade e de dores. A casinhola da praia. Tudo se escureceu como um morcego sinistro que voeja, soturno, pelas sombras da noite.

*

Daisy Luiza deixou a sala da delegacia, mais linda do que quando entrára. Chorava, mas não conseguira demover os corações que encontrára lá dentro. Apenas os rudes, os escravizados soldados se condoeram de sua sorte. Mas elles eram apenas grilhetas, e mais nada. Ao passar pela cella de Marcello, cruzou o seu olhar com o do noivo. E bebeu nelle toda uma vida de anseios e esperanças. E, pelo bulicio da Avenida, foi-lhe doendo nos ouvidos o casquinar da autoridade:

— Mas, senhorita, poderá alguem roubar... por amor?...

*

Eu amava Daisy Luiza. Eu era um homem que passava pela vida como um desconhecido. Olhava para os personagens do theatro grotesco em que vivemos como um espectador sombrio que assiste, sem um sorriso, ao deslocar dos palhaços nos circos de cavallinhos. E desde que Daisy começára a almoçar na pensão em que eu morava que o meu coração sentiu perdida a sua tranquillidade, meus olhos

DE

LAURO MENDES

se abriram, subitamente despertos do seu lethargo. Si algum dia eu tinha tido fé, certamente ella já se fôra até que o sorriso triste de Daisy fez o milagre de m'a devolver. E eu entreguei-me ao extase espiritual, e a minha melancolia, feita de saudade de algo que não existia, fazia-me o coração receptaculo de sentimentos suaves como si eu tivesse dentro do peito um jardim de violetas roxas. Tudo se converteu na realidade problematica de um sonho, que desde então acalentei, uma nuvem de céu primaveril diluida por entre uma chuva fina de doirado pollen. E fiz do seu nome o meu hymno glorioso de amor. Daisy. Nome tão lindo, pensava eu, nos meus arroubos romanticos, nome tão lindo que parecia uma lagrima da virgem. Si é que a Virgem chora. E, com seu fausto, Creso, era um mendigo ao pé de mim. Bom principio de loucura, diriam os scepticos...

•

Mas Daisy não me amava como eu desejava, eu o sentia. Como hospede da minha pensão, agradecia, com olhares ternos, tudo o que eu lhe depunha aos pés, reverente, como quem queima incenso á Virgem. Cercava-a de uma delicada teia de suaves homenagens, a que ella correspondia com a sua preferencia. A sua mamãezinha — o que não fazem as mamães no seu egoismo — a sua mamãezinha ignorava que eu procurava conquistar-lhe a filha. Por isto mesmo se negava a chamál-a ao telephone quando eu, abandonando o trabalho, queria beber uma gotta de suavidade na sua voz. Eu necessitava procurar subterfugios para dizer-lhe, por entre as nevoas de minha timidez, algo que lhe désse a entender o meu amor. E, si não tenho Daisy hoje é porque nunca soube dizer-lhe o que ella talvez anciasse por saber. Mas, hoje que tudo está mudado, agarro-me á taboa de salvação dos desesperados: a Fatalidade. Eu verifiquei um dia que Daisy Luiza já amava alguém. Já tinha encontrado nos olhos sonhadores de Marcello o seu complemento amoroso. Já se correspondia com elle, e já construiam os castellos. E contavam com um baluarte que infelizmente fôra a brecha por onde fugira a minha Felicidade. A mamãezinha gostava delle. Pobre mamãezinha, que o destino levou não sei aonde, como pudeste, no teu egoismo, destruir tanto castello que eu levantei nos meus devaneios no meu quarto de solteiro? Como pudeste, no teu egoismo maternal, afugentar o futuro que eu pretendia fazer tão radioso? Como poderias adivinhar, mamãezinha de Daisy, quando dizias *que eu era malcriado*, porque queria por força falar a ella, sem dizer o nome. Eu sempre te comprehendi, mamãezinha que vês, aterrada, um intruso occupar o coração de tua filha, e por isto te perdôo por teres sido a causa, embora involuntaria, de minha desdita.

Verifiquei, com amargor, o amor que Daisy Luiza dedicava a Marcello. Ouvi-lhe, como um confidente — e ainda tive este resto de felicidade — os seus sonhos, os seus castellos. Lembrei-me dos meus castellos. Lembrei-me dos meus tempos de criança, quando eu costumava alinhar, umas encostadas ás outras, muitas caixinhas de phosphoros. E, empurrando a ultima dellas, fazia com que todas cahissem estrepitosamente. E ria-me gostosamente. Mas aquillo era um symbolo da Vida. Vivemos tão apoiados uns aos outros, que o menor empurrão nos faz tombar por terra...

Soube que ficára noiva. Recebi o seu convite, de que me esquivei, com habilidade. Foi quando então a mamãezinha resolveu receber-me em sua amizade. O coração de Daisy já estava occupado. Eu era como um bicho papão de quem se esconde uma criança, com quem se amedronta uma criança. E por ella soube da felicidade de Daisy. E a sua felicidade foi tambem um pouco da minha felicidade da Resignação. Depois, soube do que lhe acontecêra ao noivo. Do roubo, da prisão, da acareação, da humilhação. E voltei novamente á pensão, não para procurar conquistál-a, trabalho que julgava impossivel, mas para consolál-a. E muita vez vi sua cabecinha reclinada no meu hombro, emquanto desafogava a sua dôr nas lagrimas. E dentro daquelle peito, ella mal o sabia, pulsava um coração que soffria por não poder fazêl-a feliz. Depois, os negocios me afastaram da capital. E levei para o meu desterro uma pontinha de felicidade. Vira uma lagrima rolar-lhe, assustada, pela mimosa face, quando se despedia de mim. Desappareci assim da vida de Daisy Luiza.

E algum tempo depois, quando já havia rugas na minha face, prematuramente envelhecida, havia tambem mais desenganos no coração e mais cabellos brancos na cabelleira. Eu soffrêra muito, eu enterrára a minha vida nos areiaes da Desillusão. Pobre mamãezinha, como me fizeste mal, sem o sentires...

•

Passaram-se os annos. E, com os annos, o esquecimento. Eu desembarcára em Cadiz, de onde me passaria, por terra, para Portugal. As viagens, os novos ambientes, os panoramas, tudo aquillo varrêra da memoria o meu primeiro romance. Vivia distrahindo o meu tedio por sobre os mares, nas cabines dos "Prince", nos salões dos "Pullman" e nas poltronas dos "Fokkers". E estava, pela vez primeira, na Hespanha, em busca do prazer, depois de cumprido o dever. Tinha um velho amigo lá installado. Procurei-o. Era uma autoridade policial. Pensei encontrar pelas ruas homens vestidos de toureiros a jogar bandarilhas em bois soltos pelas ruas. Não era estranho este modo de pensar. Muitos estrangeiros ha que pensam ser o Rio uma cidade onde, a todo momento, se encontra uma grande cobra prompta a morder ou um tigre prestes a sangrar-nos vivos. Mas fui encontrar o meu amigo installado em confortavel poltrona, numa sala de delegacia com o mesmo rigor "á Pirandello" que descrevi acima. Os mesmos guardas preguiçosos pelos humbraes. Mas faltavam os bajuladores e a rabulagem. Conversámos longamente. Minh'alma, como animal exhausto depois de longa caminhada, espojava-se prazeirosa no areial calido da saudade. E' este o grande consolo dos longe da patria: lembrar a doce terra onde nasceram, da provincia humilde onde choram os velhos idyllios mortos e as arvores assobiam quando o vento sopra, espantando o passarado. Lembrar os montes por onde, quando crianças, pensavamos que subiamos ao céu. Os regatos. O avarandado carinhoso do nosso lar. O outeiro do campo, o lendario outeiro onde a fada encantada do Amor punha a seccar espigas de oiro ao sol nascente...

O Progresso quebrou o nosso enleio. Um telephone tilintou. O meu amigo pegou do phone. Attendeu. A' medida que falava, demonstrava aborrecimento.

(*Continúa na pagina seguinte*).

A que roubou por amor...

(Conclusão)

Acompanhei o dialogo.

— Outra vez?

— ...

— Mas, onde?

— ...

— E o que disse ella?

— ...

— A mesma coisa de sempre? Então continúa louca. Continúa a dizer que rouba por amor? Tragam-na aqui.

Desligou o phone. Manifestei desejos de retirar-me, mais para não ser indiscreto que por vontade de abandonar o curso das recordações. O meu amigo deteve-me com um gesto:

— Vaes conhecer um caso curioso para a tua collecção de narrativas. É um caso de semi-loucura. Uma moça, vinda não sei de que parte de nossa terra, que se diverte roubando os armazens de luxo. Traja sempre rigoroso luto. Quando apanhada em flagrante, ri muito, e acaba por retrucar que... rouba, unicamente, por amor. E ninguem lhe conhece uma amizade. E quando a policia lhe dá uma batida no quarto, encontra, intactos, todos os roubos que ella faz. Desta maneira, ficamos na impossibilidade de prendêl-a, visto soffrer de uma mania naturalmente proveniente de algum choque ou de impressão da meninice...

Neste momento, um perfume inebriante de carne moça invadiu a pequena sala. Os gendarmes acorreram e perfilaram-se, arrogantes. E uma mulher deu entrada na sala, ladeada por dois esbirros. Não pude conter a minha exclamação de espanto:

— Daisy!

A mulher fitou-me, surprêsa, com um olhar mixto de estupefacção e imbecilidade da semi-loucura. Comprehendi, dolorosamente convencido, o drama que transtornára a vida da candida Daisy que eu conhecêra nos meus serões de pensão modesta. Depois de fugida a ultima esperança de recuperar a liberdade do noivo, certamente se tinha entregue ao destino adverso. E ali estava, ante os meus olhos extacticos, tão infeliz que nem ao menos reconhecia aquelle amigo que tanto soffrêra por ella. O delegado interrogou-a:

— Senhorita, por que roubou este annel?

Daisy puxou uma cadeira, sentou-se e tomou uma attitude graciosa, que predispoz os presentes a ouvil-a. Mas foi breve. Ella pareceu querer coordenar os pensamentos, e subitamente começou a rir, rir, rir muito, desabalada e perdidamente, abobalhada e dolorosamente triste na sua semi-loucura.

— Eu... eu... roubei... por... amor... Ah... Ah...

E eu chorava...

*

Abandonei a Hespanha naquella mesma noite. Assistindo, como assisti, ao esfumar-se de minha ultima esperança, desappareci, escondi a minha personalidade, vim para a Africa, vim pertencer aos Legionarios da França, como voluntario, tomei um numero. Deixei de ser um homem, não tenho mais nome, morri para o mundo porque, em verdade, nada mais valho, nada mais sou...

— Que paiz horrivel!... E ainda por cima apanhei um resfriado: já estou sentindo umas pontadinhas nas costas!...

Como as Mulheres Sofrem

As mulheres sofrem muito mais do que os homens e adoecem muito mais facilmente do que elles.

Isto não é nenhum segredo para os bons Medicos.

O organismo da Mulher é muito mais delicado, muito mais vibratil e mais sensivel do que o dos homens.

A prova é que um Susto ou Medo Repentino tem sempre efeitos mais desastrosos e consequencias mais graves para as Mulheres.

Algumas mulheres são tão sensiveis, os seus Nervos são tão delicados, que basta ás vezes a Leitura de um Romance comovente, um aborrecimento ou uma noticia inesperada, para que certos Orgãos internos comecem a sofrer.

Mesmo as Senhoras mais calmas, que se julgam mais fortes e resignadas, contra os desgostos da Vida, sofrem as graves consequencias de Sustos, Contrariedades ou Comoções Violentas.

Uma simples Raiva, um Sobresalto qualquer, até nas mulheres de maior resignação, de mais coragem, de animo mais firme e que parecem ter esplendida Saúde, causa sempre transtornos e perturbações Organicas, que podem ser o começo de certas Doenças Perigosas.

As Senhoras que parecem mais tranquillas e pacientes, contendo e guardando maguas, dissabores e pezares são, no intimo, tão impressionaveis e sensiveis quanto as outras.

Conter as Lagrimas, não se queixar de nada, sofrer tudo calada, como uma santa, dominar-se nos momentos mais dolorosos, exige sempre uma fortissima Tensão Nervosa, que equivale a um grande e imenso sofrimento.

Garanto ser este o supremo sofrimento, a dor suprema, a Verdadeira Tortura!

Nada abala tanto a Saúde e arrisca tanto a Vida.

Não convem facilitar.

Por isto, aconselhamos a todas as Mulheres, de qualquer idade, sejam velhas ou moças, calmas ou nervosas, que leiam e façam o seguinte:

Muitas Senhoras já ha muito tempo que estão sofrendo do Utero e não sabem, nem desconfiam de nada.

Não pode haver Perigo maior!

A Asma Nervosa, Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de Aperto na Garganta, Cançaços, Falta de Somno, Falta de Apetite, incomodos do Estomago, Arrotos Frequentes, Azia, Boca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quentura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dores de Cabeça, Dores no Peito, Dores nas Costas, Dores nas Cadeiras, Pontadas e Dores no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbido nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Subitos, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Diferentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimentos da Memoria, Moleza de Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na Pele, Certas Feridas, Certas Coceiras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc., etc. Tudo isto pode ser causado pelas Molestias do Utero!

Até o Genio da Mulher pode ficar alterado.

A's vezes a pobre doente pensa que está sofrendo de muitas Molestias, sem saber que tudo isto vem do Utero Doente!

A prova de que tudo vem do Utero Doente é que com o uso do *Regulador* **Gesteira** todos estes Males desaparecem e a mulher sente-se outra, como que ressuscitada, alegre com a Vida e com o Mundo.

Use *Regulador* **Gesteira**

O Melhor tratamento é usar *Regulador* **Gesteira.**

Sim! Sim!

Regulador **Gesteira** é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez e Amarelidão das Moças, Ataques e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, as Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, a Fraqueza do Utero, as Dores da Menstruação, as ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

Comece hoje mesmo a usar *Regulador* **Gesteira**

A VERDADEIRA FELICIDADE

A noite estava lindissima: Maria Sylvia chegou á varanda do seu "bungalow", na avenida Atlantica, para apreciar o manto constellado, que offerecia naquelle momento o bello céo carioca. E, sentando-se numa "chaise-longue", alli ficou, muda, como num extase, recordando o drama que lhe ia nalma! Tinha vinte annos, e a sua existencia já lhe era um fardo pesado, taes os dissabores que o destino lhe reservára.

Pensava, naquelle instante, em Fernando, o seu unico e verdadeiro amor... Chegára elle, havia seis annos, do interior, afim de matricular-se na Faculdade de Medicina, e, sendo filho de um dos maiores amigos do pae de Maria Sylvia, este o recebeu de braços abertos, hospedando-o em sua casa. E foi assim que começou o amor de Maria Sylvia por Fernando.

Maria Sylvia era riquissima, ao passo que Fernando nada mais era do que um pobre doutorando de medicina; dahi o pae de Maria Sylvia têl-o afastado da convivencia da filha, o que deu lugar a um sério abalo na saúde da menina.

Isto se déra, havia cerca de dois annos, e Maria Sylvia, apesar de já ter se restabelecido da enfermidade do corpo, nunca mais recuperára a alegria de outrora, tendo se tornado tristonha e agastadiça, o que reflectia a enfermidade da alma.

Só pensava em Fernando e no seu amor tão curto porem tão lindo! Ao mesmo tempo, pensava, horrorizada, que no dia seguinte iria se casar com o filho do industrial Antonio Ribeiro, o joven Carlos, tão rico quão pretencioso. Não, ella não se casaria com aquelle rapaz pedante, com ares de fanfarrão, e com modos tão differentes do seu adorado Fernando. Na sua alma, sentia uma luta terrivel: de um lado, Fernando, chamando-a para a cidadezinha do interior, onde começára a clinicar; do outro, o pae, impondo-lhe um casamento puramente mercantil, que iria redundar nas consequencias mais desastrosas.

A sua resolução seria inabalavel e ninguem a demoveria do proposito de não se casar com Carlos, apesar de já estar tudo preparado; iria naquella noite dizer tudo ao pae, e si este continuasse na tenção de pôr em pratica o que havia muito premeditára, abandonaria o lar, refugiando-se na cidadezinha do interior, onde certamente Fernando a acolheria, dando-lhe com o seu amor uma felicidade perenne.

Estava assim absorta, alheia ao resto do mundo, quando viu parar á porta de sua casa, a baratinha

De Paulo Valladares

de Carlos, que viéra convidál-a para um passeio pela praia. Feito o convite, Maria Sylvia não o acceitou, e, levantando-se da "chaise longue", virou-lhe as costas, numa attitude de desprezo, retirando-se para o interior da casa.

O pae de Maria Sylvia, sabedor do que se passára entre ambos, foi chamal-a para que pedisse desculpas ao noivo, porém ella se trancára no quarto, desabafando, num chôro convulsivo, toda a desgraça que lhe ia nalma. Elle não a amava, pois si assim o fizesse, não torturaria tanto aquella alma quasi infantil.

Tres pancadas fortes fizeram-se ouvir na porta do quarto de Maria Sylvia.

— Abre esta porta! — gritava, com voz arrogante, o pae da joven.

Ali entrando, esbofeteou-a de tal fórma, que a pobre florzinha quasi desmaiou. Ah! Si sua mãe fosse viva, não permittiria semelhante deshumanidade! Porém, havia muito que se fôra para a jornada eterna.

— Malvada! Não tens pena do teu pobre pae, que visa somente a tua felicidade?

— Meu pae, o ingrato é o senhor, que, não contente de ter-me roubado o unico amor que possuia, quer impôr-me este casamento, que vae ser a minha desgraça! O meu unico amor foi e ha de ser sempre Fernando!

— Fernando! Um pobretão sem eira nem beira!

— Sim; Prefiro o pobretão sem eira nem beira, que me dedica um sincero amor, ao millionario, que quer apenas augmentar a sua fortuna. Para elle, será apenas mais um negocio vantajoso, ao passo que, para mim, será a morte em vida, senhor meu pae!

E as lagrimas brotaram abundantes dos seus lindos olhos côr do mar...

O coração empedernido do pae de Maria Sylvia começou a sensibilizar-se, pois se lembrou, repentinamente, das difficuldades, que encontrou, para obter a mão da mãe daquelle anjo, tão cêdo roubada ao convivio de ambos. As lagrimas afloraram-lhe aos olhos, e, dentro de poucos minutos, cahiu aos pés da filha, contricto, soluçando:

— Perdão, minha filha! Como fui insensato, querendo impôr-te uma coisa impossivel de ser praticada, pois só resultaria na tua infelicidade! Como fui cruel, quando magoei teu rostinho mimoso com aquellas bofetadas! Estava fóra de mim! Perdôa a este pobre pae, que num momento de allucinação, ia fazendo a desgraça da sua unica filha! Casa-te com Fernando, pois só elle poderá te proporcionar a verdadeira felicidade!

AMOR DE ESPOSA

ENID havia apenas terminado de servir o café matinal a Ted, quando soou o telephone. Ella attendeu.

— Allô! — disse.

Ted interrompeu a leitura do jornal para escutar com curiosidade. Enid sorriu-lhe alegremente, emquanto procurava dissimular o excesso de surpresa, de excitação de sua vóz.

— E's tu?!... Que fazes tão cêdo em Nova-York?... Ah, sim?... Não sei, Ralph... Espera um momento. Vou perguntar a Ted.

Enid voltou-se para seu esposo, murmurando excitadamente:

— E' Ralph Reynolds. Um rapaz que eu conheci em Saint-Paul, quando solteira. Acaba de chegar a Nova-York, e nos convida para jantarmos com elle, esta noite.

Ted abandonou o jornal sobre a mesa.

— E quer que eu tambem vá? — riu ironicamente. — Quanta amabilidade!

Houve uma subita transformação no ambiente.

— Oh, Ted, é claro que o deseja! Bem Sabes que eu não iria sem ti! Digo-lhe que aceitamos o convite?

— Si tu o quezeres...

— Allô, Ralph! Este telephone é horrivel! Quasi não te ouço!... Que?... E's sempre o mesmo engraçado, não é verdade? E' claro! Meu marido diz que irá com muito prazer. A's sete horas?... No Ritz?... Muito bem; até logo.

— Está hospedado no Ritz — disse Enid, sentando-se ao lado de Ted.

— Que te disse Reynolds para que tu lhe respondesses que elle era sempre o mesmo engraçado? — perguntou o marido, procurando parecer indifferente.

— Que disse? Oh, não me lembro exactamente!

— Assim? Pois é muito estranho que esqueças as coisas tão rapidamente!

Ella indignou-se.

— Pois bem — exclamou: — talvez não o haja esquecido. Talvez elle me tenha dito algo... agradavel. Por que havia eu de esquecer amabilidades?... Deus sabe que tu não m'as dizes com frequencia...

Enid serviu o café com mão tremula.

Nunca soube que tu e Reynolds fossem amigos tão intimos, em Saint-Paul — disse Ted.

Enid ruborizou-se violentamente. Tres annos de ausencia de Saint-Paul, tres annos de vida de casada haviam posto um véo côr de rosa sobre o passado. Esqueceu que nunca quizéra ser a esposa de Ralph Reynolds para só recordar que não o era, que elle, naturalmente, vivia na opulencia e se hospedava no Ritz, emquanto que ella morava em um pequeno apartamento e Ted estava lambusando

A *mulher (ao marido doente)*. — Querido, estou escrevendo para mamãe... Dize-me... como é que tu escreves cemiterio... com "c" ou com "s"?...

as torradas com manteiga de uma fórma que ella odiava.

— Nunca elle me foi apresentado, segundo me parece — continuou Ted.

— Não o sei. Mas parece que sim. Elle foi ao balneario do lago quando alli estavamos mamãe e eu e tu passavas tuas ferias com aquelles teus amigos.

Subitmente Enid recordou as tardes daquelle verão, quando ella e o rapaz *novo* de Nova-York fallavam da grande cidade. Que maravilhoso lhe parecêra, então, morar em Nova-York! Pois bem... Agora estava morando em Nova-York...

— Por que está hospedado no Ritz? — perguntou Ted.

— Porque póde pagál-o.

— Oh, um dia nós tambem passaremos ali uma temporada! Não tenho a intenção de ser, toda a vida, um simples caixeiro. E, além disso, não sei si vou jantar com esse typo. Pouco te faltou para cahires nos seus braços, pelo telephone! Ralph para aqui... Ralph para ali...

Nenhum dos dois sabia que Ted estava com ciumes. Só elle sabia que se sentia muito infeliz. Ella, que elle se mostrava pouco amavel.

— Queres privar-me dessa pequena distracção! Não pódes comprehender que desejo, de vez em quando, comer alguma coisa que não tinha sido preparada por mim mesma, que quero ir a um hotel elegante...

Enid chorava. Ted levantou-se e se aproximou della, condoido.

— Oh, não chores, Enid! Iremos, naturalmente, si assim o desejas.

Seu olhar pousou no relogio. Continuou:

— Estou atrazado. Não chores, Enid. Já te disse que iria, não é verdade?

Ella continuou chorando. Ao cabo de alguns segundos, ouviu o ruido da porta da rua, e comprehendeu que Ted havia sahido.

Sentada na cadeira, continuou soluçando, até que se acalmou gradualmente. Pensou:

— Nem siquer me beijou!

E, levantando-se, começou a recolher os pratos sujos.

— E, só porque Ralph é meu amigo, o qualificou de typo! — continuou, emquanto lavava os pratos.

A esposa de Ralph — quando elle a tivesse — não lavaria pratos.

Como a acharia elle? Mudada, envelhecida? Não tinha um vestido melhor. Só o de chiffon azul. Mas não gostava delle, embora fosse novo. Entretanto, era o unico que possuia!

De Virginia Dale

Lagrimas ardentes encheram-lhe novamente os olhos e, lentamente, ella tomou uma resolução.

— Fal-o-ei — pensou. — Não me importam as consequencias. Andarei bem vestida uma vez, não importa a que preço!

Com mãos tremulas, Enid vestiu seu traje do anno anterior. Lançando um olhar de desgosto á pilha de pratos sujos e ao pequeno apartamento em desordem, se dirigiu á gaveta do escriptorio e tirou a caderneta de economias.

Sentia-se deliciosamente excitada caminhando para as lojas. Ralph a cortejára muito nos ultimos seis mezes que precederam a seu casamento. Lembrava-se com que frequencia elle lhe havia repetido sua admiração. "E's tão bonita, Enid!..." — dizia-lhe. E ella não podia supportar a idéa de que elle a encontrasse menos bonita, menos moça. Além disso, Ted se mostrára tão descortez!... Si não houvesse feito opposição alguma ao convite, ella não se utilizaria de suas economias muitas para comprar um vestido novo, pensou Enid, desculpando-se.

O primeiro que esperimentou era, realmente, soberbo.

— Quanto custa? — perguntou, com o coração batendo.

— Este foi rebaixado de preço — respondeu a vendedora. — E' uma verdadeira opportunidade. Cincoenta e sete dollars com cincoenta...

Cincoenta e sete dollars com cincoenta!... Mais do que Ted ganhava em uma semana!...

— Muito bem — disse Enid. — Ficarei com elle. Quer fazer-me o favor de m'o reservar por uma hora? Primeiro tenho que ir ao banco receber um cheque — ajuntou.

Aquillo soava melhor do que: "retirar a maior parte de nossas economias".

Sentiu-se corajosa e aventureira, dirigindo-se ao banco. Que diria Ted quando o soubesse? Não lhe importava!...

Começou a pensar no dia anterior, quando elle se mostrára tão pouco gentil por motivo dos botões que lhe faltavam na camisa. Enid sentiu-se victima. "Queria" sentir-se victima para justificar o passo que ia dar.

Com o dinheiro na bolsa, começou a imaginar sua entrada triumphal no Ritz, onde, sem duvida, chamaria a attenção de todo mundo. As mulheres, perguntando quem poderia ser; o gerente, impressionado por sua belleza; e Ralph... que diria Ralph?..

Estava apenas a um quarteirão da loja onde havia escolhido o vestido, quando o transito a deteve. Na esquina, havia uma elegante casa de artigos para homem, com as vitrinas cheias de gravatas, de camisas de sêda, de roupões, sobretudos... Um sobretudo cinza escuro, elegante, de aspecto confortavel. Uma etiqueta, presa a um bolso, proclamava seu preço: cincoenta dollars.

— Papae, que é um monologo?
— Diz-se quando uma pessôa fala sozinha, como, por exemplo, uma conversação entre mim e tua mãe...

Enid olhou-o por algum tempo. E pensou. Via Ted com seu velho sobretudo, ouvindo-o dizer de novo: "Não querida; compra o vestido. Meu sobretudo ainda está bom, apresentavel... Que são quatro annos para um agazalho como este?..."

Ralph iria, certamente, com um sobretudo novo. E si olhasse com desprezo o usado de Ted, e tivesse pena delle?... De seu marido!...

Ralph não passava de um pretencioso, afinal de contas. Sempre o fôra. E Ted era um milhão de vezes melhor do que elle.

A idéa de que Ralph visse o marido com o velho sobretudo lhe pareceu inteiramente insupportavel.

Enid recordou subitamente toda a doçura, toda a bondade de Ted. Queriam-se tanto!...

Afinal, sua propria aspereza daquella manhã era unicamente uma prova de amor. O companheiro estava enciumado. A verdade é que ella não lhes havia dado motivo algum para isso; mas esse sentimento não precisa de alimento para subsistir.

E ella amava tambem a seu marido. Amava-o como outr'ora, quando se decidiu a acceital-o entre todos os seus pretendentes. Podia permittir que o outro se puzesse em evidencia, que elle fosse eclipsado pelo elegante Ralph, que, no emtanto, estava muito longe de vencel-o em belleza e bondade?

Essa idéa começava a trabalhar no cerebro de Enid, obsecando-a.

De resto, seu proprio vestido estava ainda em muito bôas condições e não precisava ser substituido immediatamente.

Por outro lado, ella não ia encontrar-se com outra mulher que pudesse eclipzal-a com o seu luxo, mas com um homem que não deixaria de admiral-a, como a havia admirado, estivesse ella vestida com simplicidade ou elegancia... No emtanto, Ted...

Ted, por sua propria condição de vencedor de todos os rivaes que aspiravam o amor da joven, estaria mais exposto ás criticas e censuras dos mesmos.

Qualquer coisa que se pudesse interpretar nelle como uma falha ou um defeito deixaria de ser aproveitada pelo outro.

Enid não mais vacillou.

Seu esposo estaria tão elegante como o hospede do Ritz!...

E Enid entrou na casa de artigos para homem...

NEGRINHA...

DE A. BELTRAM SOUSA

VINHA, arrastando meus passos, cançado, quasi sem forças, pela estrada sinuosa da vida, alentado pela esperança, miragem traiçoeira a conduzir por ahi além, até o abysmo immenso e profundamente humano do desengano, aguardando o viandante insaciado que passa, cançado, quasi sem forças...

E eu tinha, nos meus olhos, a ansia louca de encontrar nessa via sinuosa, pedregosa, aquella que minh'alma, n'um desejo estranho, idealizava, para, então, de mãos postas, ficar, para sempre, ajoelhado ante a imagem deslumbradora daquella feiticeira encantada que teria uns cabellos de ouro, um sorriso de perdão...

E eu vinha, nomade humilde, na escalada duvidosa, passo a passo, ouvindo ao longe o som festivo de um sino amante, celebrando festas nupciaes...

E foi, então, em manhã de luzes, de vózes canoras de passaros, de sol, que na encruzilhada branda, as mãos ardilosas do destino caprichoso, transformaram a esmeralda de sonho em esmeraldas de realidade. E eu vi uns olhos grandes, grandes... uma alma branca esverdeada, pura e esperançosa... um sorriso de perdão... um feminino encantamento... Negrinha. Contemplei um anjo, um céo inteiro... e a sensação feliz de sentir a proximidade d'aquella que era sol em manhãs brumosas de inverno... lua em noites frias de São João... guiandeira de toda uma vida... felicidade...

Mas, o destino ironico se compraz em fazer soffrer e, ella, de mansinho, foi como sem querer, passando na encruzilhada branda, na manhã de luzes de vózes canoras, de passaros, de sol, de tudo. E se foi, aos poucos, vagarosamente, deixando o peregrino humilde que, como um consolo ultimo e estranho, pronunciava, baixinho, como si falasse á propria alma em saudade... Negrinha.

AS DELICIAS DO LAR. — "Seu" Fagundes celibatario... "Seu" Fagundes casado...

O QUE SE DEVE SABER

O perigo de ter nome

Muitos povos de civilização inferior consideram o nome proprio como uma parte integrante da pessoa, como os olhos, como os dentes, e, portanto, susceptivel, como qualquer parte do corpo, de ser affectado pela bruxaria ou outro "damno" de natureza diversa. D'ahi, o costume, muito generalizado, de occultar o verdadeiro nome e de não permittir que elle seja pronunciado senão em occasião absolutamente inevitavel, afim de impedir os males que poderão sobrevir, estando o nome em conhecimento de outros, ou em "poder alheio".

O *shaman* entre os indios da America do Norte quando não consegue alliviar um enfermo, declara que o nome do paciente foi "embruxado" e, então, baptiza-o de novo, depois de tel-o lavado cuidadosamente, para "apagar-lhe o nome antigo".

Um missionario que residiu muitos annos entre os negros australianos assegura que estes só muito raramente pronunciam o nome da pessoa com quem falam, chamando-a sempre por um appellido, uma alcunha qualquer, quando não dizem simplesmente irmão, primo, camarada, etc.

Entre os antigos egypcios, já em gráu de civilização relativamente superior, encontra-se uma superstição semelhante, pois adoptavam dois nomes: o "verdadeiro ou grande", que se occultava o mais possivel, e o "divino ou pequeno", que era publico.

Os actuaes abyssinios tambem não gostam que se pronunciem nunca os seus nomes de baptismo; para evitar isso usam alcunhas que, por temer os feiticeiros, as mães lhes impõem logo depois de baptisados. Cousa semelhante occorre entre os kru da Africa; os ewe da Costa dos Escravos, os wologs da Senegambia e varias tribus da America do Sul.

O "tabú" do nome, quer dizer, a proscripção do nome por temor, não só se refere aos forasteiros ou aos não iniciados nos ritos e mysterios religiosos da tribu como tambem á propria familia. Entre os cafres da Africa do Sul, a mulher não pode pronunciar publicamente o nome do marido, nem sequer com a intenção de designar outra cousa com a mesma palavra.

E' commum tambem, entre os indigenas africanos, a prohibição de pronunciar os nomes dos reis.

Cicero disse que os egypcios consideravam um crime pronunciar o nome de determinado deus. Herodoto não se atreve a escrever o nome de Osiris em varias passagens de suas obras. O nome divino de Indrá era secreto e os hindús não se atreviam a pronunciar os nomes mythicos de suas divindades brahmanicas. O verdadeiro nome de Confucio inspira tanto temor aos chinezes que constitúe um delicto referir-se a elle. Na seita mahometana, o "grande nome" de Alah só é conhecido pelos prophetas.

Observou-se que tambem nos paizes christãos existe certa aversão em pronunciar a palavra Deus, e os idiomas de todos os povos da nossa civilização abundam em expressões que o designam sem recorrer ao proprio nome.

Mais severa restricção, inspirada pelo temor, existe com respeito ao nome do Diabo, e em algumas communidades campesinas da Europa se olha com horror a quem o pronuncia.

A HONESTA RECOMPENSA

— SI eu quizesse fazer uma idéa do paraiso terrestre — disse o explorador Elihu Marshall — o collocaria certamente no Paraguay. Alli vivi as mais felizes horas do sonho e da tranquillidade. Não preciso mais do que evocar minhas recordações: os rios, os bosques, os jardins, as formosas jovens que vão á fonte, o encanto das noites estrelladas, os perfumes embriagadores das plantas, e recupero a força, o vigor, a vida... Que haja sob o firmamento outros paizes tão bellos, não terei a candura de negál-os; mas eu percorri este na idade das grandes aventuras...

"Lembro-me de um entardecer de primavera, na selva, perto de um rio de scintillante corrente, onde as féras iam beber. Eu mergulhava em meus doces sonhos, quando uma detonação e um assobio caracteristico me advirtiram de que acabavam de disparar um tiro contra mim. De bruços no chão, entre as altas hervas, subi minha carabina. Tres homens vestidos de pelles passaram por um claro da espessura e desappareceram em seguida. Por muito rapida que fosse sua apparição, suas imagens ficaram retratadas em minha retina: um devia ser um mestiço e os outros dois, indios... Em resumo, bandidos que não vacillariam em assassinar-me, si eu não conseguisse fugir, ou intimidál-os. E como fugir? Não é facil escapar á vigilancia nem ao ouvido dos indios. Para intimidál-os, seria necessario alvejar algum delles. Eu sou um atirador mediocre e, alem disso, para atirar contra um inimigo, é preciso vêl-o. Meus inimigos eram invisiveis entre as altas plantas que tambem me occultavam.

"Passei uns dez minutos bem agradaveis, uns minutos cujo fim provavel era meu aniquillamento. A principio, nada me indicava a proximidade dos bandidos. Depois, comecei a ouvir, ou pelo menos a suppôr que ouvia, o ruido da herva. De qualquer modo, cada segundo que transcorria diminuia a distancia entre elles e eu. Elles escolheriam o momento opportuno e a fórma de ataque e me matariam como a um búfalo ou a uma ave.

"Essa idéa me exasperou, produzindo-me, ao mesmo tempo, uma lúgubre desesperação. Tinha que fazer inauditos esforços para permanecer immovel. Sentia desejos de levantar-me, de saltar, de brigar. Minhas mãos apertavam a culatra de minha carabina e o cabo de meu punhal.

"De repente, ouvi um sussurro, um ruido semelhante ao canto atenuado de um grillo. Depois uma vóz murmurou:

"— Cuidado!... Approximo-me... Estou de seu lado...

"Voltei-me e, através das hervas, consegui divisar um rosto bem curtido que, no emtanto, tinha todas as caracteristicas do typo criôulo, sem mistura. Era um rosto rude e astuto a um tempo.

"— Estou immediatamente a seu lado — repetiu a vóz.

"Meio minuto depois, estava a meu lado e me dizia:

"— Vi o ataque... e juro por Mendoza Gil que como não consentirei que um branco de pura raça, embora hereje, seja assassinado por estas pragas selvagens... Siga-me...

"Poz-se em marcha. Eu não tinha desconfiança alguma. E por que havia de têl-a? Fôra-lhe tão facil matar-me quando eu não o via! De repente, nos encontramos deante de um declive do terreno cuja existencia eu ignorava e que nos conduziu para o lado do rio. Ali, favorecido pelo canavial, pudemos ganhar um abrigo na roça...

"Mal chegamos, resoou um alarido nas hervas.

"— Esses vermes não estão contentes! — disse-o meu salvador, sorrindo. — Mas deste ponto eu me encarrego de "tirar-lhes" o gosto das goiabas.

"Agradeci-lhe com effusão. Certamente havia arriscado sua vida para salvar-me e continuava arriscando-a ainda.

"— Si pudessemos chegar á minha canôa, estariamos salvos... murmurou.

RANCOR. — Vamos, seja razoavel, e façamos as pazes: estenda-me a mão!

—

LEIAM os romances de *Fon-Fon*, que se encontram á venda na *Empresa Fon-Fon* e *Selecta S. A.* á Rua Republica do Perú, 62 (Antiga da Assembléa) — Rio.

De Rosny Ainé

"Nosso abrigo era excellente. Dominavamos a um tempo o rio e a planicie.

"—A canôa está ali em baixo, detraz dessas plantas negras — accrescentou. — Quantos cartuchos tem o senhor?

"—Uns trinta.

"—Então, dispare um tiro lá para baixo. Deve vem estar por ali, e isso os assustará.

"Eu fiz o que me indicava.

"—Alguma coisa se moveu — disse elle.

"E ajuntou, com vóz estentorea:

"—Dae a cara, animaes asquerosos!... Ha aqui um fusil que não costuma errar seus disparos!

E, voltando-se para mim, murmurou:

"—Não creio que avancem por este lado, em linha recta. Temos tempo de fugir. Venha senhor hereje.

"E se poz a correr. Primeiro ao abrigo dos penhascos, depois das plantas. Eu corria pisando-lhe os calcanhares. Duas detonações nos saudaram inutilmente. A canôa estava ali, em um pequeno remanso. Num momento embarcámos, e dez minutos depois navegavamos pelo centro da corrente.

"Havia chegado a noite, uma noite mágica, que uma lua quasi cheia illuminava. Durante duas horas descemos a corrente, que era rápida. Depois meu companheiro disse:

"—Descansaremos na aldeia deserta. Uma aldeia que foi destruida no tempo da guerra e que não foi reconstruida. Não ha outro logar habitavel perto daqui.

"A aldeia deserta tinha um grande encanto, — o encanto de suas ruinas de envolta com a emocionante belleza de uma clara noite paraguaya.

"Jantámos carne sêcca, assada em um fogo de ramos, e meu salvador esvaziou com uma satisfação evidente minha cantimplora de aguardente.

"Eu me sentia cansado e, apesar das angustias daquelle dia, dormi como um justo até o amanhecer...

"Quando despertei, as ruinas onde havia dormido estavam desertas.

"Debalde procurei meu companheiro durante uma hora.

"Não comprehendi sua fuga até quando revistei os bolsos de meu cinturão e os compartimentos de minha carteira. Meu salvador *cobrára* o seu serviço... Levára todo o meu ouro, toda a minha prata e todas as minhas notas...

"Cheguei penosamente a Assumpção, onde tinha um crédito aberto, e continuei minha peregrinação.

"Transcorreram dois annos.

"Eu quasi havia esquecido já minha aventura, quando, uma manhã, desembarquei em Montevidéo. Depois de refrescar-me no hotel, fiz uma visita á cidade, e já regressava a meu aposento, quando ouvi tocar uma guitarra em uma venda á beira do caminho. Cantava uma vóz que me fez estremecer.

"Como eu tinha sêde, entrei na venda. Havia ali muitos arrieiros jogando o monte, e, ao lado de uma especie de mostrador, estava o homem da guitarra.

"Ao vêl-o, não pude conter uma exclamação.

"Aquelle homem era o que me salvára a vida e me subtrahira o dinheiro...

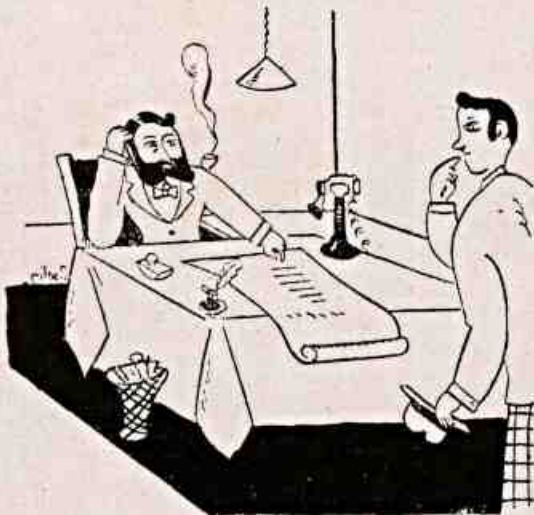
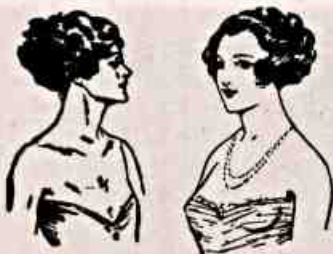
"Tambem elle me reconheceu e fez um gesto que podia ter varias interpretações.

"—Pela Virgem bemdita! — exclamou. — Este senhor é o hereje a quem eu tirei de tão má situação!...

"Si o patife sentiu alguma perturbação, esta desappareceu como por encanto.

"Um accentuado sorriso illuminava-lhe o rosto, — um sorriso jovial isento de ironia.

"Em seguida, aproximando-se de mim, exclamou:

"—Vê como prosperei, cavalheiro?... E devo-o ao senhor!... Com o dinheiro com que recompensou meus humildes serviços, comprei esta venda, e não se passa um dia sem que eu reze por sua saúde neste mundo e sua salvação no outro..."

— Estou desempregado ha seis mezes! Procuro trabalho; terá o senhor necessidade de um empregado?
— Que fazia o senhor antes?
— Eu estava collocado numa agencia de empregos...

POVERO FIORE (Capital) — Parece um sonho! Como é triste recordar velhas amizades espirituaes, que se dilluiram nos entrechoques da vida, — tão cheia de lutas e decepções!

Lendo-lhe o nome, **recordei** aquella creaturinha que não cheguei a conhecer, pessoalmente, mas de quem fazia uma idéa excellente. "Povero fiore", um dia, desappareceu dos olhos da minha imaginação por que os outros nunca tiveram ensejo de vel-a.

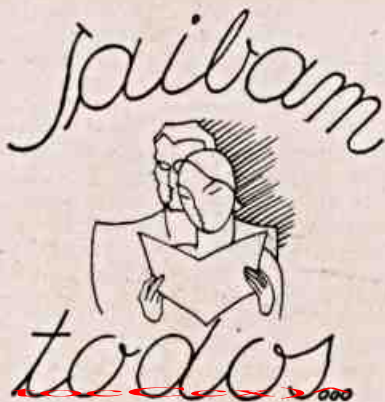
Que é de "Povero fiore"? Que é dos outros que eu costumava lembrar ao lado de "Povero fiore?" O tempo! A vida! As recordações que morrem e resuscitam! como tudo isso é pungente!

Aqui está o seu despacho telegraphico:

"Anno buono! Pe te solo buono? Oh, no! Il mio desiderio é questo: troppo, troppo, troppo buono! — *Povero Fiore.*"

Anno muito bom? Mas si elle começou muito mal!...

MARIA (Capital) — Agradeço, em nome do *Fon-Fon*, os votos de feliz anno novo que nos enviou, por um grupo de leitoras desta revista.

OMBRE (Capital) — Agradeço e retribuo o seu amavel telegramma de votos de felicidade no Anno Novo.

MARIALVA I (S. Paulo) — Como as rainhas, v. ex. quer, tambem, obedecer a um numero de ordem: Marialva I.... E tudo isso para dizer que não foi v. ex. quem me enviou uma folhinha. E' curiosa a sua missiva.

Escreve v. ex.:

"Yves: Lendo o Fon-Fon de hontem, deparei com um agradecimento seu á Marialva, mas não sou eu a Marialva que mandou a você, com voto de Boas-Festas, uma "folhinha"!...

Tenho uma resposta sua no Fon-Fon de 28-11-31, e depois disso não mais escrevi. Não sei qual a razão de uma "collega" daqui de São Paulo, querer usar o meu pseudonymo... Emfim, podia ser peor!...

Francamente, nunca pensei em mandar uma folhinha a quem quer que seja, a não ser a uma irmã que mora no interior... Esta, sim, precisa saber a quantas anda, pois "mamadeiras" e "pesos de Bébés" estão cuidadosamente regulados pelos dias que vão passando...

A você, eu nunca mandaria uma folhinha!... Para que saber que hoje é Domingo, si tudo tem "ar" de segunda-feira, com seu cortejo de desanimo e lutas que nos esperam e que afinal nos deixam com "cara de sexta-feira"...

Não, Yves, os poetas não precisam saber nem o dia, nem o mez. Quantas vezes, Yves, você não teve dias de primavera e noites de verão, em pleno inverno, e quantos dias, insipidos para nós outros, foram o começo de um Anno-Novo para você!...

Bem, da proxima vez, usarei de um outro pseudonymo, e assim farei: em cada carta (não se assuste) um, differente, mas eu revelarei a você, sob juramento de não "dizer" nada a ninguem, o meu primeiro nome, que será o "reconhecimento da firma"...

Deste modo, fica salva a patria, o seu bom gosto e a sua espiritualidade!...

Bravos! E agradecido pelo cumprimento de Anno Novo.

MARAGLIANO (?) — A sua carta é dessas que fazem meditar. Para mim, é um consolo receber palavras dictadas, de longe, por um espirito a quem só conhecemos epistolarmente.

E' claro que essas palavras só podem ser sinceras.

Convem lembrar aqui os termos de sua missiva. Ella revela um bello caracter e uma mentalidade brilhante.

Vejamol-a:

"Yves. Acabo de receber, neste sábado luminoso e vadio, através as paginas de Fon-Fon, a tua palavra amiga e evocadora, para mim por muitos motivos, de um tempo que, por muito que eu viva ainda, jamais encontrarei outro melhor nem mais amado.

E volto a conversar comtigo. Antes de mais nada: tens tempo para me ouvires? E ainda mais: nessa cidade ciclopica, nessa vida de metropole, que passa como uma vertigem, rapida como um voo de ave e estonteante como um frasco de perfume, podes tu dispor de alguns minutos e de alguma paciencia para com este teu amigo? Se dispões disso tudo, escuta-me; se, porem, esperas a hora de um encontro, ou a tarde te convida para um passeio, ou trazes a alma alegre e satisfeita, põe-me de lado, atira-me para a cesta.

Há muito, meu amigo, que eu vivo á cesta da vida!...

Porque não podes calcular que de coisas as tuas palavras de hoje viriam acordar no meu coração — coisas que eu, a custo, havia conseguido que se depositassem no fundo dele, como o lodo no fundo de uma agua parada! Imagino-me, neste instante, como aquele bobinho que ha cinco anos atráz te foi procurar, levando nas mãos um punhado de versos. Trago porem, desta vez, alem dos versos, uma profunda descrença da vida, dos homens, e a suprema coragem de analizar-me a mim proprio! E é essa coragem que me obriga a curvar-me á tua frente, envergonhado e abatido — porque eu procurára, um dia, a tua amizade e a obtivera, franca e generosa, e sem retribui-la, depois, quanto fôra mister que a retribuisse, eu me afastára sem nem ao menos um gesto de agradecimento!

Volto agora — e o teu gesto é o mesmo, o teu sorriso é o mesmo, o teu abraço é o mesmo! Recebes-me como recebrias um amigo de todas as horas, de todos os minutos, o amigo com quem se divide as horas de prazer e as de desgraça! Não vês nada, não queres saber do meu longo silencio, não queres saber da minha ingratidão! Interrompes o teu serviço apenas para dar-me as boas vindas, fazes-me sentar ao teu lado emquanto trabalhas, e como se tivessemos nos separado na vespera, ficas a relembrar commigo o que houve no "Saibam Todos", nos bons tempos de 26 e 27!...

E então surge no meu espirito um como que deslumbramento! Pois será possivel?... Então ainda não desappareceu de todo a amizade, e ainda posso encontrar, na vida que me foi tão aspera, uma palavra que não revele maldade, u'a amizade que não se esconda, um coração que não se vingue — sobretudo não se vingue quando lhe assistem direitos de se vingar!

Porque, meu caro Yves, de todo esse tempo em que andei sumido, eu só me lembro de palavras que eram mentiras, de amizades que me sangraram o coração e carrego sobre mim as cicatrizes dos que me feriram porque eu não consegui nunca, nem nunca quiz lhes fazer mal algum.

Ah! Estou a ver-te, agora, espantado com o amargor destas linhas sem atinar com o porque deste discurso! Tudo isso porque, meu amigo, disseste apenas que não tinhas o prazer de possuir um diploma de medico!

O diploma de medico, é a balança de maior precisão com que se mede a ingratidão humana, sobre ser tambem o vidro de augmento com que se examina melhor a sua miseria.

Ensinam-nos de tudo nas escolas; só não nos ensinam a lidar com a humanidade, a suportar os entrechoques da luta diaria, traiçoeira, vil, mesquinha!"

Aqui, faço uma pausa, ou antes, uma interrupção, para dizer que o sr. me dá a impressão de um sceptico. Na verdade, todos nós, que escrevemos, somos mais ou menos scepticos e optimistas. E' dessa dualidade que nasce a nossa arte. E' a affirmação e o negativismo dos nossos processos espirituaes que géram a coragem e o desejo de produzir algo, que nos possa dar a gloria ou a derrota, a obscuridade.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando sómente que sejam formuladas com clareza e lógica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia destinada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4138

FON - FON — 16-1-932

Data da consulta..................

Nome do consulente..................

....

...Insubstituivel

ASSIM como não se substitue a personalidade, assim tambem, pela pureza do seu fabrico, pela sua rapida e absuluta efficacia e por ser de todo inoffensiva, a

CAFIASPIRINA

é unica e insubstituivel.

Por isso é ella, no mundo inteiro, considerada

o producto de confiança

Allivia e cura promptamente todas as dôres, de cabeça, de dentes, de ouvido; nevralgias, enxaquecas, colicas de senhoras, etc., produzindo um bem estar geral.

Exija-se a emballagem original: tubos de 20 comprimidos, envelopes de 2 e discos de um comprimido.

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 3

Rio de Janeiro, 16 de Janeiro de 1932

Director: SERGIO SILVA

A MULHER... IDEAL

ELCIAS LOPES

L'age d'aimer.... A idade de amar é coisa sobre que muito já tem falado a sciencia e, mais do que a sciencia, a experiencia da humanidade na velha arte de repetir, *ad secula seculorum*, a suave delicia do peccado original. Obra exclusiva do instincto, o amôr desperta, ás vezes, com a nossa meninice, para só nos deixar, velhinho, ás portas da morte. Isso é uma questão de indole, de natureza, ou de "força de sangue", como dizia um meu antepassado, robusto sertanejo do meu Ceará, casado cinco vezes — a ultima já ao virar os setenta annos — e sempre a dizer que o amôr era a melhor coisa deste e do outro mundo. Não é, porém, esse, precisamente, o ponto que me interessa particularizar e fixar nesta pagina. A psychologia do amôr é complexa, bizarra, desconcertante, cheia de imprevistos, e falha, ás vezes, como as theorias economicas dos financistas de todo o mundo, neste agitado momento de vida apertada. O de que quero falar é um simples detalhe do amôr na mulher, mas de uma importancia ultra para todos os homens de bôa vontade, ainda... *en age d'aimer*... Qual a idade ideal, para o amôr, nas mulheres? A pergunta, como se vê, é das mais innocentes que se possam fazer. No emtanto, estou certo de que o seu simples e ingenuo enunciado já fez aflorar muito sorrisosinho malicioso aos labios e aos olhos de muitas carinhas e carantonas. O assumpto agrada. Encanta, mesmo, apesar de um tanto escabroso. E, tentado por elle, é que vou formular a minha opinião a respeito, sem a autoridade das cadeiras — quero dizer, sem falar *ex-cathedra*, mas com a autoridade dos meus quarenta annos de vida amorosa, cá a meu geito, esse "geitinho que a gente tem" e que varia ao infinito em materia de detalhes. Porque, no fundo, em essencia, o amôr... é o amôr... *C'est la bête humaine* em funcção da especie. Nas suas particularidades, porém, na variedade dos detalhes que offerece, está a arte mais delicada da humanidade. Delicada e difficil, porque bem raros homens e bem raras mulheres sabem amar *comm'il faut*. Respondendo, porém, á minha pergunta, penso, com Jean Ferragut, que a mulher ideal para o amôr, é a mulher de trinta, de mais de trinta annos.... A mulher outomno, emfim. "A estas mulheres ensinou-lhes a juventude a ser noivas; a Natureza, a ser amantes; a experiencia, a ser companheiras, e o sagrado instincto da especie, a ter a doçura e a solicitude maternaes. Ademais, nessa idade, trinta, quarenta annos, talvez, a mulher começa a possuir a sciencia dos silencios, a sabedoria da tolerancia, a arte de ser generosa, de dar-se, inteiramente, sem humilhar, e de escutar e comprehender, que é, tambem, saber perdoar."

Ahi está, em poucas palavras, o que é, realmente, de um modo geral, a mulher de trinta, de quarenta annos, a guardar dentro de si, para o seu amôr, o ardor outomnal do seu corpo, rescendendo a capitoso perfume de folha secca; orgulhosa de se dar inteiramente, de se entregar, de corpo e alma, ao carinho do seu eleito. Antes dessa edade, aos dezoito, aos vinte, aos vinte e poucos annos, a mulher vive mais para a sua vaidade, para o egoismo da sua mocidade, dos seus encantos. Quer ser querida, requestada, cultuada. Negaceia. Faz-se rogada, solicitada. Quando se dá, dá-se a prestações. E' a "mulher toda "*chiqué*", toda melindre, toda cheia de não "me toques", "não quero", "deixa-me", etc., etc. Depois, não. Aos trinta, quarenta annos, ella tem orgulho de amar e de sentir-se amada. Está apurada; chegou, ao que dizem os doceiros peritos, a *ponto de bala*... E' o meu genero. Desculpem-me as que têem menos de trinta... E, tambem, as que têem mais de quarenta annos... Como, porém, em tudo, haja excepção neste mundo de meu Deus, não digo que não possa abrir algumas para as menores de trinta... Em pleno outomno, ainda tenho os olhos tontos de deslumbramento e de carinho para as florações magnificas da primavera...

DOCE PACIENCIA

— Sim, senhor. Estou aqui ha muito tempo, mas já apanhei uma botina.
— E por que não desiste?
— Desistir?! Agora que estou no meio do serviço?
— No meio do serviço?!
— Sim, senhor. Pretendo apanhar o outro pé.

A MULHER CHIC, EM PARIS, USA...

— sempre pequeninas camelias artificiaes postas de mil maneiras inéditas á guisa de fivella sobre um cinto de fazenda; semeadas numa fita de morgorão preto, no punho; prendo como u maderego as dobras do gola do vestido.

— um bolero curtinho e um cinto da mesma côr, sempre opposta á do vestido, mais clara quando este é escuro e mais escuro nos vestidos de verão.

— chapéus de pequinas abas para os sports, puxados sobre o olho direito, levantados na orelha esquerda e feitos de palha grossa.

— pequenas pennas de gallo, chatas ou recurvadas, presas em todos os chapéus.

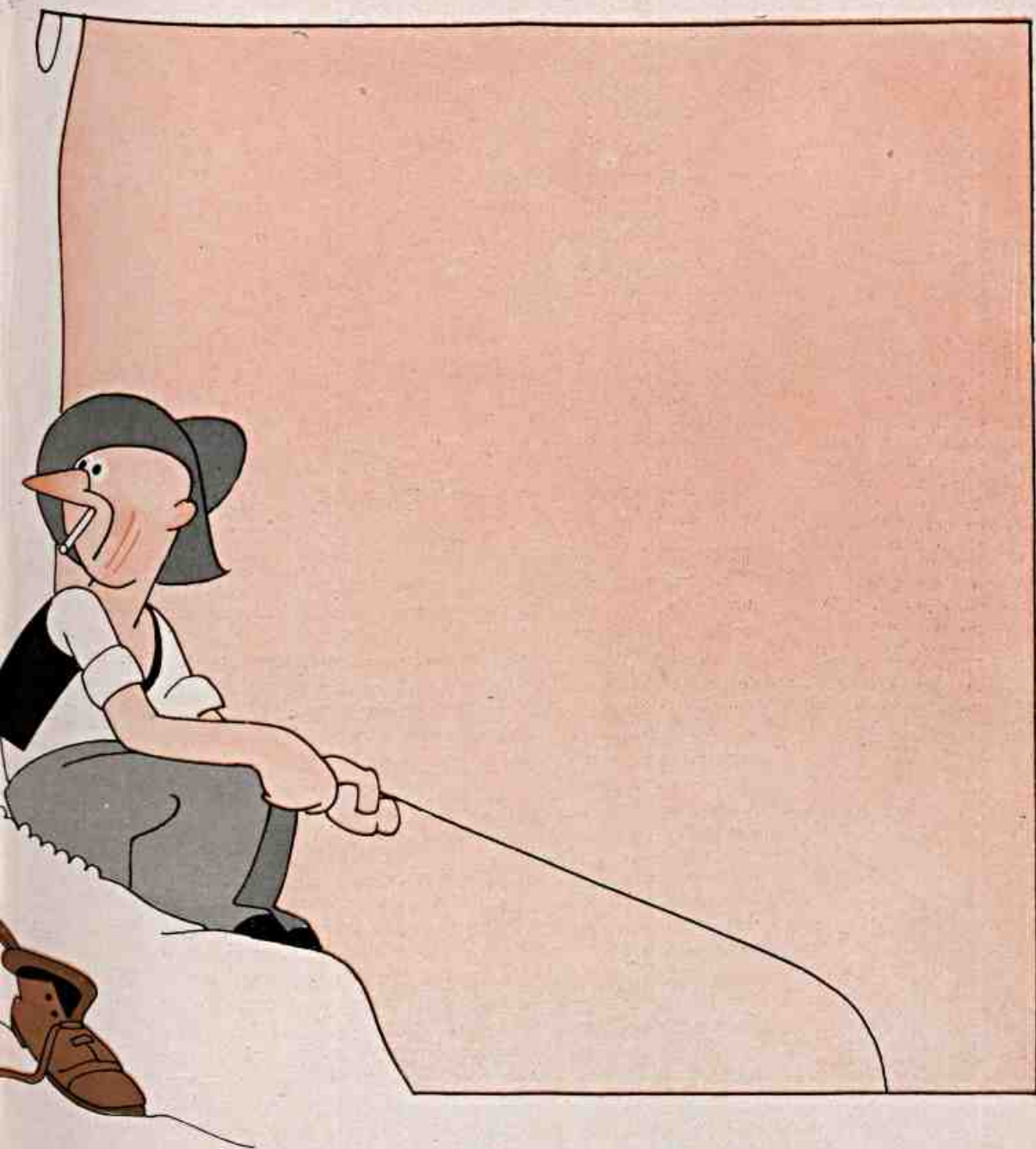
— com os conjunctos pretos e brancos, ou mesmo todos brancos, uma bolsa de pelle de gamo ou de fazenda branca, com fecho de laca e monogramma negro.

— á noite, triplo collar de perolas preso de lado por um lindo fecho, formando pequeno nó, ou por uma fivella de *strass*.

— á tarde, collar curto e roliço de pequenas contas de porcelana branca, agrupadas em rosetas chatas, que substitue nos vestidos da tarde a nota clara da pequena gola de *psiqué*.

— meias regularmente abertas como uma rêde e sem *baguette*.

— sapatos que reunam a pelle de gamo clara e o couro preto, este ultimo em diminuta quantidade, forrando os de-

bruns estreitos e cobrindo os saltos.

— á noite, sobre longo vestido de setim branco, um casaco de velludo vermelho, tão curto quanto um collete e de mangas muito amplas ou uma pequena capa de talhe curto.

Eis a verdadeira mulher vestida pela moda.

L. Desjurs

BEBEDO OU DORMINHOCO?

—

O outro dia, eu ia pela Avenida tão abstrahido pelos meus pensamentos que a atravessei inconscientemente. No meio do asphalto, mentos que a atravessei inconsci- daquellas cogitações, assustando-me e fazendo-me dar um pulo sobre o primeiro refugio que avistei. O motorista que quasi me esmagára voltou-se para traz e lançou-me estas palavras:

— Vais dormindo ou embriagado?!

Sorri. Nem uma cousa nem outra. O bruto seria incapaz de comprehender que somente meu corpo alli estava quando estivera a pique de atropelar-me e que o meu espirito vagava longe, muito longe, no passado, num passado feliz e morto materialmente. Nem bebedo nem dorminhoco! Mas, refugiado em outras epocas que me deram alguma cousa de bom para fugir desta que me está dando tanto de máu...

ROSAS DE VELLUDO

PAGINA EM BRANCO

ESPEREI tanto pelo novo anno... Por mais um novo anno que a mão invisivel do destino collocou na solidão da minha vida. Por mais um novo anno sempre velho no tumulto das angustias humanas e das inquietações do soffrimento universal.

E eil-o que chega com as mesmas galas festivas da mentira, carregado de promessas doces e de doces consolos para alguns dias de illusão. Chega bonito e fascinante como tudo o que vem de longe, como tudo o que vem dos mundos ignorados. Repousado e tranquillo. Feliz e ingenuo na sua inexperiencia. Caminhando sobre flôres, deslumbrado da sua propria alegria e da sua propria seducção. Novo-anno, palavra de belleza e de fé, que os homens pronunciam olhando o infinito da esperança e o infinito do amôr. Novo-anno, resumo de todas as glorias terrenas e de todos os confortos celestiaes. Magia. Deslumbramento. Serenidade.

* * *

Ainda hontem, quando raiou a quinta manhã de 1932, eu acreditava nas promessas e na sinceridade do rutilante emissário do tempo. Ainda hontem, eu suppunha que o novo anno fosse capaz de trazer-me a surpresa de uma nova illusão de felicidade. Ainda hontem, eu aguardava o impossivel... Aquelle *impossivel* que você me prometteu num principio de anno que foi quasi o fim de uma desventura... Minha princeza de olhos verdes, por que você não quiz, neste mez generoso, illuminar, um minuto, a desolada melancolia do seu principe solitário?... Por que você não veiu na comitiva côr de sonho do anno que começa?... Por que você não me mandou, ao menos, um pouco da sua ternura e um pouco daquelle perfume antigo, suavissimo e envolvente como o seu coração de mulher?...

Não adeanta pensar em você. Não adeanta recordar o passado, quando o presente é amargo e impassivel como a esphynge do destino. Passei o anno velho evocando os pequenos e lindos episodios do nosso romance. Sua figura risonhamente dolorosa appareceu-me varias vezes, com a mesma tristeza verde no olhar e o mesmo sorriso rubro nos lábios, sem falar-me, sem consolar-me, sem dizer-me que voltaria para o meu coração e o meu amôr. Gestos vagos, fugitivos, imponderaveis como a incerteza... Foi tudo o que você fez nos sonhos inquietos da minha evocação sentimental. Foi tudo o que você me offereceu nas horas em que a saudade me avivou a lembrança da ventura extincta.

No livro da minha vida este novo anno será, sem você, mais uma pagina em branco onde o amôr escreverá, com as letras do destino, a mesma palavra sonora e amarga a que já habituei a minha sensibilidade: *desillusão*...

P. W.

Mauro de Alencar

UMA GRANDE CONQUISTA DA CLASSE JORNALISTICA

Foi sempre uma velha e ardente aspiração da classe jornalistica, desta capital, conseguir um terreno para a construcção da «Casa do Jornalista». Os homens de Governo, notadamente os prefeitos, que temos tido, até aqui, nunca se resolveram a auxiliar a realização desse «desideratum» dos trabalhadores da imprensa. Esqueceram, desse modo, aquelles que sempre concorreram para prestigial-os, não lhes concedendo a probabilidade de encontrar uma casa, que lhes fosse bemfazeja e util, com a sua protecção. Coube essa iniciativa ao dr. Pedro Ernesto, interventor do Districto Federal, assignando o decreto que, ha doze annos, mandava entregar, á Associação Brasileira de Imprensa, um terreno na esplanada do Castello, destinado áquelle nobre fim. Para essa acquisição, muito concorreram a actividade, a intelligencia, a diplomacia do dr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, que muito se tem esforçado pela victoria da causa dos seus confrades.

A cerimonia da assignatura do decreto que representa a victoria de uma campanha de doze annos realizou-se no ultimo sabbado, no gabinete do interventor do Districto Federal, onde se reuniram, para assistil-a, innumeros jornalistas, representando a «élite» da imprensa carioca. Apesar da simplicidade de que se revestiu, nem por isso deixou de ser expressiva a solennidade. Depois de assignado o decreto municipal, cujo texto foi lido para os presentes, o dr. Herbert Moses proferiu, em nome dos seus collegas, eloquentes palavras de agradecimento pelo acto significativo do dr. Pedro Ernesto, que, segundo frisou o orador, e todos nós o reconhecemos, é um verdadeiro amigo da classe jornalistica, auxiliando-a como director de hospital, como cirurgião e, agora, como administrador. O dr. Pedro Ernesto agradeceu com um abraço commovido e duas palavras á breve oração do presidente da Associação Brasileira de Imprensa. A gravura da nossa pagina focaliza detalhes da cerimonia de sabbado, na Prefeitura.

Alto-Falante

—QUERES saber de uma coisa?...

—Sim. Dize...

—Estou decidida a acabar com isto, ouviste? E' demais! Não combinamos. Pensas de um modo, eu de outro. Amas á tua maneira, eu á minha...

—Está bem. Acceito a tua proposta de rompimento. Antes, porem, calma um pouco os teus nervos assanhados e dize-me, depois, como é a tua maneira de amar. Porque eu, francamente, penso que o amor é um só e quando a gente ama tem que se submetter ás suas exigencias, ao imperio do seu egoismo, um tanto ou quanto feroz, ás vezes...

—Não me irrites mais do que já estou, sabes?

—Mas, minha filha, não te comprehendo. Em que e por que te estou irritando? Porque desejo saber como é a tua maneira de amar? Que mal haverá nisso? Entre nós, de accordo com a tua resolução, está tudo acabado. Custar-te-ia muito, então, deixar-me, três gentiment, explicando-me a tua theoria amorosa para que eu te pudesse comprehender, mesmo no momento em que te vou perder para sempre?

—Para sempre?!

—E, então?... tu propria assim o quizeste...

—E tens coragem... terias coragem de me abandonar, de te separar de mim, assim, assim?...

—Assim como?

—Assim como estás dizendo, com esta indifferença horrivel, cruel, estupida!

—Mas, minha filha, deante do que disseste, da attitude definitiva que tomaste, que quererias que eu fizesse? Que me ajoelhasse a teus pés a pedir-te clemencia, a dizer-te que te amava muito, que não me deixasses, que não me abandonasses?

—Não. Não queria isso. Mas pensei que soffresses um pouco, que não acceitasses tão friamente esta separação...

—Que é definitiva para sempre...

—Definitiva? Para sempre? Não. Não, meu querido. Nunca. Nunca! Amo-te. Amo-te muito. E's a minha vida. Eu não resistiria se, um dia, me separasse de ti. Tu, tambem, não é, querido, tu, tambem não terias coragem de deixar a tua "mulherzinha"?

—Louquinha! E, agora, já poderás dizer-me como é a tua maneira de amar?

—Dando-me a ti, inteiramente, de alma, de coração, de corpo, para ter a volupia de sentir que sou uma coisa tua, de que podes usar e abusar.

—E os teus gestos de rebeldia, de revolta contra o que chamas o meu "impiedoso egoismo"?

—E' só para ter o prazer de render-me ao teu dominio, mais escravizada, mais presa a ti, amando-te cada vez mais! Não é assim que me queres, meu principe e meu senhor?

—Sabes ser mulher ás direitas, queridinha.

—Mulher ás direitas, por que?

—Porque te fazes "escrava" para ser mais rainha do que nunca, dominando-me inteiramente com a tua apparente submissão.

—Feio! Mau! Meu queridinho!

—Meu amor de "petite reine"...

MAX LINDER

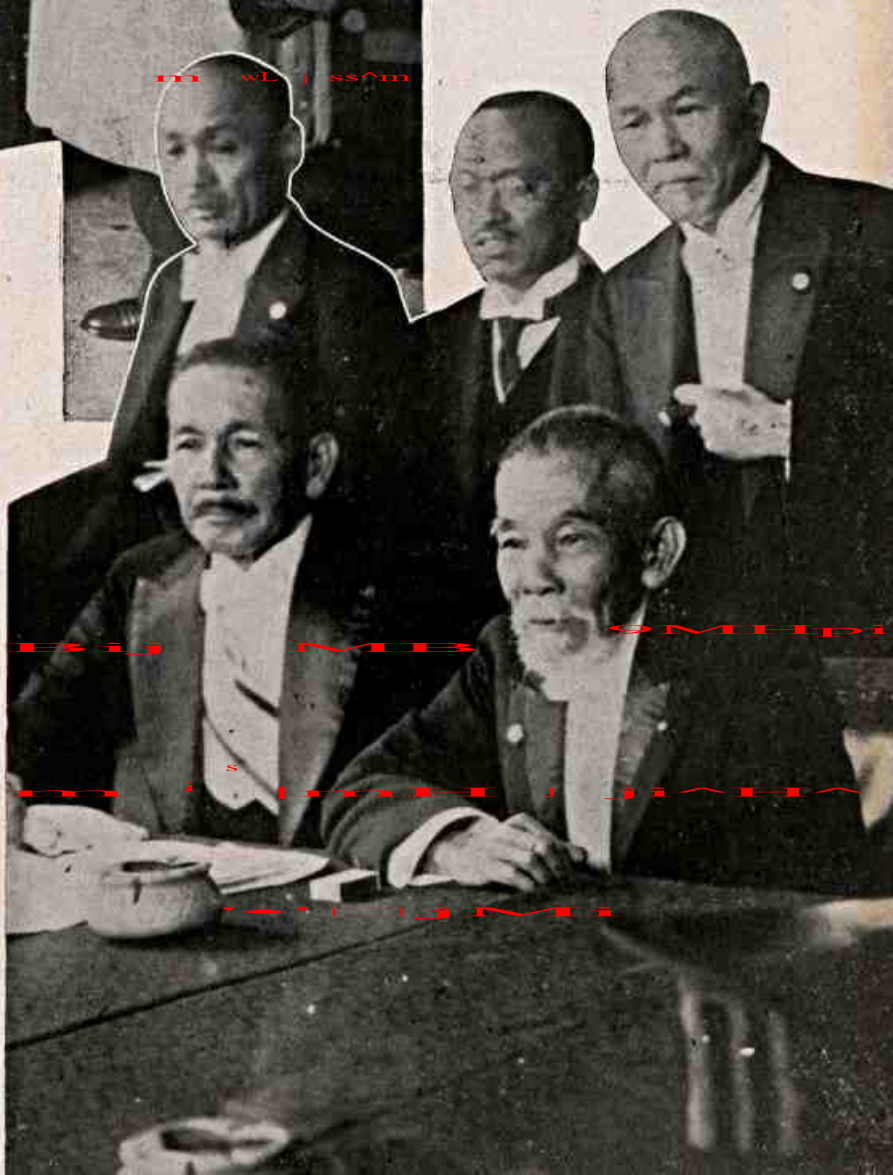
O NOVO DIRECTOR D'«A NOITE».

Com a retirada, da direcção de «A Noite», do illustre academico e homem de letras Augusto de Lima, foi escolido para occupar esse elevado cargo o nosso brilhante confrade de imprensa Carvalho Netto, que já vinha prestando, ha muito tempo, os seus serviços profissionaes ao brilhante vespertino carioca no cargo de secretario de redacção. Attitude digna e eminentemente justa, essa que a alta administração de «A Noite» acaba de tomar ecoou de maneira sympathica nos circulos de imprensa da cidade, pois vem premiar a intelligencia, a cultura e a capacidade de trabalho de um jornalista que sempre honrou a sua classe e della se tornou, sem nenhuma lisonja, uma expressão das mais nobres, definitivas e dignas de apreço. O facto implica, além disso, num formoso estimulo a todos os que se dedicam á trabalhosa e, muitas vezes, ingrata profissão do jornalismo em nosso paiz.

UM CONCURSO PARA OS ARTISTAS DO PINCEL

Sob os auspicios da Associação dos Artistas Brasileiros, realiza-se hoje, na séde daquella sociedade, no Palace Hotel, um concurso de cartazes para propaganda do baile á fantasia que a Prefeitura do Districto Federal e o Touring Club do Brasil estão organizando para o proximo carnaval.

Concorrem os artistas nacionaes e estrangeiros que se inscreveram até o dia 15 do corrente, e que terão de fazer o cartaz em prova publica, devidamente isolados, durante o dia. As provas terão inicio ás 8 horas da manhã e terminarão as 8 da noite, quando será feito o respectivo julgamento por uma commissão composta do commandante Bulcão Vianna, representante da Prefeitura; dr. Octavio Guinle, presidente do Touring Club; dr. Celso Kelly, director da Associação dos Artistas Brasileiros; dr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, e professor Flexa Ribeiro, representando a Escola de Bellas Artes.

Os premios são dois: um de um conto de réis e um de quinhentos mil réis. Os trabalhos não premiados, mas que forem julgados interessantes pela commissão, serão adquiridos ao preço de duzentos mil réis.

FLAGRANTES INTERNACIONAES

Gloria Swanson, a famosa «estrella» da cinematographia americana, desembarcando em Paris, na Gare St. Lazare, acompanhada de seu quarto marido, sr. Michael Frmer. A chegada da conhecida artista á capital franceza foi um dos grandes acontecimentos parisienses.

O sr. Inukai, chefe do partido da opposição japoneza, mais conhecido pelo nome de Seiyukai, acaba de ser convidado pelo Mikado para formar o novo gabinete nipponico, tendo aceito a incumbencia. O flagrante photographico o apresenta em plena sessão do Parlamento de Tokio.

(Photos do serviço especial de FON-FON em Paris).

TREPAÇÕES

O pequeno Humberto Manoel, filho do sr. José Pinto Montenegro e de d. Carmen Antunes Montenegro, cavalgando o seu lindo velocipede, que faz inveja a muito garoto da vizinhança...

ELLE casa a sua immortalidade academica com um todo conselheiral. Apurado no trajar, commedido nas falas, dá a impressão do que se chama *um homem serio*...

Pois bem, não faz muitos dias, alguem o viu no Cinema Odeon, aconchegadinho a uma dengosa mulata que lhe dava de quando a quando, na bocca, um bombom de chocolate...

A testemunha de tal scena quasi desmaia de espanto...

Quem diria?...

MADAME está verdadeiramente indignada pelo papel ridiculo que representou perante a autoridade policial do districto.

Já esqueceu a *partida* do marido, já o *patife* foi perdoado, o susto está passado, mas a carinha marota da autoridade não lhe sáe dos olhos.

Tambem era a primeira vez...

O marido merecia-lhe credito, á vista dos habitos morigerados. Do almoço para o trabalho, do trabalho para o jantar, depois do jantar um ligeiro passeio pela vizinhança...

Mas, naquella noite, foi um alvoroço!

Até altas horas o marido de bons costumes não havia tomado casa!

Madame teve o espirito asaltado pelas mais loucas supposições. Repelliu, porém, todas as idéas más, decidindo-se pela tenebrosa desgraça de um desastre de automovel. O corpo do casto maridinho estaria esmagado, no necroterio, certamente...

Lourdinha, uma galante piauhyense de Therezina, filha do sr. Santos Lima e de d. Annita Santos Lima.

Correu ao districto, disse quem era, ao que ia, e a autoridade, que era amigo da *victima*, recebeu *madame* com um sorriso tranquillizador. A policia não havia tido conhecimento de qualquer desastre de automovel, naquella noite! Nem assassinatos...

Tudo na mais perfeita ordem, tudo em paz. *Madame* ficou perplexa! Como?!

Então onde estaria metido o marido?!... A autoridade, sempre amavel, sorrindo intencionalmente, aconselhou calma, que fosse *madame* para casa, que o marido havia de apparecer.

E appareceu... Quasi pela madrugada, com uma historia muito complicada na ponta da lingua...

Só a elle poderia acontecer uma coisa assim... Havia sahido para o seu passeio de costume, mas, tivera de soccorrer uma pobre senhora que ficára sob as rodas de um automovel. Acompanhou-a até a Assistencia... Emfim, uma complicada historia que a esposa rebateu, porque a policia lhe havia informado que, naquella noite, a respeito de desastres, nada...

O marido, com um cynismo de embasbacar, retrucou que a policia nunca sabe de nada; e deu pormenores do caso...

A esposa, depois de uma semana de nojo, acabou perdoando o patife.

Mas não esquece a cara marota da autoridade deante da qual representou papel tão ridiculo.

Realmente, é para uma pessoa morrer de raiva...

A menina Maria Carolina, filha do sr. Armindo Costa e de d. Olinda de Araujo Costa.

CARTA FEMININA

Recebi ha dias dum bello espirito feminino uma linda carta de bôas festas. Foi um dos meus melhores presentes de Natal. Li-a, reli-a e procurei dentro della alguma cousa a mais do que o que estava escripto nas suas cinzentas laudas perfumadas. Li-a, reli-a...

Balzac escreveu alhures que «une lettre est une ame». Estou absolutamente convencido de que tem toda a razão. Uma carta é, na verdade, uma alma como revelação. Entretanto, haverá nada mais difficil de entender do que uma alma? E, sendo assim, haverá nada mais difficil de comprehender do que uma carta?... Sobretudo si essa carta foi traçada por uma mulher. As mulheres põem como toda a gente a alma nas cartas, mas tão disfarçada...

Os officiaes do Exercito que foram declarados aspirantes a 7 de janeiro de 1922 solennizaram na semana passada o decimo anniversario da cerimonia militar do seu compromisso, promovendo uma homenagem á memoria dos seus collegas fallecidos e um almoço commemorativo daquella data. A primeira solennidade constou de uma missa, celebrada na igreja de Santo Ignacio, na manhã de sexta-feira penultima. O almoço realizou-se domingo passado, e nelle tomaram parte mais de cem officiaes pertencentes áquella turma, e que servem nas guarnições do Districto Federal e de Nictheroy. As gravuras desta pagina focalizam aspectos das duas expressivas commemorações.

O PRINCIPE TRUBETZKOI

ALMOÇAVAMOS no restaurante Korniloff, na Etoile, que os refugiados russos de Paris costumam frequentar. Á porta, o velho cozinheiro do tsar, que tem o mesmo nome dum general celebre e o deu á casa, recebia os freguêses gentilmente, todo de branco, avental e gorra alta, condecorações ao peito. Éramos tres: um paulista que ha longos anos vive na França, um português finíssimo como poucos e eu. Encomendámos os pratos e o vinho. Depois, puzemo-nos a conversar animadamente. O criado serviu o **bortch**, sôpa de repolho com creme, os **piroski** ou compridas croquetes recheadas de carne e um **rosé** da Criméa, que parecia antes vir da Touraine, em verdade mais proxima que a antiga Taurida, embora a côr mais baça e o gosto mais acre.

Quando veiu o cabrito assado no espeto á moda do Caucaso, uma voz desconhecida me interpelou em francês da mesa vizinha:

— Desculpe-me, cavalheiro, póde informar-me que lingua latina está falando?

Voltei-me e dei com o sorriso rasgado e franco dum velho alto, elegantemente trajado, de cabeça quasi branca e perfil de medalha antiga, a quem o criado servia naquele instante um prato de legumes. Sorri tambem e, antes que respondesse, ele continuou:

— Sou russo e falo todas as linguas latinas menos o português. Falo mesmo o catalão, o provençal e o romanche da Suissa. Compreendo alguma cousa do que os senhores estão dizendo e daí saber que é uma lingua latina, que só póde ser o português, não é verdade?

— Sim, retorqui, falamos o português, eu e este amigo (indiquei o paulista) á maneira do Brasil e aquele (indiquei o luso) com a pura prosodia de Lisbôa.

Este introito levou-nos a palestrar com o distincto personagem, que, com seu ar superior, começou a criticar nossa alimentação. Poderíamos estar certos de que não chegaríamos á sua idade com tanta saúde e tão bons nervos, porque comíamos carniças preparadas de varias formas. Ele, não. Era absolutamente vegetariano e seus rijos setenta e dois anos demonstravam o valor do regime.

— E os senhores não avaliam como trabalho. Ás sete da manhã, verão ou inverno, estou na oficina, as mãos no barro...

Entreolhámo-nos curiosos e ele explicou:

— Sou escultor e tenho sempre muitas encomendas. Alguns dizem mesmo que sou o maior escultor da atualidade, o que, aliás, não me envaidece muito, porque os escultores atuais são tão fracos que ser o maior deles não é difficil...

Como notasse a surpresa que nos fazia a sua falta de modéstia, convidou-nos:

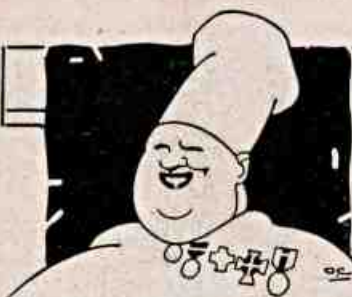
— Venham ver o meu atelier. E' perto e tenho á porta o meu automovel.

— Aceitámos e tomámos um esplendido Lancia, os meus dois amigos no assento de trás e eu ao lado do velho, que guiava. Embarafustámos rapidamente por uma rua qualquer, demos a volta ao Arco de Triunfo e descemos a avenida Foch. O desconhecido manobrava o volante com a agilidade dum rapaz de vinte anos e consumada maestria. Fazia setenta quilometros a hora, apesar do intenso movimento de veículos. A' entrada do Bois de Boulogne, um apito imperativo fê-lo parar. Um agente-ciclista aproximou-se e exigiu:

— **Vos papiers!**

Ele acendeu calmamente um cigarro e lhe entregou a caderneta de circulação. O policial leu-a atentamente e chamou um inspetor, que se achava mais adeante, na Porte Dauphine, com o qual conferenciou momentos. Voltando ao carro, cumprimentou o ancião, restituiu-lhe os papeis e falou, amavel:

— Por hoje, está desculpado, mas faça o favor de ir devagar.

Seguimos até Neuilly e fomos ter a um antigo pateo, em cujo fundo ficava a oficina. Saltámos e entrámos numa grande sala quadrada, com prateleiras de pinho em volta, um grande fogareiro de ferro ao centro e teias de aranha no tecto. Enchia tudo uma multidão de estatuas de todos os tamanhos e feitios, em barro, em gêsso, em mármore e em bronze. Generais a cavallo. Dansarinas na ponta dos pés. Nobres damas recostadas em poltronas. Guerreiros de armaduras e burguêses de chapéu côco. Animais domesticos e selvagens em atitudes diversas. Deusas e deuses pagãos. Atletas e nús femininos. Grupos, torsos, bustos e cabeças. Toda uma longa existencia dedicada religiosamente ao culto da beleza da vida, da natureza e da arte. Estavamos em presença da obra original, palpitante e forte dum grande artista. Ele sentiu a admiração dos nossos olhos maravilhados e começou a nos explicar os seus trabalhos. Mostrando-nos albuns de cidades, indicou os monumentos que fizera para Petrogrado, Estocolmo, Copenhague e Budapest, e as estatuas de sua autoria adquiridas pelos museus de Dresde, Munich, Viena, Roma e de Luxemburgo, em Paris.

Ao despedirmo-nos com agradecimentos e louvores, é que ele revelou quem era, satisfazendo nossa curiosidade que as conveniencias continham. A cada um deu um cartão: "Prince Paul Troubetzkoy — 10, rue Pierre ... Neuilly. Tel. 01.93 Maillot — Lago Maggiore Suna. Cabianca." E demandámos a cidade, de taxi, pela avenida do Grande Exercito, comentando aquele encontro fortuito com um dos miores artistas da Europa contemporanea, descendente ao mesmo tempo duma das mais antigas casas da nobreza moscovita, cujo nome figura muitas vezes através dos séculos, nas paginas de sua historia. Nessa noite, fomos ouvir algumas velhas canções de França, como *Ma femme est mort*, *La kyrielle des moines* ou *Le hussard de la garde*, no cabaré do Caveau des Oubliettes, que funciona nos subterraneos das prisões de Paris ao tempo do rei Luis XI. Visitámos após, percorrendo um dedalo de corredores humidos e de íngremes escadas em caracôl, as oubliettes ou solitarias de esquecimento, os alçapões por onde se atiravam os cadaveres ao rio, as camaras de tortura, os nichos em que se emparedavam os condenados, ainda cheios de ossos, e um pequeno museu com uma guilhotina dos exercitos da Vendéa, duas ou tres peças interessantes e um rór de cousas velhas sem valor. Os meus amigos queriam examina-las uma por uma e, como me sentisse cançado, disse-lhes em francês, referindo-me a essas velharias:

— *Dépêchons-nous, mes enfants. Ça ne vaut pas la peine, ce n'est que du clinquant.*

Nisto, um francês alto e bigodudo, que se achava na sala, protestou vivamente:

— O senhor, um estrangeiro, não tem o direito de dizer que o que existe nesta casa não é autentico.

E continuou nesse tom, em vóz alta, provocando uma alteração. Mirei-o da cabeça aos pés e repliquei com a maior calma dosada de pouco caso:

— Cavalheiro, eu não tenho o habito de conversar, muito menos de discutir, em publico, com as pessôas que me não são apresentadas devidamente.

Ele calou-se, meteu a mão no bolso, tirou a carteira, escolheu um cartão e entregou-m'o com estas palavras:

— Neste ponto, efetivamente, o senhor tem razão.

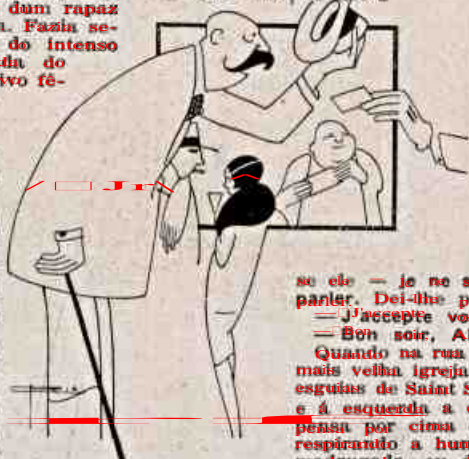
— EXCUSEZ MOI, ALTESSE

Passei os olhos pelo retangulo branco e li — Armand [illegible] — Villa des Peupliers — ... chon. E, com a mais natural superioridade deste mundo, passei-lhe o cartão de visita que me dera, depois do almoço o principe Trubetzkoi. O francês leu-o com certa emoção, olhou-me a fita da Legião de Honra na lapela, lembrou-se certamente de me ter ouvido falar em idioma ignoto com os companheiros e não duvidou. Concertou a gola do sobretudo e curvou-se reverentemente:

— **Excusez-moi, Altesse!** — disse ele — **je ne savais pas á qui j'avais l'honneur de parler.** Dei-lhe por favor esta resposta:

— **J'accepte vos excuses, monsieur. Bon soir!**

— **Bon soir, Altesse!** E curvou-se ainda mais.

Quando na rua Saint Julien le Pauvre, á sombra da mais velha igreja de Paris, olhando á direita as torres esguias de Saint Sevérin perfiladas no céu côr de cinza e á esquerda a cimitarra de ouro do Crescente que pensa por cima da renda de pedra de Notre Dame, respirando a humidade do Sena trazida nas asas da madrugada, eu disse aos companheiros que usara o cartão do principe Trubetzkoi para lograr o francês impertinente, duas sonoras gargalhadas cortaram o silencio da **Rive Gauche**...

O BRACELETE DE SAFIRAS

Sobre esse livro de contos do nosso companheiro Gustavo Barroso, que tem tido grande exito de livraria, o notavel escriptor inglez R. B. Cunnigham Graham externou-se desta sorte:

"Não se pode dizer qual dos contos do *O Bracelete de Safiras* é o melhor. Talvez o *Telefone da Morte* seja o mais palpitante. Como tudo nesse livro está longe do sertão! O ambiente não é o mesmo. Mas é a mesma mão que escreve, tão segura como sempre."

Já está no prelo o romance de Gustavo Barroso que se segue a esse livro de contos. Por todo este mez será exposto nas montras dos nossos livreiros *A senhora de Pangim*, cuja palpitante acção se desenrola no Brasil, em Portugal e na India Portugueza, nos fins do seculo XVII e começo do XVIII.

PREVISÃO

Em 1909, no dia 7 de novembro, Gustavo Barroso publicou no *Jornal do Ceará*, de que era redactor, dirigido então por Agapito Jorge dos Santos, um dos chefes da opposição ao governo do sr. Accioly, no Ceará, um artigo de fundo, sob o titulo *A derrocada*, do qual transcrevemos os seguintes trechos:

"A derrocada da nação se acentúa dia a dia; o descalabro do paiz é palpavel a todos. A razão de tudo isso está na nossa organização politica, na nossa dogmatica e plagiada constituição; e mesmo até na falta do baptismo purificador do sangue, que ha de produzir muita dôr e muita afflicção, mas que será o pollen fecundante que regenerará a sociedade brasileira, produzindo uma geração nova e austera que viu as barricadas nas ruas, as poças fumeantes do sangue dos recontros e lutou, fusil em punho, em defesa de seus direitos postergados."

Esse periodo mostra bem que os homens de letras, tanto quanto possivel, adivinham o futuro, o qual se processa como elles pensavam, mais umas coisas, menos outras...

DOIS CEARENSES EM PARIS

No ultimo domingo de setembro de 1931: o nosso companheiro Gustavo Barroso e o seu patricio Joaquim Albano na grande escadaria da Opera de Paris, posando para FON-FON.

O professor G. Portmann, de Bordeaux, é um dos grandes nomes da sciencia franceza contemporanea. Especialista em oto-rhino-laryngologia, mantém elle, naquella cidade, um curso de aperfeiçoamento que é frequentado por elevado numero de medicos estrangeiros, procedentes de todos os paizes, e que vão assim receber os ensinamentos praticos do eminente mestre da cirurgia franceza. O grupo que o clichê acima focaliza mostra o professor Portmann entre os seus collegas-discipulos, após o banquete que estes lhe offereceram nos salões Chézeau, em Bordeaux, e no qual tomaram parte scientistas de Portugal e do Brasil da Italia e da Grecia, da Colombia e do Egypto, da Yugo-Slavia e da Polonia, da Russia e da China, da Belgica e da Hespanha. O nosso paiz esteve representado nessa homenagem, em que figuraram trinta e cinco nações, pelo illustre cirurgião dr. Augusto Linhares, grande especialista brasileiro da oto-rhino-laryngologia, e que se vê no primeiro plano, sentado, entre os seus collegas estrangeiros. Outro medico nosso patricio, o dr. Walter Benevides, tambem alumno do professor Portmann, foi conviva desse agape.

A MULHER CHIC

Crêpe satin blanc.

Ensemble de diner en crêpe bilitis vert clair. Ceinture et fleurs brun clair.

Satin Impérial jaune.

Georgette blanc. Rubis.

CREAÇÕES JEAN PATOU

(Photos especiaes para FON-FON).

Alguns musicos e folkloristas da America Espanhola

Nossa patricia, a notavel cantora Julieta Telles de Menezes, está fazendo na Europa uma grande propaganda de nossa terra e de toda a America, tanto pela voz, dando concertos em varias capitaes e cidades, como pela penna, escrevendo em revistas e jornaes. Do numero especial da importante revista parisiense Geographie Musicale *de 1931, sobre a musica em varios paizes, collaborado por Marion Bauer, Suzanne Demarquez, Gatti, Glinski, Hetsch, Prunières e outros criticos de nomeada, transcrevemos este artigo da nossa conterranea.*

Si o Brasil é o coração da America Latina, certo é que o coração desse coração bate ardentemente pela Arte franceza, pela musica franceza. E si como brasileira, ouso falar da musica da America Espanhola, é que a simpathia fraternal que existe na Argentina e no Uruguay pela nossa arte, dá-me coragem de fazel-o, tal é a complexa diversidade dos *tangos* uruguayos argentinos, das *arias, vidalitas, yaravis, tristes, pericons, gatos chacareras*, arias nostalgicas e campesinas, canções e dansas de Araucanos puros, de mestiços ou negros — ardentes pequenas obras primas de rythmos bruscos, exhuberantes e quentes como a natureza de nossas patrias distantes.

* * *

As *vidalas* são as canções mais caracteristicas da Argentina e do Uruguay.

Alberto Williams, que foi chamado o patriarcha da evolução musical da Republica Argentina (1), discipulo de Cesar Franck, cuja erudição na materia é profundissima, colligiu e harmonizou diversas (2). A vasta producção de Alberto Williams é aliás conhecida em França. Mais de uma de suas obras em que em vivacidade disputa primazia á sciencia, foram aqui acolhidas com enthusiasmo.

Certamente, póde-se ser profundamente nacional sem se inspirar no folk-lore, como o nosso Villa-Lobos nos seus começos. E o folk-lore mesmo não é sempre autochtone, haja vista os themas dos *gauchos*, nascidos de influencias *araucanas* ou *mouro-andaluzas*, tendo adquirido fóros de cidade na Argentina e passado para o Uruguay. Entretanto, saudemos em Julian Aguirre, Pascual de Rogatis (argentinos), Alfonso Broqua e Eduardo Fabini (uruguayos) os musicos que, em primeiro lugar, cultivaram a arte popular de seus paizes.

Entre os jovens uruguayos, citemos Luis Gluzeau Mortel e Pedro Mandino, que gostam de basear sua inspiração nos poemas do maravilhoso Fernan Silva Valdés, thesouros inesgotaveis de belleza e emoção.

Na Argentina, encontramos soberba pleiade de musicistas. Carlos Pedrell é bem conhecido em França (3). Carlos Lopez Buchardo, illustre director do Conservatorio Nacional de Musica de Buenos Aires, é o cantor eloquente do *Gaúcho* e da *China*, de sua vida, de seus amores nos pampas. José André, autor de tres vivas evocações *Impressões portenhas*, cuja riqueza orchestral Albert Wolff fez apreciar nos Concertos Lamoureux, escreveu *Canções infantis* deliciosamente simples.

O sr. Hugues Panassié escrevia ultimamente: "Certas impressões de arte não pódem ser julgadas de fóra. E' preciso, para bem comprehendel-as, nellas penetrar até o intimo..." Palavras sabias que meditei ouvindo a deliciosa orchestra de Julio de Caro, que ultimamente tocava no *Empire*, interprete perfeito do folk-lore argentino, e nas quaes penso folheando as melodias de Vincente Forte, Celestino Piaggio, Torre Bertucci, Juan José Castro, Luzzatti, Léa Climaglia e outros musicos argentinos de valor.

Julieta Telles de Menezes.

No Chile, cultivam-se as artes com ardor e a musica com enthusiasmo. Os mestres classicos são bem comprehendidos e os modernos apreciados. Muitos preferem o genio francez de Debussy. Stravinsky tem adeptos.

Os musicos chilenos, semelhantes nisso aos de todos os paizes da America Latina, receberam forte influencia desses dois poderosos temperamentos. Sua musica está como que impregnada delles, sem que por isso renuncie, felizmente, ás suas authenticas raizes e ao seu clima.

Não preciso apresentar aqui o fino Humberto Allende, autor da apreciavel serie de obras pianisticas e orchestraes, entre ellas as *Tonadas* muito applaudidas nos Concertos Strazan.

Prospero Bisquertt fala uma lingua musical cheia de luz e de optimismo. Gosta dos preciosismos harmonicos e é o unico chileno que cultiva com exito o theatro lyrico. Sua opera *Sayeda* obteve, após sua creação, triumpho sem precedentes no Theatro de Santiago, em 1927.

Romantico, subjectivo e refinado, Alfonso Leny diz-nos na sua musica suas alegrias e penas. Ao seu estylo não falta elevação nem sentimento pathetico: exemplo — o poema symphonico *A monte de Alsino*. Xavier Rendijo e Carlos Lenvin são excellentes folkloristas. O primeiro, alem disso, é um vivissimo regente de orchestra. Henrique Loro é notavel pianista e magnifico improvisador.

Acario Cotapos, do qual fôram executados quatro pequenos preludios em casa de Marius-François Gaillard, já nos deu bellas promessas. De Juan Casanova Vimnã, rythmista original e possuindo dons para a composição orchestral, temos o direito de esperar obras mais importantes que seus *Eslogas para orchestra sobre motivos populares*. Não esqueçamos tambem o valioso Celerino Pereyra, assim como Osman Perez Freire, cuja deliciosa canção *Ay-ay-ay* fez, com Tito Schipa, a volta do mundo.

* * *

Concluindo e desculpando-me do que esse rapido resumo possa ter de apressado e synthetico, recordarei que foi Aristobulo Dominguez o primeiro, que em collaboração com Don José de Villalba, harmonizou arias da musica Guarani: *As arias nacionaes paraguayas*. Mencionarei ainda Th. Valcarcel, compositor peruano de *canções incaicas*, nas linguas dos indios do Perú, Bolivia e Equador.

Mas, nessa materia, tenho o prazer de reportar os leitores á obra completa e admiravel da senhora Déclard d'Harcourt.

JULIETA TELLES DE MENEZES

(1) *Que conta 110 conservatorios de musica.*

(2) *Tive o prazer de cantar uma das mais bellas na "Revue Musicale", acompanhada pelo autor.*

(3) *Ver a "Revue Musicale", junho de 1931.*

O TOURING CLUB DO BRASIL E O SEU PROGRAMMA DE 1932

A mesa que presidiu aos trabalhos da reunião de sexta-feira penultima, no Touring Club do Brasil, ao centro. No alto, directores daquella instituição em companhia de jornalistas, durante outra sessão do Touring. Em baixo, o dr. Octavio Guinle, presidente do Touring Club do Brasil e um dos grandes animadores do turismo em nosso paiz.

O Touring Club do Brasil, instituição benemerita, cujos objectivos são da mais alta importancia patriotica, levou a effeito, sexta feira, 8 do corrente, a primeira sessão conjuncta de sua directoria com o Comité de Imprensa. Por essa occasião, o dr. Octavio Guinle, presidente do club, expôz aos representantes da imprensa o programma de actividades dessa prestigiosa aggremiação, para 1932, do qual se destacam, entre outras iniciativas, a primeira temporada official de turismo da cidade do Rio de Janeiro, já approvada pelo interventor dr. Pedro Ernesto, e cujos beneficios vão começar pela officialização do Carnaval deste anno. Estiveram presentes á reunião, alem do dr. Octavio Guinle, os srs. Herbert Moses, Pires Rebello, P. B. de Cerqueira Lima, Juvenal Murtinho Nobre, Moura Costa, Berilo Neves, Edgard Chagas Doria, Annibal Bomfim, Waldemar Bandeira, Mario Domingues, Marcio Reis, Amorim Netto e outros.

IMITAÇÃO

A Academia Franceza, nas vesperas da oitava edição de seu diccionario, ainda não publicara sua grammatica. E só ao abeirar-se do terceiro centenario da sua fundação é que a illustre companhia pôde reparar esse esquecimento culposo.

Uma commisão composta dos srs. Abel Hermant, Paul Valéri e Joseph Bédier apresentou um projecto que está sendo impresso. Depois de examinal-o pela ultima vez, a douta assembléa resolveu que a *Grammatica franceza* da Academia Franceza fôsse publicada. Essa edição deve provavelmente apparecer no começo deste anno.

Tambem na nossa Academia o diccionario vai andando e a grammatica está parada. Para imitarmos, somos uns bichos...

O dr. Eduardo Tinoco pertence á turma de medicos que deixou a Faculdade do Rio de Janeiro em 1931. Intelligencia brilhante, fez um curso que se assignalou por varias distincções, e nos bancos academicos se distinguiu sempre pelo amor ao estudo e devotamento pela sciencia medica. Está, assim, sufficientemente preparado para exercer a nobre profissão que abraçou, e na qual, certamente, há-de alcançar os mais bellos e expressivos triumphos.

Acaba de formar-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro o dr. Durval de Oliveira, que é uma das figuras brilhantes da turma de 1931, tendo collado gráo juntamente com os seus collegas.

O dr. Amir Cotrin tambem se formou com a ultima turma da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Ex-interno do Hospital de S. João Baptista da Lagôa, sobresahiu com brilho nos diversos exames de seu curso.

A data natalicia do saudoso medico e jornalista catholico dr. Antonio Felicio dos Santos foi expressivamente commemorada, no dia 8 do corrente, sexta-feira penultima, pelos amigos daquelle eminente escriptor e scientista, os quaes, além de mandar celebrar missa na matriz de Santa Thereza e fazer inaugurar uma placa em bronze na actual rua Felicio dos Santos, ainda promoveram uma sessão solenne no Circulo Catholico, sob a presidencia do nuncio apostolico, d. Aloisi Masella.

AMOR MODERNO

EU tinha de escrever esta pagina. Por dever. O redactor de uma secção de revista, não é um homem que possa dizer, quando queira: "Não desejo escrever." Elle é forçado a frisar: "Devo escrever. Tenho a obrigação de escrever."

A imprensa obriga a disciplinas tão sérias como as corporações militares. E eu sou uma obscura praça de pret do exercito dos batalhadores da penna. Sou um marujo dessa armada poderosa das letras...

Mas, perdão! Os senhores nada têm com isso. Eu bem o sei...

Voltemos, pois, ao começo desta chroniqueta sem graça.

* * *

Eu tinha de escrever esta pagina. Mas, onde o assumpto? Num domingo, quem não joga foot-ball, — como eu; quem não frequenta as praias elegantes; quem não possue automovel, quem não janta com os amigos — a melhor coisa que faz é ficar em casa — e ouvir o radio — quando este não nos amóla, ou então, ler um bom livro, como este "Dopo il perdono", de Matilde Serão.

* * *

Ora, eu tinha de escrever esta pagina. Mas, lendo o romance da notavel escriptora italiana, encontrei nelle tanta coisa linda, que preferi relatal-as aqui, a deixar que a minha penna banal traçasse palavras insipidas...

* * *

Matilde Serão abre o seu livro com algumas scenas intensas de amor. Este, como se sabe, não existe mais senão nos romances e balladas de poetas mais ou menos passadistas.

Ha muito tempo, não ouvia, nem mesmo via no cinema, episodios e palavras tão cheias de ardor, de febre, de coração e loucura.

Sim, porque as personagens de Serão — Mary e Marco Fiore — são duas creaturas passionaes, impetuosas e moças.

Dahi...

Dahi, o interesse que ellas me despertaram.

*

Mary é uma senhora casada, infeliz com o marido que a adora. Desfructa, porém, excellente situação social. Apaixona-se por Marco Fiore, — um elegante e um *viveur*.

Tres annos de existencia em commum lançaram o cansaço na alma de Fiore e accenderam, mais e mais, a chamma de uma paixão indomavel, no coração da mulher que abandonou o lar para ser sua, unicamente sua.

A acção, nesse capitulo, é bem forte, como é facil de vêr.

*

Quando Marco percebe que deve fugir de Mary, escreve-lhe uma missiva amarissima.

Della, destacarei apenas, os trechos e as phrases mais empolgantes. Isto é, as passagens que, hoje, só se assistem nos films ou nas paginas de ficção dos romances.

*

Diz Marco:

"Mary carissima,

Uma vez que, como sempre, me appareces verdadeira e leal, e me dizes, laconicamente, — e quasi me parece ouvir a tua vóz, lendo a tua carta — "Marco, o nosso sonho findou" — devo elevar o meu espirito á tua altura moral, onde nenhuma mentira é possivel, e repetir, lealmente: Maria, o nosso sonho morreu"

E adeante:

"Adorada Maria, tiveste de mim todo o amor, que pode dar um joven apaixonado, sincero e ardente, a uma mulher adoravel, como tu. Mas, o amor é uma coisa breve, de uma brevidade que desorienta e desola as almas ternas, os corações fieis e todas as fibras delicadas e sensiveis. Aquelle que diz amar uma só mulher, por toda vida, promette uma coisa vã..."

E um pouco mais abaixo:

"Maria, ti debbo tre anni di felicitá perfetta. Tu hai abbellita la mia esistenza, con ogni tua grazia e ogni tua seduzione..."

E ella responde:

"Marco, ti giuro che non ti amo piú. Vieni, subito, e ti diró *quello che é necessario*"

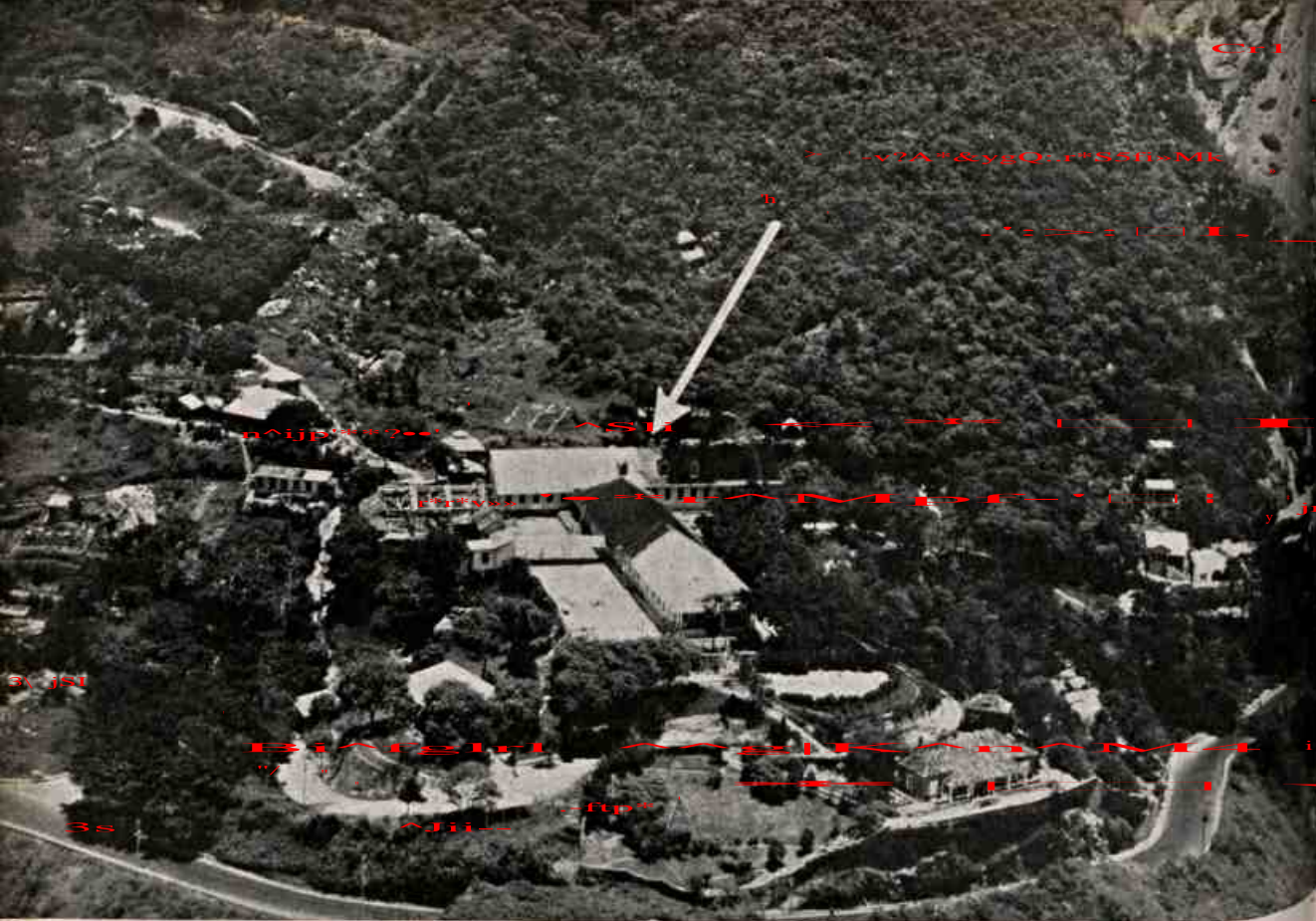
* * *

O amor está, de facto, despoetisado. Hoje, já não se ama desse modo. E quando se ama, não é assim, com essa belleza, que se rompe.

O telephone, que bate, diariamente, e pelo qual se combinam os encontros de sempre, os "tête-á-têtes" felizes, os colloquios, — uma tarde deixa de bater, de maneira imprevista. E si tilinta, é outra vóz que nos chama, que nos seduz, que marca um novo encontro, num local tão diverso, tão differente dos outros, dos antigos...

Matilde Serão tem razão: "L'amore é una cosa breve..."

Yves

A senhorita Mariá S. Vianna é uma formosa bahiana que toca violão e sabe cantar umas lindas canções da sua terra nortista. Recentemente, a senhorita Mariá realizou no theatro Jandaia, de São Salvador, um recital que foi um legitimo successo de arte e mundanismo.

Engastado na montanha, o edificio do Gymnasio Anglo-Brasileiro goza de uma situação privilegiada, que favorece, ao mesmo tempo, a saúde e o espirito do alumno que alli se educa.

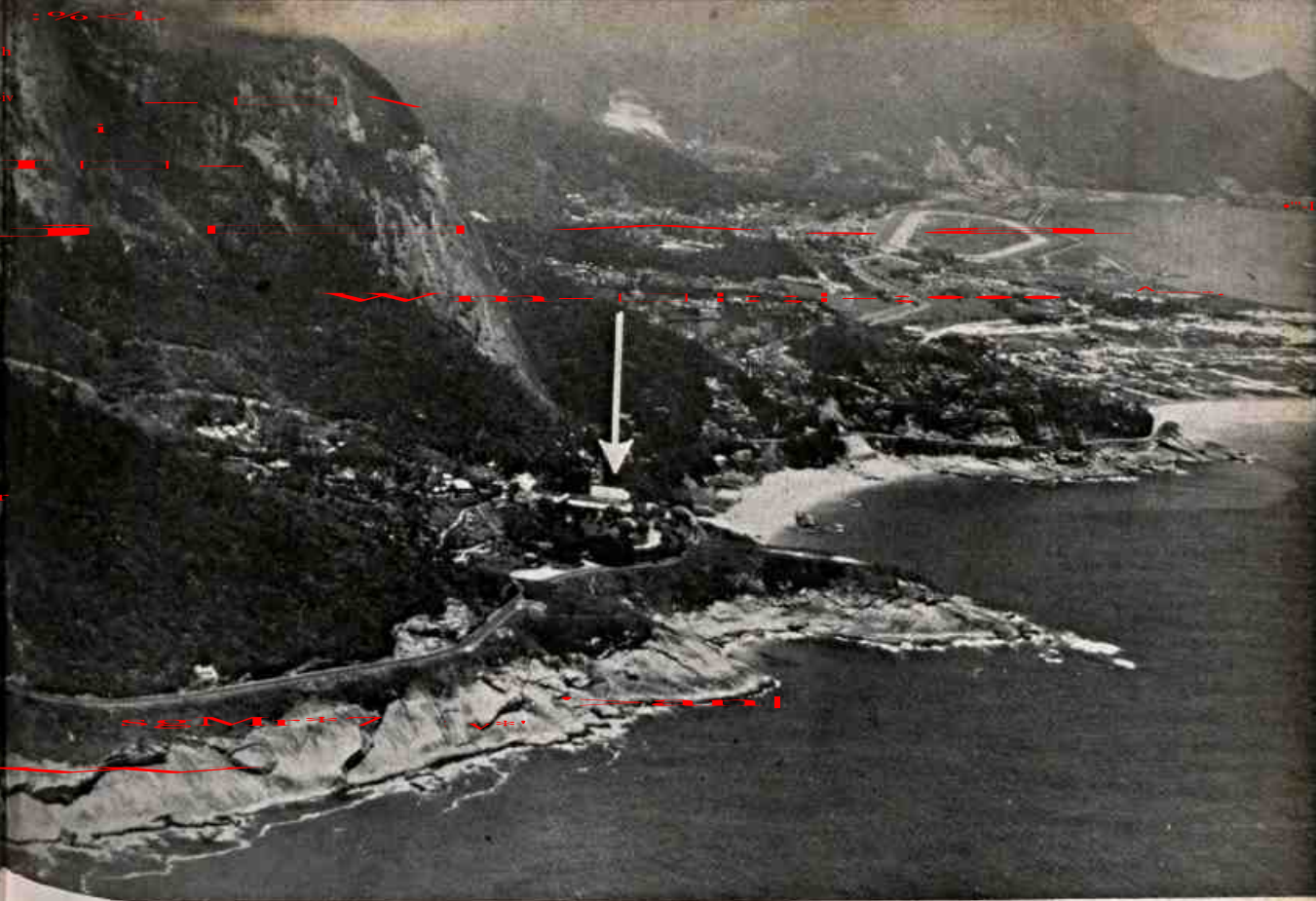
Do alto da serra dos Dois Irmãos, os alumnos do Gymnasio Anglo-Brasileiro estão vendo o mar e a praia onde elles praticam os seus sports aquaticos.

O Gymnasio Anglo-Brasileiro e a sua situação privilegiada

O Gymnasio Anglo-Brasileiro, completamente remodelado em todas as suas dependencias e fiscalizado officialmente, é um dos mais conceituados educandários da nossa capital. Bem dirigido, bem organizado, goza, por isso mesmo, de grande prestigio nos circulos mais selectos do Rio de Janeiro. Sua situação privilegiada offerece vantagens de que não gozam outros estabelecimentos do mesmo genero. O Gymnasio Anglo-Brasileiro fica entre a montanha e o mar. Do alto da serra dos Dois Irmãos, domina as praias amplas e pittorescas que se extendem, grandiosas, em baixo, na avenida Niemeyer. O alumno, alli, leva uma vida serena e feliz, fortificada pela natureza opulenta e generosa da nossa terra. Tem a doçura vegetal das arvores e a alegria inquieta das ondas. Montanha e mar. Emquanto pratica o sport espiritual do estudo, o alumno do Anglo-Brasileiro vae cultivando tambem os sports do corpo, que desenvolvem a intelligencia e alimentam a saúde. Professores especializados acompanham, em cuidadosa vigilancia, as evoluções sportivas dos jovens educandos.

Um gymnasio construido em concreto armado, com dimensões sufficientes para jogos de *basket-ball* e *volley-ball* e dispondo de apparelhos modernissimos para a gymnastica, valoriza as installações do Anglo-Brasileiro.

A organização do ensino é perfeita, alli. O "Jardim da Infancia", installado em pavilhão inteiramente isolado do resto do collegio, é o que póde haver de mais confortavel e moderno, no genero. Assim tambem os cursos primario, de admissão e gymnasial, que sempre mereceram as mais lisongeiras referencias das autoridades do ensino. Tudo magnificamente installado.

Quem visita o Gymnasio Anglo-Brasileiro, sae de lá cheio de enthusiasmo pelos methodos com que, naquelle collegio modelar, se educa a nossa infancia e a nossa mocidade. Sae de lá satisfeito pelo que vê em todas as dependencias do grande estabelecimento de ensino, que robustece, ao mesmo tempo, o espirito e o organismo do educando.

Longe do tumulto e dos ruidos da cidade, liberto das torturas da civilização trepidante, o alumno estuda e aprende com a grande cooperação da natureza, que, de um lado e do outro, lhe abre, maternalmente, os braços, proporcionando-lhe tres das mais necessarias condições para a delicia da vida: a simplicidade, a hygiene e o conforto. Não ha luxo no collegio da avenida Niemeyer, que está aberto para o rico e para o pobre, e onde ambos podem estudar proveitosamente.

Auto-omnibus do collegio, partindo do Country Club e do Jockey Club, levam, diariamente, gratuitamente, os alumnos externos e semi-internos até a séde do Gymnasio.

Está funccionando um curso de férias, para alumnos do primario e candidatos aos exames de admissão ao curso secundario, na segundo época, em fevereiro proximo. O Gymnasio acceita alumnos estranhos ao seu corpo discente para os referidos exames.

A' rua do Ouvidor, 187 (5.º andar), telephone 2-0219, funcciona um escriptorio de informações e matricula do Gymnasio Anglo-Brasileiro.

* * *

A reportagem photographica que ora publicamos focaliza varios aspectos do Gymnasio Anglo-Brasileiro, cujos edificios ahi apparecem antes da conclusão das obras de reforma que estão sendo feitas, e que ampliarão consideravelmente as diversas dependencias daquelle educandário.

Perspectiva da entrada do Gymnasio Anglo-Brasileiro.

O edificio da administração e das aulas.

A Convenção Nacional de Cinematographia, reunida, ha dias, no salão nobre do Automovel Club, constituiu uma demonstração eloquente do alto valor economico e artistico que a industria do film attingiu no Brasil. Com uma assistencia numerosa e distincta, com a representação official dos poderes publicos, a Convenção Nacional de Cinematographia obteve um successo que ha de ficar assignalado na vida filmesca do Rio. Fizeram-se ouvir, em discursos que desenvolveram varios themas de interesse da cinematographia, os srs. dr. Lafayette Cortes, dr. Generoso Ponce, dr. Alberto Torres, Adhemar Leite Ribeiro, a poetisa Maria Eugenia Celso e outros oradores. Todos os discursos despertaram grande interesse e foram applaudidissimos.

Sob os auspicios dos nossos confrades do «Diario da Noite», a Metro Goldwin Mayer do Brasil acaba de promover um interessante concurso entre os admiradores dos seus artistas para saber qual aquelle reputado melhor pelos concorrentes aos dois premios offerecidos pela grande companhia cinematographica. Uma commissão composta da senhorita Didi Caillet, autora de «Taú», do nosso confrade Celestino da Silveira e do nosso companheiro Martins Capistrano julgou as respostas enviadas á redacção do «Diario da Noite», escolhendo entre ellas a que merecesse o primeiro premio (500$000) e sorteando o segundo (um album de artistas de cinema) entre os votantes do artista Ramon Novarro. E' um aspecto do julgamento final desse concurso e entrega dos respectivos premios o que focaliza a nossa gravura, onde apparecem os membros da commissão julgadora, os concurrentes, o director-geral da Metro no Brasil, sr. Judal, o sr. Francisco Serrador, director da Companhia Cinematographica Brasileira, os nossos confrades Paulo Lavrador e Pedro Lima e outros convidados.

Voltará á sua antiga vida de prazeres.

ABANDONADA NO ALTAR

Producção da Columbia

Com Dorothy Revier, Tom O'Brien, Katrin Clare Ward, Vic Potel e Matt Moore

BROADWAY é um talho de luz que corta ao meio a face de Nova-York. Milhões e milhões de lampadas electricas illuminam a rua gigantesca cuja projecção se estende pelo mundo a fóra. E' a ilha para a qual convergem o pensamento e a imaginação de 100 milhões de americanos.

Broadway por si só é um mundo, mas esse mundo tem uma alma. A alma de Broadway são os seus cabarets e os seus theatros.

Os theatros da Broadway! Ter o seu nome num dos seus cartazes é a ambição maxima de um artista. Nenhum comediante se considera digno de fama se não conseguir realizar essa ambição.

E Violeta La Tour o havia alcançado. Todas as noites, na orgia das luzes, das flores, do luxo, ella irradiava a sua belleza estonteante, a sua graça inconfundivel, o seu talento primoroso. E dominava por essa força triplice.

Tentação inútil.

Mas a natureza é fraca. Tamanha intensidade de vida, tanta gloria, tanto triumpho cedo cançaram o seu corpo fragil. E a formosa estrella viu um dia que a gloria lhe fugia. Maurice Kane, o seu emprezario, se recusava a renovar o contracto, que a tornára celebre.

Por seu lado, a sciencia indicava á linda mulher uma cura de repouso no interior. O ar viciado da cidade lhe havia contaminado o organismo; somente o ar puro do campo poderia restaurar as suas energias perdidas. E Violeta, confiada no director de scena, que lhe promettia um

Reconhecia que amava aquelle homem forte, bom e simples.

contracto para o interior, partiu em busca da saude e, talvez, de novas glorias.

O ambiente muda por completo. A luz intensa das lampadas foi substituida pela luz poetica da lua, ou pela claridade vibrante do sol. Os scenarios de luxo, bom gosto e riqueza são agora uma recordação do passado. Os olhos têem deante de si apenas a natureza quasi virgem, na sua pujança agreste.

A mudança, entretanto, fôra rapida demais. O organismo de Violeta sente o excesso de vida das coisas que o rodêam. A acção muito forte traz fortissima reacção. E a estrella certa noite tomba desmaiada.

Tom Dixon, fazendeiro e agricultor, toma nos braços aquella mulher encantadora, e, condoido pelo seu soffrimento, leva-a á sua casa.

Aos cuidados da velha mãe de Tom, Violeta retoma pouco a pouco o rythmo da vida. A paz immensa daquelle rincão, a vida simples e laboriosa, o regimen primitivo mas saudavel são outros tantos reconstituintes para os seus nervos abalados. Tocada talvez pela suave poesia da vida campestre, a estrella de Broadway deixa se embalar por um canto de amor, e, ella que havia recusado o amor de tantos millionarios, acceita o que lhe offerece o fazendeiro Tom.

O dia ansiosamente esperado por Tom chegou, afinal. Deante do altar, á presença de Deus, dois seres irão unir-se para toda a vida.

No momento, porém, em que o pastor vae pronunciar as palavras sagradas que formam o laço indissoluvel, dá-se um acontecimento inesperado.

Alguns ladrões de gado tinham sido descobertos pela redondeza, e como o crime que praticaram era daquelles que os homens do campo não perdôam nunca, é preciso que todos os habitantes do lugar se reunam para dar-lhes caça de morte. E Tom abandona a mulher, abandona a familia, para ir ao destino que o dever lhe aponta.

Violeta, comtudo, não comprehende o imperio daquelle dever. Seria possivel que um homem dei-

(Conclúe na pag. 46)

Aos pés do altar.

Confidencias... criminosas.

PREÇO DA VENTURA

«HUSH MONEY»

DA FOX

Direcção: Sidney Lanfield

Com

Joan Bennett
Hardie Albright
Owen Moore
Myrna Loy

STEVE PELTON, um dos muitos ladrões elegantes que infestavam Nova-York, tinha como cumplices Flo Curtis e a pobre Janet Gordon, uma innocente joven, a quem a distincção daquelle homem tinha illudido, como se elle fosse um perfeito cavalheiro.

Pertencia á famosa quadrilha de Jack Curtis, homem affeito ao crime. Soffrendo uma "batida" em seu apartamento pela policia, Steve procurou innocentar-se, allegando que ia casar-se naquelle mesmo dia com Janet. Conhecedor de todos os seus antecedentes, o inspector Dan Emmett prende-o, assim como a sua "esposa" Janet.

Soffrendo rigorosos interrogatorios, vem Emmett a descobrir que de facto a joven não tivera parte activa no roubo de que era accusada. Allegava não conhecer ninguem naquella grande cidade e por isto se via na contingencia de acceitar a protecção de Steve, que ella julgava um "gentleman". Severo em seu espirito justiceiro, Emmett resolve prendel-a pelo espaço de um anno para assim meditar melhor sobre as grandes necessidades da vida.

Steve, entretanto, foi condemnado a cinco annos. Finda a sua pena, Janet recebe de Emmett os mais valiosos conselhos e uma carta de recommendação para uma importante firma commercial, que explorava o ramo de artigos de porcellana.

Stuart Elliot, rapaz rico, era, por assim dizer, um dos melhores freguezes daquella loja e com Janet como "vendeuse" tornou-se assiduo e diario comprador das preciosidades.

Passado algum tempo, Janet, a quem os 365 dias daquelle presidio reformara, era a fiel e virtuosa esposa de Stuart Elliot.

Concluidos os cinco annos de prisão, Steve vem a saber, pela leitura das grandes revistas e jornaes, da felicidade de sua antiga companheira, agora carinhosa mãe dum encantador menino.

Festejava-se, na residencia de Stuart, o quinto anniversario de casamento e elle, sempre tão bom esposo, offerecera á mulherzinha adorada um ri-

O premio do amôr que os ligava.

Segredos e trahição.

quissimo collar de brilhantes, o qual ella deveria usar no jantar daquelle dia tão feliz.

Sabendo-a casada com um homem de posses, o primeiro passo que Steve deu após sahir da penitenciaria foi ir á casa de Joan, afim de amedrontál-a com a revelação do seu passado a seu marido.

Vendo o collar sobre a mesa, elle leva-o comsigo, na condição de devolver-lhe ante a entrega de 10.000 dollares.

Afflicta, Janet corre em busca do auxilio de Dan Emmett, que resolve da melhor maneira, entregando no momento preciso, o seu valioso collar ,como o justo premio de sua ventura suprema.

Abandonada no altar

(Conclusão)

xasse a mulher amada justamente no momento mais bello da vida, para perseguir ladrões? Não; elle não a amava. Fôra um capricho tolo que desapparecia de repente, ao aceno do mais fragil pretexto.

Não podia, portanto, permanecer ali. Voltaria para Nova-York, onde os homens collocavam as mulheres acima de tudo, acima mesmo dos interesses pecuniarios. E Violeta, num assomo irrepremivel de revolta, toma o trem que a conduzirá á Broadway adorada, o unico lugar da terra onde se podia viver.

Chega. A alegria de rever o theatro dos seus triumphos a empolga. Tudo é bello para ella. Tão bello como se o visse pela primeira vez.

Mas o seu coração já se havia transformado. Existia dentro delle alguma coisa nova e incomprehensivel. A' primeira alegria, succedera um mundo de tristeza. Faltava-lhe algo, que ella não sabia bem o que era, mas que lhe parecia essencial.

Maurice Kane recebe de braços abertos a estrella que retorna aos seus dominios para novas glorias. Marca os ensaios. Tenta reinicial-a na vida da ribalta. Mas pesaroso sente que ha na alma de Violeta alguma coisa de mais ou de menos.

Distraida, absorta, a artista não acompanha os esforços do emprezario. A vida do palco não a empolga como outr'ora. Parece mesmo que se aborrece profundamente deante das exigencias da arte.

As tentativas se succedem, com falhas consecutivas. Violeta não era mais uma estrella que voltava a retomar o seu posto, nas primeiras fileiras. Era peor que uma estreante, porque a esta ao menos não faltava o desejo de vencer. E Violeta não manifestava desejo nenhum senão o de fugir áquelle meio de ficção.

Tom, por seu lado, não comprehende a ausencia da noiva. Porque teria ella fugido? Não fôra, sem duvida, por sua partida apressada no dia do casamento. Elle ia cumprir um dever sagrado, e a sua futura esposa deveria estar contente ao vel-o abandonar tudo o que lhe era caro para cumprir uma obrigação de homem e de cidadão.

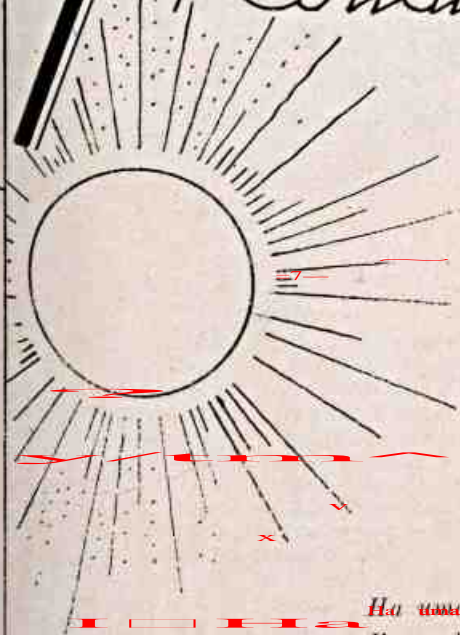
Havia naquillo tudo um mysterio que elle tinha que decifrar. E Tom, energico e decidido, foi a Nova-York saber dos labios de Violeta a causa de sua fuga.

Durante toda a viagem, o seu cerebro se cançou em vão na pesquiza do mysterio. Estava fóra do seu alcance conhecer os motivos que tinham impulsionado o acto de Violeta.

Chegou afinal. E, como se o acaso preparasse tudo, a sua chegada coincidiu com o transbordar de desgosto na alma de Violeta.

Assim, ao ver o noivo, o homem que adorava, Violeta comprehendeu a sua repugnancia por tudo que a cercava. Ella já não era mais a estrella adorada da Broadway. Era uma mulher sequiosa de amor, que aguardava ansiosa o momento supremo da felicidade. E o Amor reuniu de novo aquelles dois corações.

Queria lêr-lhe nos olhos a saudade dos seus sentimentos.

Prestidigitação

Para

Edir de Fabris Tourinho

♣

Ha uma expressão de luminosa angustia
Em cada Cantico... Assim, eleva a vóz á esphera
Azulada e dourada! Eleva-a, tal a Fórma
Do teu corpo: uma chamma ascendendo ao Infinito!
Ergue-a — flammula de sol — sobre a Dor e a Alegria
Que a Vida tem para nos dar, querida...

Canta o bem de viver! Canta a gloria da Vida!

Como sonora Festa,
Espalha tua vóz por sobre a terra triste!
Vibra-a, como crystaes tinindo na amplidão!
Ha um sonido de prata em tua vóz de Alleluia
E ha bronzes a tanger Renuncias e Perdões...

Eleva a vóz! e canta os astros e as planicies,
E o amor, e o mar, e o céu, e o valle, e o insecto, e a planta!

Despenhe-se ao meu ouvido a musical cascata...

E canta! Eleva a vóz! querida amiga... Canta!

EDUARDO TOURINHO

Os manuscriptos de Flaubert vendidos em leilão, no dia 20 de novembro ultimo, em Paris, renderam 175.000 francos! O tinteiro do grande escriptor rendeu 20.000, o seu roupão chinez, 2.950. Um annel de ouro ornado com um camapheu, que acompanhou toda a vida do escriptor, deu 3.550 francos! Sacha Guitry adquiriu por 5.000 francos o pedaço de corda de um enforcado, offerecido a Flaubert por Maupassant.

E' sabido que Voltaire viveu algum tempo na Inglaterra no começo do XVIII seculo. Nessa época, compunha elle meticulosamente o seu jornal. Esse documento de grande interesse vae ser posto á venda, em leilão, no mez proximo, em Londres. Segundo um jornal parisiense, o governo francez fará tentativas no sentido de adquiril-o antes de ser elle levado a leilão. Por que?

No meio dos papeis deixados pela sobrinha de Flaubert, agora postos á venda, em uma pasta, foram encontradas 4 cartas de amor dirigidas ao celebre escriptor, e nas quaes elle havia annotado: "Reabertas e relidas na noite de 20 a 21 de março de 1846. Reli estas cartas de Marselha com infinita ternura e enorme arrependimento. Pobre mulher! Terá ella amado verdadeiramente o seu Gustavo?" São 4 cartas admiravelmente escriptas, com enorme emoção e amor, datadas de janeiro a agosto de 1841, e assignadas por *Eulalie*. Ora, a amante de Flaubert (A Mme. F. de sua "Correspondence") chamava-se Eulalie Foucault, a quem se attribúe, agora, a autoria dessas missivas. Nada, no entanto, se sabe a seu respeito, sinão que vivia em Marselha e pertencia a uma familia de grandes negociantes. Essas cartas foram adquiridas por Mme. Dawis, editora ingleza.

As cartas ineditas de Diderot, agora publicadas por André Babelon, estão obtendo enorme successo.

No dia 1 de dezembro realizou-se o grande jantar annual da *Revue des Deux Mondes*, a maior e melhor revista literaria da Europa, sob a presidencia de Paulo Doumer, presidente da Republica Franceza.

Le Pen Club vem de offerecer aos poetas brasileiros Ronald de Carvalho e Ribeiro Couto um admiravel banquete, onde estiveram reunidos os maiores nomes literarios da França. Varios escriptores e poetas francezes recitaram e leram, traduzidos em francez, poemas dos dois escriptores e trechos de varias de suas obras literarias. Os jornaes parisienses dedicam grandes e sympathicas noticias aos dois escriptores brasileiros.

James Joyce, o maior escriptor da Inglaterra actual, sente as mesmas torturas de Wilde: vê-se banido de sua terra. Ha dias, Harold Nicholson, o celebre critico, deveria realizar pela T. S. F. uma conferencia sobre o grande escriptor, conferencia que, por causa da policia ingleza, já havia sido transferida 3 ou 4 vezes. No momento de iniciar a sua palestra, o auditorio ouviu a voz do chefe de policia, annunciando que a conferencia não se realizaria mais "por ser o assumpto immoral e escabroso"!

O premio Gerhardt Hauptmann é, na Allemanha, o de mais importancia e notoriedade. Elle vem de ser concedido á escriptora Annette Kolb, autora do livro *Lettres d'une germano française*.

Annunciam os jornaes de Vienna a morte do celebre romancista Karl Adolph, na idade de [illegible] annos. Autor de innumeras obras traduzidas em varios idiomas, a sua fama começou antes da guerra, quando publicou *Maison 37*, que obteve o famoso premio Bauernfeld.

Livros que acabam de apparecer

— «La Croix de Magellan», de Lydia Burnet, (Denoel & Steele, editores).
— «Le maitre du navire», de Louis Chadourne. (Plon, editor. Grande exito).
— «Un scandale», de Cosmo Hamilton. (Plon, editor).
— «L'Esprit d'Henri Duvernois», de Leon Treich. (Grande successo. Gallimard, editor).
— «Grandeur et decadence du General Boulanger», de E. Weill. (Rieder, editor).
— «Un gentlemen courageux», de James Oliver Cor Wood. (Hachette, editor).
— «L'Ecole des reporters», de Louis Hamer. (Fasquelle, editor).
— «Missel Pourpre», de Jean Bastia. (Figuiere, ed.).
— «Le porteur d'eau», de Eugenia Markowa. (Plon, editor).
— «Mes deux femmes», de André Lang. (Editions de France).
— «Bidon 5», de Marte Oliô. (Flammarion, editor).
— «La tragedie de la Meduse», de A. Praviel, (Revue Critique, editora).
— «Un royaume prés de la mer», de Guy Mazeline. (N. R. F., editores).
— «Les signes parmi nous», de F. Ramuz. (Grasset, editor).
— «S. M. le Roi Albert, commandant en chef devant l'invasion allemand», pelo General Galet. (Grande successo. PLON, EDITOR).
— «Hippocrate», do dr. Gaston Boissette. (Grasset, editor. Successo).
— «Bobard», de Jean Sarment. (Theatro. Fasquelle, editor. Successo).
— «L'Espagne et Napoleon (1812-1814)», de Geoffroy de Grandmaison. (Plon, editor).
— «Correspondance inedite de Diderot», de André Babelon. (Exito. N. R. F., editores).
— «Anatole France», por Léon Carias. (Successo. Raeder, editor).
— «Le voyage nocturne», por L. P. de Pigny. (Revue Mondiale, editora).

"Nouvelles litteraires" publica, na semana de 30 de novembro, um admiravel estudo sobre a personalidade de Octave Mirbeau, que tem suscitado enorme polemica e commentarios em todos os jornaes. E' de autoria de Henri de Régnier, da Academia Franceza.

A Inglaterra vae commemorar o segundo centenario do grande poeta da natureza e dos campos, William Cowper, que viveu de 1731 a 1800.

Em um leilão realizado ultimamente, em Londres, uma carta e um poema do poeta Robert Burns deram, a primeira, 36.000 francos, e o segundo, 7.200 francos. Tres versos manuscriptos de Byron alcançaram 15 mil francos.

Annunciámos já a venda proxima, em Londres, de um manuscripto de 18 poemas de Byron, em leilão. Esse manuscripto pertencia a um americano, que o comprou em 1910 pela somma de 320 libras, porque uma das estrophes do poema falava em Washington como realizador da independencia dos Estados Unidos (!) O leilão desse poema é esperado com grande ansiedade em toda a Europa, pois todos se lembram que em 1929 um outro manuscripto do autor de "Child Harold" foi comprado nos Estados Unidos por 27.000 dollars.

No Cercle Interalliée, durante um almoço, acaba de ser dado o premio *Femina* ao livro *Vol de nuit* do sr. Saint Exupery, que é piloto da Companhia Aeropostal, tendo passado largo tempo a serviço dessa companhia no Brasil.

O segundo premio do anno, em importancia literaria, — o premio Theophraste Renaudot, — foi dado a Philippe Hériat, pelo seu livro *L'Innocent*.

O premio Goncourt constituiu, como todos os annos, um dos maiores successos literarios da França. Os jornaes falavam diariamente cada qual no seu candidato e, justamente Jean Fayard, o autor que, devido a isso, se viu celebre da noite para o dia obtendo o premio, não era candidato de nenhum jornal, não era falado por ninguem e mandou o seu livro ao jury por acaso, sem esperança alguma. A sua escolha, portanto, causou enorme sensação. *Mal d'amour*, livro do joven autor e escolhido pela Academia dos dez, em 3 dias foi obrigado a ter uma tiragem que já attinge a 250.000 exemplares.

A Academia Franceza havia decidido não dar, este anno, o premio Brieux, em vista de não encontrar nenhuma obra theatral digna de menção. No ultimo momento e com espanto geral, mudou de opinião, concedendo ao autor da peça "La Bataille de la Marne", actualmente em scena em um dos theatros de Paris, o seu unico premio para peças de theatro.

*

André Maurois é quem prefacia a traducção franceza do novo romance de Rudyard Kipling "Puck, lutin de la colline" (Puck of Pook's Hill), que acaba de apparecer ao mesmo tempo em Londres e em Paris.

*

Morreu em Antuerpia Max Elskamp, que, com Maurice Maeterlinck e Emile Verhaeren, creou a escola da chamada "Jeune Belgique", sendo com aquelles companheiros os escriptores mais populares e queridos de seu paiz.

*

A Academia Franceza acaba de herdar um milhão de francos, para constituir premios destinados a recompensar as Missões Catholicas que sirvam á causa da lingua franceza em todo o mundo.

*

O celebre bibliophilo americano A. S. Rosenthal acaba de legar á "Associação Historica Judaica de Philadelphia", da qual é presidente, uma correspondencia contendo 376 cartas escriptas por Rebecca Gratz, entre 1809 e 1869. Rebecca Gratz foi o prototypo da Rebecca de *Ivanhoe* de Walter Scott.

BRICIO DE ABREU

Livros que acabam de apparecer

- «Precoce Automne», por Louis Bromfield. (Stock, editor).
- «Les armes reposées», por Pierre Chanlaine. (Jules Tallandier, editor).
- «Sous l'egide du Dieu», pelo General Villestreux. (Argo, editor).
- «La seconde Paix», por Esdalin. (Argo, editor).
- «La legende de Caïn», por Joseph Maurelle. (Livraria Piton, editora).
- «Les maitres de la sensibilité Française au XVIII siècle (1715-1789)», por Pierre Trahard. (Grande exito. Boivin, editor).
- «Un printemps au Maroc», por Henry Bordeaux. (Successo. Plon, editor).
- «Les sourdiaux», por G. Mauriere. (Larousse, editor).
- «Vers la calangue», por Paul Arene. (Plon, editor).
- «Histoire du limousin et de la Marche», por J. Nouaillac. (Boivin, editor).
- «Histoire de la poesie Française de la Renaissance au romantisme», de Nicolas Boileau. (Successo. Boivin, editor).
- «Léon Bocquet, curieux homme», por Lucien Boudet. (Messeim, editor).
- «Le fifre de buis», por Leon Lafage. (Grasset, editor).
- «Marie Antoinette et Axel Fersen», por Emili Bauman. (Grasset, editor).
- «Le Conventionnel Gossuin», por Michel Missoff. (Flammarion, editor).
- «Les femmes fatales», por G. Reuillard. (Albin Michel, editor).
- «Kavalier Scharnhorst», por J. Vallieres. (Albin Michel, editor).
- «La roche noir», romance de René Bonnefoy. (Nouvelle Société d'Editon).
- «Le G. Q. G. Allemand et la Bataille de la Marne», pelo Tenente-Coronel L. Goetz, breveté do Estado maior allemão. (Payot, editor).
- «Le greco», estudo de arte, de Jean Cassou. (Rieder, editor).

— Sabe coser?
— Um pouco, senhora.
— Cozinhar?
— Ah! Cozinhar, isso sim, senhora.
— Pois você terá que estar aqui todas as manhãs, ás seis e meia, para arrumar a casa e preparar a comida. O ordenado é de quarenta francos por mez. Convém-lhe?
— Sim, senhora. O que a senhora achar conveniente. Apenas...

Vacillou, não se atrevendo a concluir a phrase. Depois accrescentou:

— Estou só, não tenho ninguem... A senhora me permittiria que eu trouxesse o anginho? E' muito bomzinho, senhora... Não chora... Deital-o-ei em um recanto da cozinha, sobre uma esteira. Verá como elle não a incommodará, senhora.

Mas a dona da casa exclamou:

— Você está louca? Um menino em minha casa?... Que idade tem?
— Tres mezes.
— Impossivel! O patrão não o toleraria. E, depois, é uma responsabilidade muito grande: o gato, o cão poderiam mordêl-o, feril-o... E os meninos, por melhores que sejam, choram sempre. Não, não... Deixe-o com alguma vizinha.
— Oh, senhora!
— Sinto-o muito, mas assim não posso admittil-a.

A mulher inclinou a cabeça e beijou o filhinho nos olhos. Sentia-se sem forças até para supplicar. Não se rebelava, não mas ia dominando-a um grande cansaço, algo assim como um grande desejo de dormir. Desde a morte de seu marido era muito infeliz.

Havia já uma semana que morria inteiramente de fome e em toda parte lhe davam a mesma resposta: "Com o menino, não".

Nem siquer tinha um officio!... A unica coisa que podia ser era criada, e não das melhores... E em toda casa onde procurava emprego, o seu anginho era um estorvo.

AMOR DE MÃE

A desgraçada, vendo a obstinação da senhora, teve ainda a coragem de sorrir e sahiu.

Anoitecia. As luzes das vitrinas iam accendendo-se uma a uma. Todo aquelle despertar da noite parecia tornar a rua mais hostil e mais fria.

Maria caminhava ao acaso, sem pensamentos, sem esperanças...

Voltar ao miseravel tugurio sem fogo e sem pão?... Para que?... Sem saber como, se encontrou no cáes. O Sena corria lentamente entre as suas margens sombrias. Subia da agua um cheiro fresco, que a fez estremecer. Não seria aquillo o repouso, o final de todas as miserias?... O rio attrahia-a como sempre attráe a cama no momento de levantar-se, quando a gente pensa: "Com o maior prazer eu voltaria a metter-me nella".

O menino, de repente, se poz a chorar. Maria, voltando á realidade, se assustou do que havia pensado e deitou a correr, agazalhando bem seu filho, com o chale.

— Dorme, queridinho... — murmurava. — Dorme, meu amôr!

Penosamente, detendo-se em casa no descanso da escada, para respirar, subiu até o sexto andar, onde tinha sua moradia. Sentou-se na cama e deu de mammar ao pequeno. Mas este chupava em vão: o seio exhausto não dava leite, e o anginho faminto chorou desesperadamente. Embalando-o, beijando-o, Maria começou a andar com elle pelo quarto, até que conseguiu acalmál-o. Então, o poz na cama e o cobriu com a colcha feita molambos.

E comprehendeu que aquillo era já o fim de tudo. Que não houvesse pão para ella, ainda seria supportavel... Mas não ter leite para o filho de suas entranhas!... Mãe infeliz, fóra da lei, para quem supplicar?... A que porta bater?

Não havia outro remedio sinão levar o menino ao Asylo da Infancia... Ah, as criancinhas não eram desgraçadas: tinham casa, alimento, assistencia... Ella trabalharia e mais tarde poderia ter seu filho novamente a seu lado.

Sim, mas separar-se d'elle, agora que começava a reconhecêl-a, a sorrir-lhe!...

Chorou toda a noite, resistindo a acceitar aquella resolução.

Mas, quando, na manhã seguinte, o pequeno chorou sobre o seio esgottado, Maria comprehendeu que não havia mesmo outro remedio sinão separar-se de seu filho para salvál-o, e sahiu em direcção ao Asylo.

Ao chegar alli, um empregado lhe perguntou:

— Que deseja a senhora?
— Venho por causa desta criança...
— Para deixál-a?... Bem: dê-m'a.

Teve que dar nome, idade, domicilio. Da secretaria a fizeram passar a outro salão, quasi vazio.

— Aqui — disse o empregado — terá a senhora que esperar meia hora e pensar bem si lhe convém deixar ou não seu filho.

Só quando a porta se fechou e Maria ficou só, comprehendeu todo o alcance do que acabava de fazer. Toda a revolta da noite anterior despertou nella. Pareceu-lhe que lhe despedaçavam o coração e que lhe dilaceravam as carnes. E gritou:

— Pedirei esmola!... Humilhar-me-ei!... Mas que me devolvam meu filho!

Aquella exaltação decahiu de repente, e Maria comprehendeu a insensatez de seus pensamentos... Ficar com elle, era matar o filhinho.

Quando abriram a porta, a joven tirou do pescoço uma fita com uma pequena medalha, e, entregando-a ao empregado, supplicou:

— Ponha-a no meu filhinho!...

De Maurice Level

Isso servirá para distinguil-o dos outros...

E, sentindo que a angustia a suffocava, que ia chorar aos gritos, sahiu apressadamente, sem dar siquer o ultimo beijo no filho de sua alma.

Como na vespera, caminhou sem destino pelas ruas, cambaleando, tropeçando com as pessôas.

Muitos diziam:

— Que espectaculo vergonhoso! Está ebria!

Ella nem siquer os ouvia. O "hep!" imperioso de um chauffeur a sobresaltou. Apenas teve tempo de saltar na calçada para não ser atropelada. Já não percebia nada. Quanto lhe pesavam os braços, agora que não mais conduzia nelles a sua doce carga!

Deteve-se em uma praça, olhando um grupo de meninos brincando com a areia. Permaneceu ali longo tempo, sorrindo, divertindo-se com os brinquedos infantis, quasi inconsciente...

Mas, de repente, a recordação de seu filhinho voltou a sua memoria e ella fugiu com os olhos cheios de lagrimas, murmurando:

— Meu filho!... Meu filho!... Hontem, a estas horas, ainda o tinha em meus braços, contra meu peito, sentia em minha bocca o calor de sua carne... E deixei-o alli, abandonei-o!... E' possivel, Senhor, é possivel?!... Voltar sozinha lá em cima... Ah!... Por que Deus permitte que haja mães que não possam estar com seus filhos?... Que injustiça, Senhor! Que injustiça!

E Maria sentia ferver-lhe no peito um rancor, um odio surdo contra aquellas mães felizes, que podiam ter os filhos a seu lado. Já não era a mulher humilde, dolorosa da vespera; a triste creatura que andava com os olhos baixos, supplicante. Era uma mãe revigorada pelo intenso soffrimento, que, em logar de dizer: "Dei meu filho!" — dizia, com voz desesperada pela indignação:

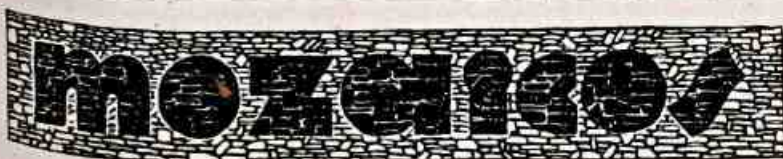
— Roubaram-mo! Roubaram-mo aquelles que não sabem, que não comprehendem que arrancar um filho a sua mãe é o maior crime que se possa commetter!

Ao chegar a uma esquina, já noite fechada, Maria parou, de repente. Junto a uma porta, havia um objecto branco, que se movia. A moça inclinou-se e apanhou aquillo.

Era um menino, ainda menor do que o seu, e que chorava lastimosamente. Maria olhou-o, como que entontecida, e depois o estreitou contra o peito.

Ao sentir o calor de um corpo, o pequeno deixou de chorar e Maria, sentindo que seus odios, suas iras, suas rebeldias se fundiam numa ternura immensa, beijou-o com profunda emoção, chorando, rindo, com soluços de alegria e de dor, como si tornasse a encontrar o filho perdido.

E, quasi sem saber o que fazia, se dirigiu para sua pobre mansarda, murmurando, docemente:

— Dorme, meu filhinho, pedaço de minha alma!... Dorme!...

ELEVANDO-SE POR MERECIMENTO

A estrada de ferro offerece carreira para os intelligentes, embora de origem obscura. Os presidentes das grandes linhas ferreas da America do Norte raras vezes são homens de fortuna ou filhos de millionarios que obtiveram o alto posto por serem grandes accionistas.

A maioria das vezes são homens que começaram no mais baixo degráu da escala social e não dispondo de influencia alguma e nada que os recommendasse a não ser o proprio talento e ambição e que foram subindo gradualmente ao topo. Numa das ultimas conferencias relativas a recente greve da estrada de ferro nos Estados Unidos, o sr. Hooper, orador do Labour Board pediu a todos os chefes presentes que haviam começado do mais infimo emprego que se puzessem de pé e todos se levantaram. O presidente Underwood do Erie Railway começou como signaleiro e elevou-se em 18 annos a superintendente de divisão. O presidente da Central de New-Jersey, o sr. Besler começou como recebedor de bilhetes nos trens. O sr. Rea, chefe da grande linha da Pennsylvania sahiu do collegio aos 15 annos para trabalhar no departamento de engenharia da Estrada de Ferro Pennsylvania. O presidente Loree da Delaware e Hudson Railway como vigia da linha.

Exemplos como estes podem ser citados em toda a parte na America.

Escriptores e livros

Annibal Moreira — ELUCIDARIO TECHNICO DO LINOTYPISTA — editor A. Coelho Branco F.° — Rio — 1931 — 15$

EM poucas palavras, o autor dá as razões do livro. Não se trata apenas de um manual sobre linotypographia. Consciente da necessidade que o Brasil tem de enveredar pelo caminho do aprendizado technico, o autor deseja contribuir para o preparo mental dos elementos que hão de compôr a geração a vir, racionalizando os methodos de ensino, elevando simultaneamente os actuaes elementos obreiros das industrias graphicas, cuja cultura não corresponde ás exigencias das complicadas e custosas machinas de hoje, e ás novas directrizes industriaes, que as competições economica-artisticas crearam para o operario moderno.

Assim, depois da nomenclatura das peças que obrigatoriamente necessitam ser conhecidas dos que operam nessas machinas, e de apresentar a solução das numerosas avarias que occorrem no manejo das mesmas, o sr. Annibal Moreira junta uma taboa nacionalizada de revisão, seguida do esboço de um plano de ensino linotypographico haurido nos melhores moldes praticos.

O que temos a louvar, não é apenas a clareza da exposição do autor, ao par do grande conhecimento technico revelado nas 337 paginas do livro, illustrado e primorosamente composto.

O melhor do volume está na linguagem elegante manejada pelo autor, que soube tornar, por isso, a obra, além de util, unica no genero, de leitura agradavel.

Lauro Palhano — O GOROROBA — Edição de Terra de Sol — Rio — 1931 — 6$

GOROROBA, por que?

O autor define:

"A's coisas indefinidas, sem côr, sem fórma ou consistencia, mixto de gelatina e grude; ao frouxo, ao timido, ao covarde, á placidez de lesma e do uruá; ao pormenor que Victor Hugo achou horripilante no polvo: — Ser molle — chamam no Pará, *Gororoba*.

Cazuza herdára dos paes e do meio a lentidão dos movimentos, a somnolencia das attitudes, a inercia dos membros, a melancolia da face.

Não era um pusillanime, era um derreado, apesar de sadio e forte. Encostava-se sempre que podia, e quando não achava occasião para assentar-se.

Triste na expressão, lento no fallar, desconjuntado e bambo no andar, a alcunha ajustou-se-lhe tão bem como si fosse uma luva, collodiando-lhe a pelle tisnada do sol e da raça."

Cazuza surge como uma figura do Nordeste, o atropelado pela fome, é tentado pela Amazonia, onde vive a primeira parte do seu drama de operario.

Depois, desilludido, espoliado, abandona o Norte pensando encontrar melhores dias na capital do paiz. Mas, tinha de acabar como acabam os gororobas... Em torno dessa singular figura, o sr. Lauro Palhano tece o romance. Scenas da vida proletaria do Brasil coloridas pela diversidade de scenarios, porém, de um realismo triste, commovedor.

O anno que findou deu-nos um extraordinario romancista, o sr. Lauro Palhano. Lamentavel, apenas, a deficiencia do conhecimento da lingua, por parte do autor.

Porque a vivacidade da sua intelligencia é tão espontanea e brilhante, que domina inteiramente o leitor. Mas, os defeitos da obra estão justificados pelo proprio autor.

"Muito tempo pensei em entregar a presente obra a um douto que m'a corrigisse, limando e polindo as asperezas da fórma e da expressão. Resolvi não fazê-lo. Seria eu o unico illudido: — um individuo que só tem manejado martello não póde, com acerto, manejar a penna. Resaltaria á comprehensão de todos. Quiz fixar impressões. Relatei, como pude, o que senti, o que vi e ouvi entre collegas de vida, por parecer-me interessante e não tentado ainda, em lingua nossa, por operario.

Além de questões propriamente grammaticaes, ha falhas, bem as percebo: — assumptos repisados por mais de um personagem; materia fastidiosa para as classes alheias; déphasage resultante da incultura do montador. As duas primeiras não sei como as pudesse evitar; as coisas, com maior ou menor dose de fantasia, correram assim mesmo. Si pudesse corrigir a outra, não seria ferreiro.

Pretendi mostrar, ligeiramente embora, aos manrechaes da Fortuna, aos que governam, que legislam, que defendem as leis, o que é ser particula dessa grande massa, em constante fluxo para o trabalho e refluxo para um lar de incertezas e de aprehensões, gotta dessa eterna maré, a encher e a vasar, sem esperança de outra finalidade. Eis por que escrevi. Entrariam ahi intenções outras?... (nem eu sei!) Si entraram, a principal foi a exposta; perdôem-me as segundas."

Basta registar que a finalidade da obra foi attingida.

O sr. Palhano deve ter a certeza de que mais facil é ao ferreiro manejar a penna, do que um qualquer de nós acertar com a pancada do malho ante o calor da forja.

O essencial está feito.

Com todos os seus defeitos, *O gororoba* é um livro.

Pudessem imitál-o certos individuos que julgam ser escriptores de raça...

Mais um pequeno esforço, e o sr. Lauro Palhano metterá muita gente bôa no chinello... das letras...

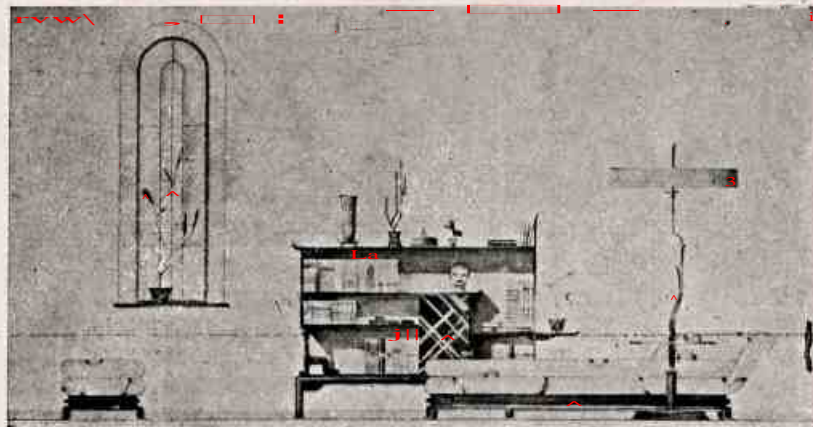
Mário Poppe

NOTAS DE ARTE

BERTA SINGERMANN. — Embora de inexgotavel riqueza, a nossa lingua parece não possuir vocabulario bastante para dizer das incomparaveis audições da genial interprete da Poesia, que é Berta Singermann. De novo entre nós, de novo encanta, extasia, arrebata com os mil predicados do seu maravilhoso engenho. Desde as phenomenaes transfigurações, em que o rosto, os braços, o corpo inteiro plasmam o sentido integral dos poemas, até as mil cambiantes da sua sensibilidade polymorpha, que traduz com a mesma genialidade o sublime e o burlesco; desde a impeccabilissima dicção e a infallibilissima memória, que, mesmo nos momentos das mais velozes e tumultuosas passagens, não deixam perceber-se a minima falha, até a musicabilidade insuperável da sua voz sem par, que empolga pelas maravilhas da symphonia verbal e alcandora os ouvintes a regiões paradisiacas — tudo são manifestações milagrosas, sobrenaturaes de um genio interpretativo que não teve antecessor e parece não terá successor... Ouvimol-a na penultima semana, nos dois primeiros recitaes, em 7 e 9 de janeiro; ouvimol-a, se nos não enganamos, em 50 composições praticas, 35 constantes do programma e 15 extra. Como sempre, tudo foram insuperaveis primores. As nossas, como de certo as impressões de todos os ouvintes, não se podem graduar mais pelo valor da interpretação, que é infinito, mas pela maior ou menor sympathia que desperta cada composição. Prefere-se este ou aquelle poema não por ter sido interpretado melhor, mas porque nos agrada mais como poema, em verso ou prosa. Berta Singermann é tão grande dizendo as phrases burlescas ou ingênuas de Bambo-bambú, ou Soldadito de plomo, de Klingsor, como sonorizando o lyrismo rude, ou elegante de Romance de los Peregrinitos, ou de El Capricho, de Alfonsina Storni; plangendo os dramas tristes de Cojita, de Ramon Jimenez, ou de La flor de Ilolay, de Carlos Davalos, como cantando as paginas epicas de El vuelo del Ardea, de d'Annunzio, ou de Los caballos de los Conquistadores, de Santos Chocano.

Dos 50 poemetos recitados, ou, melhor, vividos pela genial interprete, mais de um terço o foram pela primeira vez. Destes assignalamos especialmente, pela originalidade e pittoresco da concepção — Pregões en Buenos Aires, de Alberto Vaccarezza, que com os Pregões no Rio de Janeiro, de Alvaro Moreyra e Pregões em Lisbôa, de Fernanda de Castro, figurou no programma do recital de estréa, com a denominação generica de Symphonias de cidades; pela grandeza epica da inspiração e o colorido da forma — Exaltación de la Luz, de Carlos Sabat Ercasty; pela delicadeza, pela ingenuidade da inspiração lyrica — Romance de los Peregrinitos (Anonymo); a Cancion del Primer amor, de Arturo Capdevila; e finalmente, pela espontaneidade e belleza da expressão do sentimento materno, a pequena obra-prima de Anna Amélia, Meu filho, segundo a traducção de Villaespesa.

Começados mais ou menos ás 17 hs., os recitaes acabaram quasi ás 20 hs. porque, accrescidos dos extras em cada intervallo ainda o foram com os do final dos espectaculos. O publico não cansa de applaudir, com desusado enthusiasmo, e de exigir mais e mais poema. E a artista, commovida e sorridente, não se nega nunca a satisfazer aos desejos dos seus admiradores, que são todos quantos a teem ouvido na sua victoriosa carreira de interprete unica da poesia universal.

OSCAR D'ALVA

A Princeza encantada

(Lenda Alagoana)

De MANOEL GREGORIO

EXISTE, na serra da Maraba, No Estado de Alagôas, uma grande pedra que, em sua face do lado norte, apresenta as fórmas indeleveis de portas e janellas, as quaes, no primeiro dia de cada anno, se abrem e se conservam abertas durante duas horas.

Fica situada a dez léguas da cidade de Penedo.

Dizem os antigos habitantes das suas circumvizinhanças que ella, que tem a apparencia de um castello, é habitada por uma linda moça, a qual só apparece de anno em anno e nos dias acima referidos, sendo considerada uma princeza encantada...

Certo viajante, que por alli passava, justamente num desses dias em que se dá o phenomeno, ficou deveras deslumbrado, quando, ao olhar para uma das suppostas janelas, viu uma moça que era um verdadeiro portento de belleza! Correndo, porém, em sua direcção, para ver si lhe podia falar, ficou como que petrificado, ao vêl-a desapparecer, mysteriosamente, como uma visão sobrenatural, ficando tão somente a pedra, com seus vestigios de portas e janellas...

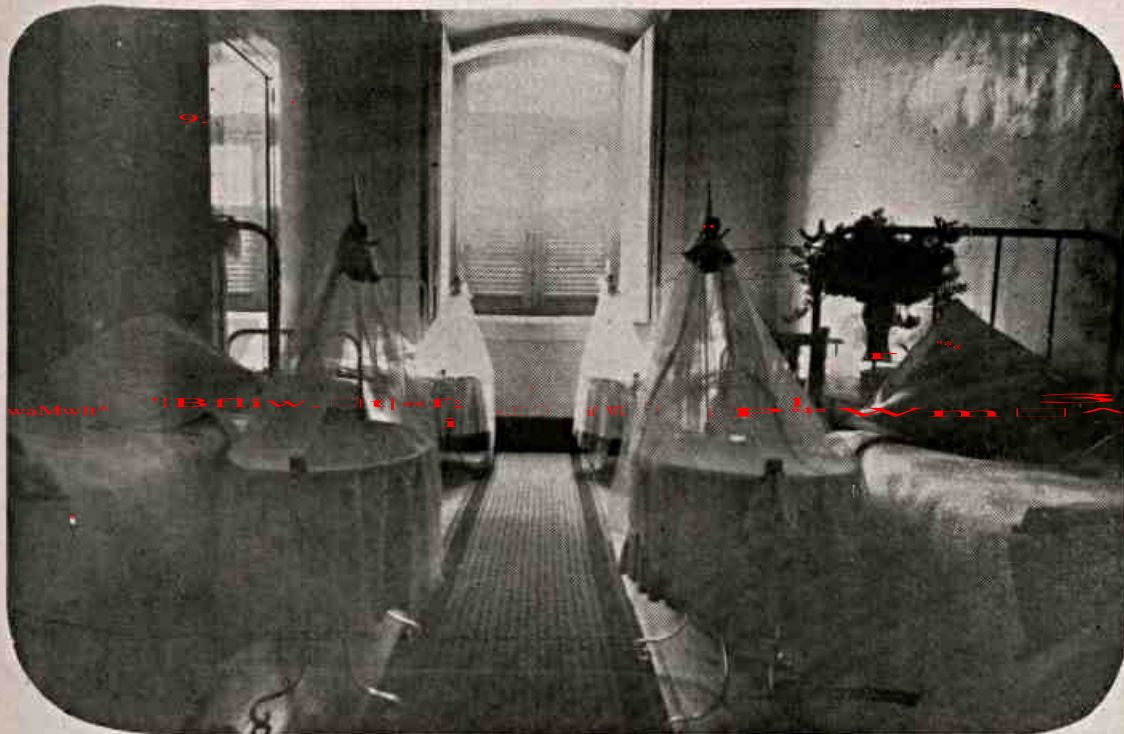
Conta se, tambem, que um caçador perfeito conhecedor daquelles mysterios, um dia, resolveu desvendal-os.

Sabendo já em que dia se havia de dar aquelle phenomeno, muniu-se de um archote e foi esperar a sua reproducção... Estava elle sentado á sombra da grande pedra, quando presentiu um ruido entontecedor e uma forte ventania, que o fez estremecer, ao mesmo tempo em que se abriam as portas e janellas daquelle palacio encantado... Entrou por uma das portas, mas, quando havia andado apenas quatro passos se viu envolvido por uma espessa escuridão e ouviu um barulho tão ensurdecedor que foi obrigado a recuar, espavorido...

Revestiu-se, novamente, de audaz coragem, accendeu o seu archote e penetrou pela segunda vez no interior daquella mysteriosa habitação. Com o auxilio do lume que conduzia, conseguiu chegar a um extenso corredor, mas, quando quiz nelle introduzir-se, veiu ao seu encontro um enorme passaro, que, com suas grandes azas em movimento, lhe apagou o archote...

Nesse momento, o nosso herôe cahiu sem sentidos.

Já se haviam passado duas horas e as portas e janellas da mysteriosa pedra se fecharam...

E nunca mais appareceu o destemido caçador...

A CIDADE FELIZ

De N. Mourão

NÓS eramos quatro companheiros e estavamos exhaustos. A subida pelo rio Anauá, embora de nenhuma correnteza, fatigára os nossos músculos, e os remos jaziam immoveis, roçando de leve as aguas escuras. Foi quando, de nossos peitos cansados, sahiram exclamações de alegria, pois vimos distante, sobresahindo das copas verdes das arvores, os telhados de uma cidade.

Abicámos na gramma macia da praia, e desembarcámos. Sahia dalli uma estrada sinuosa, por onde seguimos, procurando as casas.

Mas que cidade seria aquella? — perguntamos uns aos outros. Nunca ouvimos dizer que, na margem direita do rio Anauá, em plena floresta amazonica, a poucos kilometros da serra Uassary, quasi onde o Brasil acaba, nunca ouvimos dizer que havia alli uma cidade. Entretanto, seguiamos pela estrada, quando, sahindo da selva, nos achámos numa clareira. Alli um bando de moças, espalhada pela gramma, fiava tecidos com apparelhos rudimentares. Eram todas morenas e usavam grandes vestidos de tecido grosseiro. Suas tranças negras emolduravam os rostos captivantes, que reflectim uma jovialidade sadia. Vendo-nos, levantaram-se todas e, com exclamações de surpreza e risos de alegria, correram até nós, perguntando-nos, em uma linguagem igual á nossa, si eramos caçadores e como tinhamos chegado até sua cidade perdida. Respondemos que eramos membros da Missão Militar de Limites e Estudos Geographicos, que alli chegaramos por acaso, e que tinhamos fome.

Fomos convidados a ir á cidade, onde nos seria dado alimento, e para lá proseguimos acompanhados pelas moças. Perguntei, então, a uma dellas:

— Que cidade é esta, para nós desconhecida, e que os mappas não assignalam!

— Esta é a Cidade Feliz.

— E ella é, na verdade, uma cidade feliz?

— Sim! E' a mais feliz das cidades.

— Por que?

— Que homem curioso! — disse ella, rindo. Si queres saber tantas coisas, vae até a casa de Triste Malachias e elle t'as dirá, pois é o homem que sabe todas as coisas.

Calei-me. Triste Malachias... Haveria alli alguma pessôa triste? Parecia-me ser a alegria uma particularidade daquella gente.

Já estavamos na cidade. Suas casas eram todas brancas, cercadas de jardins floridos. As ruas eram simples caminhos serpenteando entre canteiros enormes, ou alamedas de grandes arvores e tremulantes luvritys. Passaros invisiveis enchiam o espaço com a melodia de sua orchestra. Um regato corria pelos jardins, e seus peixes vermelhos, seus lambarys prateados e cobrinhas inoffensivas deslisavam tranquillos.

A' nossa passagem, com o cortejo alegre das moças, os moradores appareciam nas portas e janellas. E todos tinham a mesma louçania resplandecendo os rostos morenos.

* * *

Nossa refeição foi farta e succulenta. Vegetaes apenas; alli não se comia carne. Refeitos, descansados e já contaminados por aquella alegria estranha, fomos á procura do Triste Malachias, o homem que sabia todas as coisas.

Sua casa era roxa e no seu jardim floriam apenas saudades. Um sabiá cantava melancolicamente, num galho de arvore sêcca. Sentado na soleira, com uma barba branca esvoaçando e um triste olhar perdido no horizonte, o Triste Malachias recordava. Disseram-nos que elle vivia de recordações de um passado de que nunca falára.

Saudámol-o, com a saudação usada:

— Alegria, velho Malachias! Por um acaso viemos ter a estes logares e encontramos a cidade dos habitantes felizes. Disseram-nos apenas que é aqui a Cidade Feliz e que as outras coisas que quizessemos saber, só tú nol-as poderia explicar, porque és o homem que tudo sabe.

— Alegria, meus irmãos! Na verdade, sei muitas coisas que o tempo me ensinou. Sêde bem-vindos á Cidade Feliz e dizei as estranhas coisas que quereis saber.

— Queremos saber — disse eu — por que esta cidade é desconhecida do mundo, porque é ella feliz, porque são os seus habitantes alegres e, finalmente, porque tú te chamas e és o Triste Malachias.

O velho sorriu, um sorriso triste, e falou:

— E' natural a vossa curiosidade. Começarei por vos dizer a causa de minha tristeza: uma paixão na mocidade. Tão forte e intensa, que ainda perdura. Eu morava numa villa distante e era padre. Dirigia um patronato de duzentas creanças, filhas de indios. Eu era bom como um pae, e como pae as creanças me amavam. Tive uma paixão; soffri tudo o que soffrem os que amam sem poder amar. Eu era padre... No confessionario, muitas vezes, ouvi homens e mulheres que tinham na alma a mesma angustia. Buscavam consolo, a mim, que tambem o buscava! Percebi, então, a grande verdade: o amor é a fonte da maior porção de soffrimentos da humanidade. Com os olhos humidos, eu contemplava as creanças do patronato, inevitavelmente as futuras victimas do mesmo tormento.

Era preciso salvál-os. E os trouxe commigo, um dia. Parámos aqui, tão longe, mas era necessario um logar inaccessivel á humanidade contaminada. Minha empreza era grande: crear uma cidade que não amasse. Agora, esta cidade em que estaes é a Cidade Feliz, a terra da alegria e da bondade, porque aqui não ha o amor. Apenas eu tenho na alma a reminiscencia de um amor. E' por isso que me chamam o Triste Malachias.

Eu e meus tres companheiros duvidamos. Perguntei:

— Então aqui ninguem ama?

— Ninguem...

— Impossivel! O amor nasce com a vida, existe em tudo, enche a natureza, espraia-se pelo infinito! Tú, velho Malachias, não poderias fechar os corações das jovens, ao amor, porque elle é a razão de ser da nossa vida, e agrada a Deus.

— Não! Eu, que sei muitas coisas que o tempo me ensinou, posso te dizer: o amor é uma creação dos homens. E' desnecessario á vida. Só a bondade e a alegria agradam a Deus.

Silenciámo-nos.

Uma moça passou por nós e saudou, com um riso jovial.

— Alegria, Triste Malachias!

— Alegria, minha filha!

Adeante, a cidade, com seus canteiros floridos e suas casas brancas, parecia sorrir.

Vesper já fulgia e uma jurity trinou na matta.

E' na margem direita do rio Anamí, a poucos kilometros da serra de Uassary, que está a cidade onde o amor não existe: a Cidade Feliz.

O THEATRO DA MODA

QUANDO Bruna descia pela escada de sua casa devia esconder o nariz no lencinho perfumado para não respirar o máo cheiro de miseria que exhalavam aquellas paredes negras. E era uma felicidade que ainda se usasse saia curta! Porque, de contrario, ella teria que levantar a sua até os joelhos para que não arrastasse na immundicie dos degráos.

Bruna era uma creatura deliciosa, a quem a natureza vestira de fórmas adoraveis e que, na pratica de uma grande casa de modas, ganhára um raro porte de distincção. Filha de um sapateiro e de uma costureira que trabalhavam em casa, era uma dessas maravilhosas flores do povo que brotam, quando menos se espera, no fundo de um tugurio, e que trazem na fronte a luminosa estrella da bôa sorte. Por um excellente milagre, aos dons do corpo se haviam unidos, nesse caso, as virtudes da alma.

Desde muito criança, sua vida teve o perfume das violetas solitarias, escondidas, quasi aristocraticas. Tendo perdido dois irmãozinhos pequenos, foi o unico thesouro de sua pobre casa.

A mãe educou-a muito bem: deu-lhe hábitos de modestia, espirito recolhido, amor ao trabalho. No velho pateo commum do casarão, entre a promiscuidade das familias numerosas e os faceis attractivos dos brinquedos, Bruna soube governar suas sympathias com um instincto feliz e o valioso auxilio dos conselhos maternos. E dessa maneira sua educação moral póde-se dizer que estava em perfeita antithese com a de quasi todas as suas companheiras de ambiente.

Hoje em dia, como se sabe, as filhas dos lares mais pobres costumam andar com meias de sêda, com o que mais facilmente chegam ás portas do *cabaret* do que as da Pretoria.

A sympathia da pequena Bruna, desde seus briquedos infantis, se manifestára claramente para Quinto, filho de uma modestissima viuva que enfrentava penosamente a vida lavando roupa, e que morava em um pequeno commodo com sahida directa para o mesmo pateo do casarão.

Quinto tambem crescia bom, sério e algo retrahido, com um véo de melancolia nos olhos, que davam um ar attrahente ao seu sympathico porte varonil. Amava os livros e sobre elles passou a maior parte do tempo que outros rapazes de sua idade dedicam ás diversões proprias da juventude.

A mãe educou-o com uma só mira: o emprego publico. O logar seguro, ainda que modesto, e sem maiores projecções. Porque, com os tempos que correm — costumava dizer a viuva — não lhe era possivel mandál-o para além da escola secundaria.

Tambem Bruna, naturalmente, se viu obrigada muito moça a trabalhar. Assim, entrou na casa de modas: aquella famosa *maison* lhe impoz sua disciplina mesmo fóra das horas de trabalho, porque, como *manequim-vivo*, devia cultivar, como parte de seu emprego, a linha esculptórica de seu corpo. Naquella especie de doirada prisão, no emtanto, em breve conseguiu fazer face ás mais difficeis tarefas, e com sua desenvoltura e habilidade conquistou as sympathias geraes.

Era impossivel, por outro lado, deixar de querer aquella formosa joven, affavel e serviçal. Sem as coqueterias e frivolidades do ambiente, sua modestia fascinava como uma graça esquisita e rara. No intimo, era feliz, e, sem o saber, communicava a outros a sua felicidade interior. E era feliz porque amava e se sentia amada. Quinto já lhe havia declarado sua paixão, na casa commum, durante um entardecer de outomno, em que contemplavam extasiados o negro manto da noite que se ia cobrindo de estrellas.

E até haviam falado do lar futuro, do destino que garantiriam a seus paes da alegria dos filhos, da belleza do trabalho e do amor e do tumulo unico, um dia longinquo, sob a mesma cruz.

Quinto entretanto, para ajudar a mãe, á espera da idade necessaria para o emprego publico, se empregára como ajudante de um carpinteiro.

Chegava á noite com as mãos dilaceradas e cheirando a cola, mas, em compensação, ganhava um discreto jornal.

Como filho único de mãe viuva, mais tarde se livrou do serviço militar. E depois tentou por todos os meios a seu alcance, a conquista de emprego municipal, que, uma vez conseguido, lhe permittiria solicitar seriamente a mão de Bruna. Suas tentativas, durante longos mezes, tiveram que lutar contra mil obstáculos, e elle se viu afinal, obrigado, pelas circumstancias, a entrar no pessoal da Municipalidade, como humilde funccionario da Administração de Cemiterios. Já como carpinteiro havia adquirido certa familiaridade com os caixões de defuntos, construindo-os e levando-os a seu destino. Não perdeu tempo. Pediu esse logar, e foi nomeado

De Paulo Buzzi

Seu trabalho era tão especial, que elle o executava em fórma de longos passeios em pleno dia. Ao regressar á casa, sem o uniforme, que deixava na Administração, vestia seu traje habitual. Os primeiros ordenados e algumas gorgetas trouxeram-lhe um relativo bem-estar.

Em seus cartões de visita fez gravar estas palavras: "Agente Municipal". E, em que pese ao pouco alegre do emprego, o desafogo economico que lhe significou e conservou mais ditoso do que nunca.

Por aquelle mesmo tempo, Bruna se transformava no principal modelo da sumptuosa *maison*. Tal promoção lhe foi concedida com verdadeiro enthusiasmo. E' que os encantos já visiveis de Bruna amadureceram de repente para convertêl-a em uma deliciosa mulher.

A modesta violeta se transformára em uma esplendida e refinada flor aristocratica. A seductora plasticidade de seu corpo offerecia as maravilhas que só o Supremo Esculptor é capaz de modelar.

Por isso, na *maison*, se impoz tambem agora como um modelo de linhas, conquistando o direito absoluto de reinar sobre suas companheiras, por sua belleza e por sua distincção. Coincidiu essa elevação em sua categoria artistica com o acto inaugural do novo edificio da *maison*, em que uma festa mundana transformou a afamada casa em um verdadeiro theatro. E são os theatros da moda, nestes tempos, uma caracteristica da época.

Em uma ampla sala, pequenas mesas rodeavam uma grande pista atapetada, por onde não sómente passavam os *manequins-vivos*, mas onde ainda a elegante freguezia se entregava ás delicias da dança, impulsionada pelos rythmos de uma orchestra. A' frente, em uma perfeito scenario, de magicos, cambiantes de luzes e em que parceiam agitar-se as mais delicadas flores, o pretexto de uma *creação* fazia surgir, deante dos olhos admirados do publico, a eterna deusa.

Aquella noite, Bruna beijou carinhosamente seus paes e cumprimentou Quinto mais nervosa que de costume. Vestia com uma simplicidade adoravel, que realçava suas linhas com uma elegancia esquisita.

O empregado da Administração de Cemiterios, que acabava de terminar seu trabalho daquelle dia, a seguiu longamente com o olhar, entre surpreso e enciumado. Bruna voltou a cabeça e adivinhou nos olhos de Quinto uma indefinivel ansiedade. Voltou lentamente para seu lado e trocou com elle palavras amaveis. Sentiam-se ambos intranquillos. Quando se afastou definitivamente, Quinto, embargado por loucos presentimentos, procurou em vão repellir suspeitas inexplicaveis.

ATRAVESSANDO um corredor que conduzia a seu camarim, um joven cavalheiro, cliente habitual da casa, se deteve para sussurrar-lhe quasi ao ouvido:

— Você é maravilhosa!

Olharam-se. Uma estranha inquietude se apoderou de Bruna deante daquelles olhos penetrantes, que pareciam despil-a. Visivelmente perturbada, ella conseguiu escapar. Emquanto se vestia, a imagem daquelle homem não abandonava seu espirito.

Quando Bruna appareceu no scenario, previamente anunciada como o *successo* da noite, em circulo de admiração a envolveu. Magnifica, seductora, o esplendido modelo, creação da casa que exhibia, não era, nesse caso, sinão um detalhe sem importancia para ninguem, perante o triumpho de sua belleza esculptural. Seus olhos tropeçaram com os olhos daquelle cavalheiro. Foram dois olhares que se procuraram instinctivamente e ficaram unidos como por um sortilegio. Após a exhibição, Bruna passeou entre as mesas e recebeu as carinhosas homenagens daquellas damas e daquelles senhores, que disputavam sua companhia. Sem proposito, sem discernir entre tantos convites, Bruna se encontrou, de repente, sentada deante daquelle joven, que botava em sua taça um loiro champagne e derramava em seus ouvidos o licor, mais embriagante ainda, de elogios sumptuosos.

*

NO dia seguinte, pela manhã, Quinto, encarregado pelo Administrador de Cemiterios, acompanhava o conductor de uma ambulancia da morgue. Iam a um hotel, no cumprimento de seu officio.

Quando o joven penetrou no aposento, afim de recolher o corpo de uma suicida, um grito de espanto lhe suffocou a garganta. Estava deante do cadaver de Bruna.

O assassinio de Lady Baumfield

UMA manhã, por volta das dez horas, havia muita gente deante do magnifico palacio Baumfield, na avenida de Nova-York.

Espalhára-se, desde bem cêdo, a noticia de que Lady Baumfield fôra assassinada, e que seu cadaver, literalmente coberto de ferimentos, havia sido encontrado em seu quarto de dormir.

As idas e vindas dos representantes da policia augmentavam a curiosidade da multidão que se apinhava deante das portas do palacio. Os *constarceis* procuravam dar passagem aos representantes da justiça, e quando chegou o *attorney* geral, a multidão permaneceu immovel durante as tres horas em que o funccionario esteve no palacio. Ao sahir o *attorney*, logo se notou a presença, entre dois guardas, de um criado que trazia algemas, e todos gritaram:

— Lyncha! Lyncha! Assassino!...

Felizmente, fizeram o preso entrar immediatamente em um auto, para livrál-o das iras populares.

Aquelle criado era John Blackett, que, tendo tido, na vespera, uma tempestuosa discussão com Lady Baumfield, e faltando-lhe ao respeito, foi despedido immediatamente.

Sua prisão fôra determinada por terem sido descobertos rastros de sangue que iam desde o dormitorio da dama até a porta do quarto occupado pelo criado. Além disso, se encontraram manchas de sangue nos lençóes da cama e, detalhe mais grave, Blackett apresentava, em um dos braços, um grande arranhão, que se suppunha feito pela victima.

Devia tratar-se, indiscutivelmente, de uma vingança, porque não se notava nenhuma desordem na casa.

Blackett, ao defender-se, não poude negar a violenta discussão que tivéra com Lady Baumfield. Mas sustentou que ignorava de onde procediam os rastros de sangue e que as manchas dos lençóes era de seu ferimento.

Nenhum dos criados ouvira gritar a velha senhora, e sua *lady's maid*, que declarou tél-a deitado ás onze horas, ajuntou que não ouviu ruido suspeito algum.

Por seu lado, o porteiro não abrira a porta a ninguem, e era evidente, pois, que o assassino morava na casa.

Só John Blackett era o criado mais novo, pois estava no palacio havia apenas tres mezes. Os outros tinham, pelo menos, cinco annos de antiguidade em seu posto.

Os magistrados não haviam vacillado, pois, em ordenar a prisão do criado, apesar de seus violentos protestos de innocencia e seu grande desespero.

O *attorney* Hughes voltou aos tribunaes muito preoccupado, pois as lagrimas do indigitado criminoso o haviam commovido profundamente. Ordenou a seu subalterno Basplitz que se sentasse, e lhe disse:

— Não seguiremos uma falsa pista, Basplitz?

E fixou seus olhos claros e leaes nos olhos de seu auxiliar.

— Estou convencido de que não — respondeu Jorge, sustentando o olhar de seu chefe. — A mesma opinião tem Compell, e o senhor bem sabe que elle não se engana.

— Não nego a perspicacia do *coroner*. Mas esse Blackett não tinha sufficientes motivos de vingança para assassinar lady Baumfield e feril-a com tal selvageria. Além disso, tenho a convicção de que esse homem — não é culpado.

— No emtanto, tudo o accusa.

— Notou você a limpidez de seu olhar, durante o interrogatorio? Ou esse homem é o mais perfeito dos criminosos, ou é innocente. Vou mandar buscar immediatamente seus antecedentes e, si forem bons, necessitarei de outras provas para conserval-o detido. Havemos de ver o resultado.

Os escrupulos do *attorney* haviam provocado um pouco de malestar em Basplitz, que, antes de se separar de seu chefe, lhe suggeriu:

— Por que não realiza o senhor uma investigação parallela por meio de outro detective? Isso tranquillizaria suas apprehensões e nos conduziria mais depressa para a verdade.

— Você tem razão. Mas, si fizermos isso, e Compell se offenderá, e elle não merece que lhe façamos semelhante desconsideração.

— Não digo uma investigação official — tornou Basplitz.

— E' impossivel. O detective a quem encarregasse eu a missão comprehenderia que minha confiança em Compell não era segura. Si minhas suspeitas forem certas, Compell ficará a um nivel muito baixo. Si succeder o contrario, quem ficará mal sou eu.

— E si o senhor entregasse esse caso ao detective francez Roger, que se encontra aqui em perseguição de um ban-

do de ladrões internacionaes? Assim os inconvenientes que indica desappareceriam.

— Oh!... Você me deu uma excellente idéa. Traga-o aqui, mais tarde, e falaremos. Até a vista — disse o *attorney* geral, mais alegre ante a idéa de que poderia tranquillizar sua consciencia.

Mr. Roger recebeu em seu escriptorio a communicação de Hughes, e respondeu telephonicamente que iria ali ás sete horas, não lhe permittindo suas occupações que fosse antes.

O relogio marcava sete horas em ponto, quando chegou o detective francez.

Era um homem de cerca de quarenta annos, estatura mediana, mas vigoroso e resoluto.

Deante do nervosismo de Hughes, comprehendeu que era impacientemente esperado, e quando se lhe fez a proposta de investigar o assassinio de lady Baumfield, não pareceu muito espantado com isso.

Agradeceu ao *attorney*, pela confiança que lhe dispensava, e assegurou-lhe sua completa discreção no caso.

— Posso examinar a victima, o logar onde foi praticado o crime e falar com o indigitado criminoso? — perguntou Roger.

— Quantas vezes o deseje — respondeu Hughes. — Mas, para não ferir a susceptibilidade de Mr. Compell, peço-lhe que diga si o accusado está filiado ao bando de ladrões internacionaes que o senhor persegue.

— Muito bem: já está feito.

— Como feito? — perguntou, espantado, o *attorney*.

— Sim, senhor. Eu quiz verificar si o assassino de lady Baumfield era um de meus clientes, e interroguei Blackett.

— E...? — perguntou ansiosamente Hughes.

— Esse homem é innocente. Em primeiro logar, fui fazer uma visita a Compell, que teve a gentileza de communicar-me tudo o que se refere ao assassinio. Depois, examinei o cadaver da victima e esta me designou a identidade do assassino.

— !...

— Na bôcca do cadaver, encontrei um brilhante que lady Baumfield deve ter arrancado ao morder a mão de seu agressor. Além disso, na unha do dedo annular da mão direita encontrei dois fios de cabellos escuros. Durante a tarde, percorri as principaes joalherias para identificar o brilhante, e ás cinco horas consegui saber onde havia sido vendido.

— E a quem pertence esse brilhante? — inquiriu, avidamente, Hughes.

— Foi comprado por lady Baumfield, pessoalmente, para seu parente Mr. Seamson. Fiz uma rapida investigação a respeito desse *gentleman* e os informes que obtive são, os seguintes: tem cabellos escuros, e desde muito tempo passa as noites no club, onde joga como um desesperado. Tem muito pouca sorte e já perdeu enormes sommas. Na noite passada, chegou muito tarde ao club e seus companheiros o notaram muito desalentado e nervoso. Foram esses os informes que consegui — terminou dizendo o detective.

As trevas se esclareceram graças ao cuidado meticuloso com que fôra examinado o cadaver. No emtanto, isso não era prova sufficiente para determinar a prisão de um personagem de tal alta categoria como Seamson, e, embora aliviado pelo descobrimento do brilhante e dos cabellos escuros, que quasi provavam a innocencia de Blackett, Hughes exclamou:

— Não temos provas concludentes para deter Seamson, e não vejo muito bem o movel do crime, uma vez que lady Baumfield não tinha outro herdeiro além delle. Mas, como provar o crime?

— Concede-me vinte e quatro horas, Mr. Hughes? — perguntou Roger.

— Quarenta e oito, si o deseja — respondeu o *attorney*. — Vou dar ordens no sentido de ser posto em liberdade Blackett.

(*Conclúe na pagina seguinte*)

O ASSASSINIO DE LADY BAUMFIELD — (Continuação)

— Confie-o a mim, e mantenha em segredo sua liberdade. Elle poderá ser-me util.

Aquella noite, o detective começava suas pesquisas. Jogador impenitente, e bem pouco abalado, apparentemente, pela morte tragica de sua parenta, Seamson estava no club e repartia as cartas, emquanto seu companheiro olhava dissimuladamente uma ferida que tinha o *gentleman* no annular da mão direita, onde tambem, havia a marca de um anel usado durante muito tempo.

O detective Roger — pois era elle o companheiro de jogo de Seamson, — poude ouvir que varios socios se manifestavam espantados pelo desapparecimento do anel com o brilhante, attribuindo-o a uma venda forçada para saldar uma divida de jogo.

Quando, na manhã seguinte, Roger communicou ao *attorney* a presença de Seamson no club, Hughes manifestou claramente seu assombro. Aquella falta de delicadeza, de sentido moral, aggravava a situação do supposto assassino; de modo que, immediatamente, mandou chamar Campbell.

Este ficou boquiaberto quando o *attorney* ordenou:

— Acompanhado de Mr. Roger, o senhor irá effectuar uma diligencia em casa de Mr. Seamson, unico parente de lady Baumfield. Seu collega, talvez, acha que elle pertence a um bando de ladrões

A ILHA PHANTASMA

O recente regresso da expedição arctica britannica, commandada por Frank Worsley, actualizou o famoso caso da ilha phantasma nos mares polares.

O relatorio, telegraphado pelo commandante ao "North American Newspaper Alliance", diz num paragrapho:

"Uma tentativa final de romper a barreira de gelo permittiu á tripulação do "Islandia" verificar a existencia, aos 81,30 de latitude Norte da Terra de Gillis, da famosa ilha phantasma, cuja presença foi assignalada ha duzentos annos. O estado da barreira de gelo e o perigo do mar, que se ia gelando progressivamente em torno da nave, nos forçaram a retirar-nos sem uma definitiva solução do problema; entretanto, tres vezes a refracção nos revelou claramente a fórma da terra naquella direcção".

Assim fala Worsley, deixando, no emtanto, sem resposta tantas apaixonadas interogações de estudiosos e navegantes, e pondo numa aureola de gloria em torno do martyrio daquelle que, com seu ultimo suspiro, quiz revelar um prodigio da natureza.

Eis aqui, succintamente, o diario do capitão Fritjof:

2 de agosto de 1702. — O "Olans", com o leme quebrado, vae á mercê do destino. Não podemos concentrál-o: o frio é intenso e os gelos se accumulam em torno, mas a violencia das ondas rompem as barreiras com grande estrépito. A escuridão é impenetravel.

8 de agosto. — Sempre o mesmo tempo, aggravado com rajadas de neve e de chuva. Não podemos precisar bem onde estamos, mas creio que será á altura do cabo Leigh Smith.

Tentamos a fazer um leme provisorio, mas o mar destróe nossa obra.

8 de agosto. — Passamos dias horriveis, com a continua ameaça de uma catastrophe. Dois marinheiros se acham enfermos. Os outros seis, como eu, mortos de fome e de fadiga.

Nossa posição continúa sendo critica e resistimos com a energia do desespero. Notei que o gelo e a corrente nos arrastam para Éste.

A tarde, as brumas desapparecem, o horizonte é mais amplo e um grito de emoção se escapa de nossos peitos. Terra á prôa!...

Vemos nitidamente uma cortina rocosa que resalta, com sua côr escura, sobre a brancura do *ice-field*. Olho-a atónito e assesto o binoculo.

Não é a terra de Gillis, ainda muito distante do "Olans" e de contornos bem diversos.

9 de agosto. — A terra está aqui, deante de nós, a algumas centenas de metros. Os marinheiros gritam alegremente, porque o tempo é bom e elles esperam achar alguma coisa para comer. Posso estabelecer o ponto 32° de longitude Éste: 80'31" de latitude Norte. Descobri uma nova ilha, e digo ilha porque tudo permitte suppôr a pouca extensão do territorio.

Podemos desembarcar, e quatro homens e eu pomos o pé na ilha. A costa é rispida e uniforme, como uma muralha de granito, a dez metros sobre o nivel do mar. Deante de nós se extende uma explanada cheia de penhascos e montes de gelo. Ao longe, uma especie de gradil rocoso corta o horizonte. A desillusão fôra muito forte, si não descobrissemos evidentes rastros de animaes. Pudemos capturar duas pequenas phocas.

11 de agosto. — Sahi com Sigurd para uma ultima exploração da ilha. Depois de termos conseguido concertar mal ou bem o leme do "Olans", poderemos tentar o regresso através do *ice-field* não muito compacto.

Uma neve impenetravel nos

MADEMOISELLE

MADEMOISELLE ganhou esse nome, porque já fala dos homens, e com certeza já conhece o gostinho das coisas da sua idade...

Madeimoselle não sabe... Mademoiselle tem só de mulher esses sapatinhos altos, esse corpinho flexivel...

Mademoiselle, sem isso, é qualquer menina de olhos bonitos, que bem póde ter uma collecção de bonecas loirinhas como as francezas, morenas como as americanas...

Mas, mademoiselle já discute tambem questões da Biblia, questões de sociologia — a mulher no lar — e quem não pode deixar de acreditar que não é mesmo uma mademoiselle?

Mademoiselle é differente, um pouquinho das outras, que, si puzessem sapatinhos altos e vestidos compridos, seriam outras mademoiselles tambem...

As outras amiguinhas têm, em cada principe de cinema, um figurino pa

O ASSASSINIO DE LADY BAUMFIELD — (Conclusão)

internacionaes e, certamente, farão ali alguma descoberta sensacional.

Um quarto de hora mais tarde, se realizava a diligencia, a despeito dos vehementes protestos de Mr. Seamson. Durante a visita, Roger tomou, de repente, a mão direita do jogador, e, olhando-a attentamente, disse:

— O anel que o senhor usava aqui lhe causou um ferimento, ao tirál-o...

Seamson empallideceu, e não respondeu.

Campbell não comprehendeu o motivo da observação de seu collega, nem muito menos porque este ficou cheio de contentamento ao descobrir, em uma gavetinha de uma *secretaire*, um anel a que faltava a pedra.

Mas comprehendeu tudo quando encontraram, em uma gaveta, umas roupas ensanguentadas.

Deante dessas provas e das perguntas desconcertantes do detective Roger, Seamson se viu perdido. Procurou fugir pela janella. Mas, segaro a tempo, confessou seu crime, declarando que o havia commettido para herdar mais depressa a fortuna de lady Baumfield. Accrescentou, mais tarde, que elle mesmo poz o rastro de sangue até a porta do aposento de Blackett, para que julgassem que tinha sido elle o assassino.

A. Vignon

De Victor Martella

aconselha a voltarmos a bordo. Caminhamos durante longo tempo e não vemos o "Olans". Que aconteceu? Falo sobre isso a Sigurd.

— O senhor tem razão, commandante — diz-me elle. — Subamos a um ponto mais alto, agora que a atmosphera está mais clara.

Dito e feito. Nada. Gelo e mais gelo, e ao longe, o gradil rocoso. Olhamo-nos aterrados.

— Sigurd!

— Commandante!

— Ou estamos loucos, ou occorreu alguma coisa diabolica.

— Receio-o. A barreira que estava á nossa frente, na ida...

— Devia estar atraz, na volta...

— Como é, então, que a vemos no mesmo logar?...

— Teremos errado o caminho?

— Impossivel!... Não se erra um caminho quando se segue uma costa, como o fizemos.

— Então?...

Não respondi. Eu tremia de angustia ao me lembrar de alguma coisa que tinha ouvido alhures. Aquella terra onde nos encontravamos não seria a Ilha Phantasma, de que falavam os marinheiros.

E si assim fosse?

— Sigurd — disse eu, tremendo. — chegamos ás zonas infernaes. Recordas a Ilha Phantasma?

— Como?!... Acaso...?

— Sim: receio que sim. Coragem! Apressemo-nos e salvemo-nos, si fôr possivel!

Presa de um terror panico, corremos atirando fóra tudo quanto nos pudesse estorvar na fuga.

Que terrivel peregrinação!

Com as pernas anniquiladas, chegamos á parte mais alta, e um grito de desespero escapou de nossos labios.

Longe, muito longe, distinguimos apenas o "Olans"... A noite nos surprehendeu naquella contemplação.

12 de agosto. — Com as primeiras luzes do amanhecer, descemos pela pendente. Nada!... O "Olans" desapparecera e o mar, quasi livre, nos cerca!

Olhamos em torno e estremecemos de espanto.

— Sigurd — exclamo: — estamos perdidos! Comprehendi o mysterio: a Ilha Phantasma gira sobre si mesma: a terra é apenas uma monstruosa alma erradia vagando pelas solidões polares.

20 de agosto. — Não sei como posso escrever. Oito dias vivendo em uma gruta, de uma inenarravel maneira. Minha convicção sobre a natureza da ilha se torna cada vez mais tenaz. Em minha desesperação encontrei energias para comprovar a hypothese infernal e poder maldizer nosso destino. A ilha treme. Ouvem-se ruidos estranhos, que não chego a comprehender.

24 de agosto. — Sigurd morreu de esgottamento e de espanto. Eu sobrevivo no terror. A ilha vacilla... Que ha, meu Deus?

Uma commoção formidavel derriba-me sobre o corpo do pobre Sigurd. Levanto-me e me ponho a correr, sem saber para onde... O gelo se abre em rachaduras, rangs... Cáe sobre a ilha uma immensa avalanche de blocos de gelo. Soccorro!... E precipito-me no abysmo com a mole da Ilha Phantasma!...

Não me recordo de mais nada. Apenas me vi em uma lancha, entre esquimáos, que me falam em seu idioma quasi incomprehensivel."

. . . .

E' esse o tragico diario do capitão Fritjof, ao qual elle mesmo, depois de uma vasta lacuna, deve ter accrescentado a dolorosa conclusão:

"Agonizo entre pessôas que não me querem, porque dizem que me recolheram no "Berço do Diabo." Tal é o nome que dão á Ilha Phantasma. Por que?... Talvez conheçam a phantastica emigração dessa terra sinistra."

---

ra a escolha do noivo, mais elegante que os das historias de fada... E mademoiselle pensa mais, como mulher... Mademoiselle entende de psychologia. mademoiselle vive tambem... Em vez da vóvó carregada de tristeza, mademoiselle tem bibliotheca para contar aquillo que nem toda vóvó póde contar, porque só se aprende com o tempo e a vida...

Ainda fala dos homens...

Um dia a gente conhece a verdade. Si vóvó soubesse, si mademoiselle conhecesse a mamãe na sua idade... mademoiselle não gostaria da severidade dos velhos, e saberia que, no tempo do papae ou da mamãe, as meninas não tinham pyjamas e nem pensavam em sapatinhos altos, homens para casamento...

Mademoiselle não gostaria...

Tudo foge, tudo muda...

Mademoiselle que fale dos homens, mademoiselle que os conheça-os todos...

Os homens differem muito. Ha muitos e tão designaes...

Helio Carlos

(*Continuação do numero anterior*)

Com a passagem repetina da obscuridade para a luz, as palpebras agitavam-se-lhe num piscar continuo, emquanto os seus olhos de myope procuravam fixar-nos. Não obstante estar longe de ser bella, havia na expressão e nos modos dessa creatura uma certa e patente nobreza. A sua vóz e os seus gestos tinham um não sei que, que impunham respeito e até admiração.

Sherlock, Holmes, pondo-lhe levemente a mão no hombro, deu-lhe vóz de prisão. Ella repelliu-o com uma doçura altiva, que o obrigou a obedecer.

O professor, estirado na poltrona, contemplava-a com um ar succumbido.

— Está bem, exclamou. Sou sua prisioneira. Ouvi tudo quanto disseram e confirmo que descobriram a verdade. Confesso que fui eu quem matou o secretario, e tinham razão ao suppôrem que essa morte foi incidental e não premeditada. Só depois de o ferir é que eu reparei no objecto de que me servira. Antes, não. Tomei, ao acaso, de sobre a secretária, o primeiro objecto que achei á mão. Juro-lhe que foi assim!

— Já sabia isso, senhora, confirmou Holmes.

E reparando melhor nella:

— A sua apparente serenidade encobre um grande soffrimento, não é assim?

A estas palavras do meu amigo, pareceu-me tambem divisar uma intensa pallidez sob a camada de pó que lhe mascarava o rosto.

A estrangeira assentou-se junto da cama do professor e continuou:

— Quero explicar-lhes tudo, emquanto é tempo. Eu sou esposa deste homem e elle não é inglez, é russo. O nome verdadeiro, aquelle que usava dantes não precisam os senhores de o saber.

O velho, que, desde a scena magica do armario, cahira num mutismo attonito, balbuciou pela primeira vez:

— Deus seja comtigo, Anna! Deus te abençoe!

Ella lançou-lhe um olhar carregado do maximo desprezo e redarguiu-lhe:

— Porque tens tu tanto apego á tua vida, miseravel Sergio? Fizeste mal a muita gente. Bem, nunca o fizeste a pessoa alguma, nem sequer a ti proprio. Apesar disso, não me compete a mim cortar o fio da tua existencia. Deus o cortará quando entender, porque já não é pequeno o peso que me deixou na consciencia o lugubre acontecimnto que se passou nesta casa.... Mas vamos ao que importa, quando não, será tarde demais...

Disse-lhe, senhor — e voltou-se para Sherlock — sou esposa deste homem. Quando casamos, tinha eu vinte e quatro annos apenas e elle cincoenta já feitos. O nosso enlace realizou-se numa cidade universitaria cujo nome não vem ao caso.

A LUNETA DE

(Sherlock Holmes)

— Deus te proteja, Anna! tornou a exclamar o professor.

— Ambos nós éramos renovadores, revolucionarios, ou, para melhor dizer, nihilistas. Nós ambos e muitos outros. Por occasião de um conflicto popular, um

ORCHIDEAS

"LENDA DE LUAR"

A claridade azul "lamé" da noite,
entra em ondas de luz no aposento.
Estendida no meu divan,
cercada de almofadas,
olho sonhadora em torno de mim,
o pensamento longinquo...
De repente, a luz azul alaranjada
de um "abat-jour",
faz dansar nas paredes
sombras loucas.
Como minhas bonecas são bizarras,
nessa meia obscuridade!
Ellas me parecem olhar espantadas,
e como esse crystal multicor
muda meu ambiente!
Ah! lá estão perto da janella
cabecinhas de flôres
que o ar fresco da noite
acaricia...
Minhas flôres, minhas orchideas!...
E penso no amigo que está longe
e que mandou á desconhecida
essas flôres ideaes,
como mensageiras do seu pensamento,
em memoria do nosso mez.
Orchideas! Flôres mysteriosas,
eu as olho como um ideal concebido
que não se póde attingir,
e ouso apenas tocál-as!
Ellas têm um segredo,
essas petalas avelludadas:
dir-se-iam flôres entreabertas

AROS DE OURO

Por Conan Doyle

dos nossos matou um policia. Effectuaram-se bastantes prisões, mas não havia provas contra ninguem. Então, meu marido, para se livrar de perseguições e para ganhar uma quantia avultada, atraiçoou-me e os seus camaradas! O resultado da denuncia foi sermos todos presos. Alguns morreram fuzilados, outros foram desterrados para a Siberia. Eu entrei no numero destes ultimos.

Não fui, porém, condemnada á pena perpetua, como succedeu aos meus companheiros de infortunio. Meu marido, locupletado com o dinheiro que tão infamemente adquirira, refugiou-se na Inglaterra e aqui passou a viver. Elle bem sabia que se algum dos nossos irmãos descobrisse o seu paradeiro, não decorreria uma semana sem que lhe fosse feita a justiça devida...

O velho, accendendo com a mão tremula um cigarro, balbuciou lamentosamente:

— Estou nas tuas mãos, Anna! Confio em ti que sempre foste generosa e boa!

— Deixem-me acabar de lhes mostrar a maldade que se aninha no coração deste homem. Entre os nossos camaradas havia um a quem eu era ligada como a um irmão. Era um caracter nobilissimo e que tinha todas as qualidades que a meu marido faltavam. Tinha a bondade dum santo e reprovava qualquer acto de propaganda que implicasse violencia. De forma que, sendo nós todos culpados aos olhos da lei, era esse companheiro o unico innocente á face della.

Escrevia-nos frequentemente para procurar dissuadir-nos de praticarmos actos de violencia. Essas cartas, se fossem apresentadas no julgamento, dar-lhe-iam uma absolvição certa e segura.

O meu diario, onde eu annotava os seus conselhos e as nossas acções, serviria de reforço a essas cartas. Pois meu marido apossou-se tanto de umas como dos outros documentos e denunciou-o tambem como implicado no movimento! Aleixo foi enviado para a Siberia e lá está trabalhando, entre forçados, numa mina de sal.

Reflicta, Sergio, na infamia que commetteu! Esse adoravel Aleixo, cujo nome o senhor é indigno de pronunciar, vive e trabalha como um escravo. Reflicta nisto e considere, Sergio, que consenti que o senhor vivesse ainda, apesar de ter a sua existencia nas minhas mãos!

— Tu sempre foste uma nobre mulher, Anna! exclamou o velho, fumando tremulamente.

E' preciso que eu conclua a minha narrativa, accrescentou a nihilista. Quando acabei de cumprir a pena a que fui condemnada, procurei reapossar-me do meu diario e das cartas. Tencionava envial-as ao governo russo, porque logo que fossem conhecidas officialmente seria restituido, á liberdade o desgraçado Aleixo.

Sabia que meu marido se refugiara na Inglaterra e depois de longos mezes de infructiferas investigações, consegui conhecer o logar do paiz onde fixara a residencia. Sabia tambem que tinha ainda em seu poder o meu diario intimo, visto ter recebido na Siberia differentes cartas com recriminações motivadas por essas paginas. Citava até passagens inteiras.

---

nos crepusculos outomnaes.
Devem ter uma lenda, as orchideas!
A brisa da noite contou-me
que a primeira orchidea que desabrochou
era rosa, de uma rosa aquarella,
e ella olhou a vida, fremente,
a esperança nas suas veias.
Mas quando ella viu a vida,
curvou-se para a terra, scismadora,
e as suas petalas tomaram
esse tom cyclamem.
Desde então, as orchideas
são umas florezinhas tristes,
pensativas, muito delicadas,
curvadas sobre ellas mesmas,
suas vidas fugaces
precisam de grandes cuidados.
Ellas morrem sempre
como n'um sonho:
dolentes, incomprehendidas...

. . . .

Minha luz se apaga...;
a flôr que eu machuco
entre meus dedos nervosos
soluça e desmaia
no meu tapete...
Fico um pouco
os olhos semi-cerrados,
o pensamento distante,
e depois adormeço perturbada...
Sonho... Sonho...
que sou uma orchidea.

TATAIRA TAÚ

Conheço Sergio de sobra para pôr de lado a hypothese de uma entrega voluntaria dos preciosos documentos. De modo que resolvi apossar-me delles, independentemente de consentimento. O segundo secretario que contractou era um agente ás minhas ordens. Por informações delle, alcancei a certeza de que os papeis estavam guardados no armazem da secretaria.

Obtive, alem disso, pelo mesmo agente, um molde da fechadura. Os serviços que me prestou reduziram-se a isso e a fornecer-me uma planta da casa, com a indicação de que o gabinete de trabalho estava sem ninguem quasi todas as manhãs. Enchi-me de coragem e puz mãos á obra.

Acabava de readquirir os documentos, quando o pobre rapaz me surprehendeu. Eu tinha-o visto já, pela manhã, e perguntara-lhe onde era a casa do professor Coram. Estava, porem, longe de imaginar que estivesse ao serviço do meu marido.

— Perfeitamente! perfeitamente! commentou Sherlock. Willaughby Smith, ao regressar á casa, falou no encontro que teve com a senhora e as palavras que pronunciou durante a agonia são agora de facil explicação...

— Deixe-me concluir... accrescentou a dama russa numa vóz secca e rapida, ao mesmo tempo que as suas feições se contrahiam numa manifestação de violenta dôr physica. Quando vi que tinha assassinado o secretario, deitei a fugir. Enganei-me, porém, no caminho e vim deparar com meu marido cuja primeira intenção foi denunciar-me. Eu ameacei-o de que se fizesse tal o entregaria á vindicta dos nossos companheiros nihilistas. Conhece bem o meu caracter e sabe que cumpriria a ameaça. Cedeu, por isso, atemorisado e occultou-me naquelle armario, ficando combinado entre ambos que logo que findasse o inquerito policial eu desappareceria para sempre das vistas delle. Se acceitei o refugio que meu marido me propoz, não foi porque tenha em algum apreço, a minha vida, mas porque ella me era precisa para levar a cabo uma obra de redempção e de justiça.

E tirando do seio um maço de papeis, exclamou:

— Vão ouvir as minhas ultimas palavras. Estes papeis salvarão o innocente Aleixo. Estão confiados á honra dos senhores e aos seus sentimentos de altruismo e de humanidade. Entreguem-nos na embaixada da Russia. E agora... tudo esta acabado... Cumpri a minha missão e...

Sherlock num pulo avançou para ella e arrancou-lhe das mãos um pequeno frasco de crystal.

— E' tarde! bradou a energica mulher, tombando sobre o leito. E' tarde! Tomei todo o veneno que estava nelle, antes de sahir do esconderijo. Sinto a cabeça á roda... Vou morrer... Não se esqueçam do meu pedido!

— Ao regressarmos a Londres no caminho de ferro, Sherlock veiu fazendo o commentario dos acontecimentos do dia.

— Esta investigação, disse elle, foi simples, mas nem por isso deixou de ser instructiva. A luneta foi o eixo principal de todo o nosso inquerito. Se por felicidade o moribundo não tivesse deitado as mãos ao cordão, o problema teria, talvez, ficado irresoluvel. Pela graduação das lentes, era facil concluir que quem a usava, nada veria sem ella. Quando você, Hopkins, me quiz fazer acreditar que o criminoso ou criminosa teria sahido pelo mesmo caminho por onde viera, isto é, pelo sitio onde a relva estava machucada, eu — lembra-se? — manifestei opinião em contrario.

E' que isso só seria admissivel se ella tivesse conseguido arranjar outra luneta do mesmo grau.

Conseguintemente, occorreu-me logo a idéa de que a mulher se tinha escondido no proprio theatro do crime. Quando notei a semelhança dos dois corredores, acudiu-me que ella se pudesse ter enganado e que fosse sem querer encontrar-se com o professor. Procurei, portanto, alguns dados que viessem corroborar a minha supposição. O tapete do quarto é inteiriço e está pregado. Exclui, pois, a hypothese de um alçapão. E inclinei-me a suppor que entre as portas que fechavam as estantes, houvesse alguma de egual formato, que correspondesse a um armario. E' isto vulgar nas bibliothecas antigas.

Que porta seria? Em frente de quasi todas, havia livros empilhados sobre o tapete, excepto uma dellas. Puz-me então a fumar um grande numero de cigarros, tendo o cuidado de deixar cahir a cinza deante do local suspeito. A conversa que tive com a governante na sua presença, Watson, levou-me á convicção de que as refeições do velho eram maiores do que habitualmente. Você estava a cem leguas de imaginar que eu estava já na desconfiança de que a comida que ia para o quarto do homem era para duas pessoas. Não é assim?

Vimos depois para o jardim e, quando mais tarde regressamos ao gabinete do velho entornei propositalmente os cigarros para ter occasião de verificar de perto se na cinza que deitara para o tapete havia alguns vestigios. Lá estavam, com effeito. A prisioneira tinha, portanto, sahido do esconderijo durante a nossa ausencia.

Chegamos. Apeemo-nos. E você meu caro Hopkins aceite os meus parabens pelo bom desenlace de seus trabalhos. Provavelmente dirige-se daqui para a Repartição Central da Policia. Eu e Watson temos de ir á embaixada russa. Até á vista".

FIM DA LUNETA DE AROS DE OURO

No proximo numero do mesmo autor:

A NODOA DE SANGUE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 40$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 65$000
Semestre (26 ») .... 35$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 60$000
Semestre (26 ») .... 35$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 95$000
Semestre (26 ») .... 50$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2-4136

Director: 2-0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON-FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23 Ludgate Hill, Londres

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ...... 1$500